

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD

Anderson Silva Prates

**O BULLYING, A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS E A
DISCRIMINAÇÃO DO CORPO FEMININO NO AMBIENTE
ESCOLAR FRENTE O OLHAR DE ARTISTAS
CONTEMPORÂNEAS**

Rio de Janeiro
2020



Anderson Silva Prates

**O BULLYING, A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS E A DISCRIMINAÇÃO DO CORPO
FEMININO NO AMBIENTE ESCOLAR FRENTE O OLHAR DE ARTISTAS
CONTEMPORÂNEAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Orientador (a): Professora Dra. Alessandra Oliveira da Silva Caetano.

Rio de Janeiro
2020

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

P912 Prates, Anderson Silva

O bullying, a influência das mídias e a discriminação do corpo feminino no ambiente escolar frente o olhar de artistas contemporâneas / Anderson Silva Prates. - Rio de Janeiro, 2020.

109 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Alessandra Oliveira da Silva Caetano.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Imagem corporal em mulheres. 3. Beleza física (Estética). 4. Arte contemporânea. I. Caetano, Alessandra Oliveira da Silva. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Anderson Silva Prates

**O BULLYING, A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS E A DISCRIMINAÇÃO DO CORPO
FEMININO NO AMBIENTE ESCOLAR FRENTE O OLHAR DE ARTISTAS
CONTEMPORÂNEAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Prof. ^a Dr. ^a Alessandra Oliveira da Silva Caetano
EAV (EAD) – DAV, Colégio Pedro II

Prof. ^a Me. Valquíria Cordeiro Fernandes
EAV (EAD) – DAV, Colégio Pedro II

Prof. ^a Me. Viviane Viana de Souza
DAV, Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2020

Primeiramente dedico este trabalho a Deus que em toda sua sabedoria guia meus passos na direção de uma vida mais consciente e ponderada, a minha mãe Ioná Silva Prates (*In Memoriam*), ao meu pai Arari Ezequiel Prates, pois juntos são a razão para que eu nunca desista de alcançar sonhos muitas vezes considerados, por mim e não por eles, como inalcançáveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai pelo apoio e companheirismo nos momentos de dificuldades.

Agradeço a Professora Dra. Alessandra Oliveira da Silva Caetano por sua pontualidade e preocupação quanto a orientação deste trabalho.

Agradeço a professora Tathiana Cassiano por ser uma inspiração.

Agradeço a professora Onice Sansonowicz pelo seu ativismo enquanto professora e mulher.

Agradeço a professora Daniela Chilomer pelo apoio.

Uma mulher que não tem controle sobre seu
corpo não pode ser uma mulher livre.

(Margaret Sanger)

RESUMO

PRATES, Anderson Silva. **O bullying e a discriminação do corpo feminino no ambiente escolar frente o olhar de artistas contemporâneas**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

A proposta deste trabalho é apresentar um produto educacional, na forma de uma sequência didática, voltado para as aulas de Arte, que possa contribuir com a desconstrução e a ressignificação de ideias construídas historicamente sobre o corpo feminino e a ideia de beleza. A intenção é colaborar para que o *bullying* e a discriminação do corpo feminino no ambiente escolar, deixem de ser uma prática comum que impõe a opressão e a exclusão. Para tanto, destaca-se a produção de Arte Contemporânea realizada por mulheres como um instrumento de denúncia e reflexão, que na contemporaneidade avaliam a imposição de um padrão de beleza influenciado pelas mídias. Realidade que afeta as mulheres desde a infância e que pode provocar frustração, desconforto, tristeza e depressão. Nesse sentido, autores como Chicote e Martins (2009), Silva (2010), Andrade e Bosi (2003), Boris e Cesídio (2007), Moreno (2016), Loponte (1998, 2012) e outros, fundamentam este trabalho.

Palavras-chave: *Bullying*. Corpo feminino. Mídias. Arte Contemporânea. Beleza.

ABSTRACT

PRATES, Anderson Silva. **O bullying e a discriminação do corpo feminino no ambiente escolar frente o olhar de artistas contemporâneas.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

The purpose of this work is to present an educational product, in the form of a didactic sequence, geared towards Art classes, which can contribute to the deconstruction and reframing of ideas historically constructed about the female body and the idea of beauty. The intention is to collaborate so that bullying and discrimination against the female body in the school environment, cease to be a common practice that imposes oppression and exclusion. To this end, the production of Contemporary Art by women stands out as an instrument of denunciation and reflection, which in contemporary times evaluate the imposition of a standard of beauty influenced by the media. Reality that affects women since childhood and that can cause frustration, discomfort, sadness and depression. In this sense, authors such as Chicote and Martins (2009), Silva (2010), Andrade and Bosi (2003), Boris and Cesídio (2007), Moreno (2016), Loponte (1998, 2012) and others, support this work.

Keywords: Bullying. Female body. Media. Contemporary Art. Beauty.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 1:** Jean-Baptiste Debret. Um funcionário a passeio com sua família, 1839. Aquarela sobre litografia. Dimensão: 21,7 x 34,2 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP.20
- Imagem 2:** Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo (Di Cavalcanti). Samba, 1925. Óleo sobre tela. Dimensão: 177 x 154 cm. Destruída em um incêndio no Rio de Janeiro, em 13/08/2012.21
- Imagem 3:** Itaipava 100% - Faça sua escolha21
- Imagem 4:** Dielly Santos, 17 anos, Revista Capricho.28
- Imagem 5:** Liliana, 8 anos, A Soma de Todos os Afetos.....28
- Imagem 6:** Nova coleção da linha Barbie Fashionistas.....37
- Imagem 7:** Nazareth Pacheco. Sem Título, 1997. Cristal, miçanga e gilete. Dimensão: 129 x 39,5 x 8 cm. Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP.....53
- Imagem 8:** Rosana Paulino. Sem Título, 1997. Xerografia e linha sobre tecido montado em bastidor. Dimensão: 31,3 x 310 cm. Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP...55
- Imagem 9:** Márcia X. Desenhando com terços, 2000 – 2003. Performance e Instalação. Camisola branca e terços.....56
- Imagem 10:** Santarosa Barreto. Brasil e suas reflexões cotidianas ou Brasil neon. 2016. Neon, fios elétricos e transformador. Dimensão: 63 x 152 x 2 cm. Catálogo Virtual do Museu de Arte Brasileira.....57
- Imagem 11:** Rosa Luz. Mulher trans eliminada ou O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo! Autorretrato de Rosa Luz, 2015. Acervo pessoal.....59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IC - Intervalo de Confiança

RP - Razão de Prevalências

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A PERVERSIDADE HISTÓRICA QUANTO AO ESTEREÓTIPO IDEALIZADO DO CORPO FEMININO.....	18
3 BULLYING: O DRAMA NAS ESCOLAS E A NECESSIDADE DE MEDIDAS PREVENTIVAS SOCIO EDUCATIVAS.....	25
4 MÍDIAS: A INFLUÊNCIA NEGATIVA SOBRE O CORPO FEMININO DESDE A INFÂNCIA.....	31
5 REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO NAS ARTES VISUAIS.....	41
6 O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA: UMA POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO AO BULLYING.....	45
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICE A - PRODUTO EDUCACIONAL.....	69

1 INTRODUÇÃO

Motivado por observações construídas ao longo de quase vinte anos de magistério, vividos na rede pública e privada, atuando tanto no Ensino Fundamental nas séries iniciais/finais e também no Ensino Médio, o autor deste trabalho percebeu a influência negativa que as mídias podem provocar sobre diversas mulheres desde a infância, impondo um padrão estético de beleza que oprime e exclui.

Este autor, para além das suas vivências, mas principalmente a partir da leitura de diversos autores que se debruçaram sobre a possível relação existente entre a influência negativa das mídias e o *bullying* escolar, percebe que há a constatação da valorização do corpo magro/atlético (não necessariamente saudável) e com traço europeu, tanto no que se refere ao corpo masculino, mas principalmente quanto ao corpo feminino. Contribuindo, assim, para que ocorra a prática da violência escolar, afetando a todos, mas, especialmente as alunas e as suas famílias.

A partir dessas observações e estudos, o autor deste trabalho desenvolveu a ideia de criar um produto educacional, na forma de uma sequência didática, destinado as (os) professoras (es) de arte e também as (os) alunas (os) do terceiro ano do Ensino Médio, com dezessete anos em média, e que na interação com a Arte Contemporânea, possa ajudar a diminuir os casos de violência e de discriminação do corpo feminino no ambiente escolar.

É importante registrar o entendimento que este autor tem sobre a Arte Contemporânea, pois compreende que é uma forma de expressão artística que também está baseada em aspectos problematizadores de diversas questões sociais, sob um ponto de vista crítico e plural, e que por essa razão, pode possibilitar o debate de temas como corpo, mídia e o feminino a partir de outros olhares que não apenas aqueles voltados para o consumo.

Nesse sentido, quanto ao uso do produto educacional, caberá a (o) professora (or) de Arte aproximar as (os) alunas (os) da produção artística contemporânea através da leitura de textos biográficos, da leitura de imagens e da produção de atividades artísticas. Para assim, promover um debate crítico sobre as representações do corpo e do feminino em diferentes instâncias visuais. É importante também que a (o) professora (or) de Arte estabeleça relação entre a produção artística contemporânea com os temas: o *bullying*, o corpo feminino e a influência das mídias.

A intenção é que utilizem o produto educacional como uma ferramenta didático/metodológica para que dessa forma, a partir das atividades artísticas construídas pelas

(os) alunas (os) e apresentadas em uma exposição artística, todas (os) as (os) alunas (os) da Escola, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, assim como a comunidade escolar possam repensar suas ações e promover um ambiente de inclusão, de boa convivência e harmonia.

Para a realização do produto educacional buscou-se como referência a Arte Contemporânea produzida por mulheres. A partir de uma visão inclusiva, que compreende e reconhece a necessidade de se dar voz a pluralidade de narrativas femininas expressadas artisticamente, bem como as diferentes identidades, este estudo considera importante legitimar, no sentido de auto afirmar e assegurar o direito a expressão artística à todas as mulheres.

As artistas Nazareth Pacheco, Rosana Paulino, Marcia X, Santarosa Barreto e Rosa Luz, denunciam através de alguns de seus trabalhos, de modo crítico e reflexivo, um pensamento que impõe um padrão de beleza que para muitas mulheres pode provocar alguns sintomas como: frustração, desconforto, tristeza e depressão.

Após selecionar as referências artísticas realizou-se uma revisão literária que fundamentasse o produto educacional. Sendo assim, a pesquisa foi dividida em três eixos que se inter-relacionam:

1. *Bullying*: o drama nas escolas e a necessidade de medidas preventivas socioeducativas;
2. Mídias: a influência negativa sobre o corpo feminino desde a infância;
3. O ensino da arte contemporânea: uma possibilidade de enfrentamento ao *bullying*.

Com relação a construção deste trabalho de pesquisa, é importante registrar que a metodologia escolhida incluiu além do resgate de vivências docentes do autor deste trabalho, a consulta a pesquisas realizadas por órgãos e entidades que produziram estudos e publicações sobre o fenômeno do *bullying*, servindo assim como fundamentação e embasamento para visão deste autor sobre o tema.

Sobre a metodologia utilizada é importante esclarecer que o autor não realizou uma pesquisa quantitativa, pois precisou levar em consideração o contexto histórico mundial que se vive em 2020, decorrente de uma pandemia relacionada ao COVID – 19. Com isso, houve a necessidade imprescindível do distanciamento social, e, portanto, foi importante se apropriar dos estudos, quantitativos e qualitativos, realizados por outros pesquisadores.

O autor também se apropriou de depoimentos de vítimas do *bullying* no ambiente escolar, apresentados de forma não acadêmica, como por exemplo, revistas de grande circulação e *blogs*, pois aproximam o leitor da realidade encontrada em muitas escolas, imprimindo assim, um aspecto mais emocional e humano.

Autores como Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), Beatriz Oliveira Pereira (2011), Fernando Marcelo Melim (2013), Irlandina de Paula Macedo Chicote (2009), Andréia Mendes dos Santos (2014), Cléo Fante (2005), Saskia Lavyne Barbosa da Silva (2014), entre tantos outros pesquisadores, versam através de suas pesquisas que o *bullying* é um problema de saúde pública, que é de alguma forma o retrato de uma sociedade com altos índices de violência e que são necessárias ações preventivas no ambiente escolar.

As pesquisas relacionadas ao *bullying* revelam que são variadas as formas de violência praticadas na escola. Algumas meninas são vítimas desse tipo de violência. São geralmente consideradas pelo agressor, como: fracas, frágeis e não são capazes de se defender e ou de reagir. A discriminação se dá por apresentarem alguma diferença, como por exemplo ser gorda, magra demais, negra, indígena, alta, baixa e outras. Assim, nesses casos específicos, ser “diferente” é algo “negativo”, pois foge daquilo que se considera “normal”.

Nesse sentido, as autoras Angela Andrade (2003), Gabryella Ferrari (2018), Vannini de Medeiro Mendes Ribeiro (2016), Renata Russo (2005), Cynthia Samíramis Machado Vianna (2005), Rachel Moreno (2016), assim como outros pesquisadores, discorrem sobre a influência nociva que as mídias impõem às mulheres quanto a um padrão de beleza ideal, bem como denunciam o desenvolvimento de transtornos alimentares, que são uma forma de violência que causa risco a saúde física e psicológica das mulheres.

Com relação à Educação, a experiência construída por este autor, permite perceber que algumas (ns) professoras (es) de arte (não somente este componente curricular, também outros), buscam através das imagens artísticas, abordar diferentes temas que afligem a sociedade para dessa forma propor aos alunos: estudos, debates, reflexão e transformação. Foram poucos os momentos em que se percebeu, ao longo de quase vinte anos de magistério, ações de enfrentamento ao *bullying*. Na maior parte das vezes o foco em questão era a violência física e a intimidação verbal como apelidos e xingamentos.

Entretanto, com relação especificamente ao componente curricular arte, o estudo da produção artística contemporânea, produzida por mulheres ou não, é sempre uma oportunidade de se estabelecer um diálogo entre a professora (or) e as (os) alunas (os) a respeito de diversos temas que estão presentes no dia a dia da sociedade, e que são refletidos no ambiente escolar como por exemplo o *bullying*. E nesse caso, mais especificamente, a violência praticada contra mulheres e entre mulheres quando o assunto em questão é o corpo e sua aparência.

Desse modo, as (os) autoras (es) Katia Canton (2009), Cristina Costa (1998), Celso Favaretto (2010), Nathalie Heinich (2014), Rejane Reckziegel Ledur (2016), Talita Trizoli (2008), Luciana Loponte (2012), além de outros pesquisadores, ao dissertarem sobre a

importância de se alinhar a produção artística contemporânea com as ações educativas, evidenciam que há uma nova narrativa que se apresenta as (aos) educadoras (es), ou seja, é necessário ressignificar as aulas de arte alinhando as narrativas do passado (clássica e modernista) com as narrativas contemporâneas.

Ao reconhecer a produção artística visual contemporânea (independentemente de quais sejam) na sala de aula, é possível questionar as normas (padrões) sociais e morais vigentes, tanto no passado como na contemporaneidade. E, nesse sentido, desenvolver um trabalho pedagógico de enfrentamento ao *bullying* no ambiente escolar, especificamente no que se refere ao corpo feminino, através de uma reflexão a respeito da influência exercida pelas mídias.

E, a partir desta reflexão, compreendendo o poder midiático imposto à sociedade, estabelecer relação com a ideia de idealização do corpo feminino exaltado pela sociedade de consumo, bem como com a prática do *bullying* no ambiente escolar. Assim, cabe a (o) professora (or) de Arte ampliar o conhecimento das (os) alunas (os) sobre Arte Contemporânea, enfatizando a necessária revisão da imagem do feminino proposta por artistas mulheres na atualidade.

Por fim, caberá aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio, criar uma atividade artística em grupo com características contemporâneas relacionadas a temática: Por que a representação do corpo feminino, para além dos padrões culturalmente impostos, pode ser considerada uma forma de transgressão (sentido de rompimento) a ser evitada por uma sociedade patriarcal e machista que não deseja ser contrariada?

Como resultado da proposta pedagógica, em síntese, os três eixos que fundamentam este trabalho, apontam para a seguinte situação: a mídia explora e vende uma imagem idealizada do feminino que impacta psicologicamente crianças e adolescentes (especialmente as meninas) e, no ambiente escolar, contribui para o desenvolvimento/reforço de uma modalidade específica de *bullying* (a crítica pejorativa ao corpo alheio). O ensino da Arte Contemporânea (a apreciação/fruição de obras, o estudo da história/crítica de obras e a produção estética), ao desconstruir o predomínio de um padrão unificado de beleza, expondo e discutindo uma diversidade de corpos (e de femininos), pode ser uma importante ferramenta para fomentar debates e romper com um ciclo de violência social mais amplo.

Assim, com relação a ação pedagógica da (do) professora (or) de Arte, questiona-se: O ensino da Arte Contemporânea, elaborada por mulheres artistas, pode contribuir no enfrentamento ao *bullying* com a ideia de ressignificação de um padrão estético historicamente construído e reforçado pelas mídias?

2 A PERVERSIDADE HISTÓRICA QUANTO À REPRESENTAÇÃO DO ESTEREÓTIPO IDEALIZADO DO CORPO FEMININO

Este trabalho é relevante porque destaca a urgência de se promover na escola ações que possibilitem o enfrentamento ao *bullying* relacionado ao corpo feminino (corpo gordo, corpo magro, corpo negro, corpo com deficiência física, corpo *trans.*, corpo anão. Etc.). Para Chicote e Martins (2009, p.353):

O papel da escola não é apenas o de transmitir conhecimentos, mas sim de formar o aluno na sua integridade, dar a ele condições para o seu desenvolvimento individual e a formação de sua cidadania. Cabe a escola agir precocemente contra a ocorrência de *bullying*, quanto mais cedo ele cessar melhor será o resultado para os envolvidos no processo ensino aprendizagem. Cabe aos educadores, refletirem sobre suas práticas em sala de aula, estabelecerem relações com os alunos e se comprometerem com uma educação mais sadia, onde predomine o respeito, solidariedade e cooperação.

Nesse sentido, a (o) professora (or) de arte pode desenvolver um trabalho bastante significativo ao abordar os estudos sobre a Arte Contemporânea produzida por mulheres que abordam temas relacionados ao corpo feminino, a partir de um olhar que questiona o contexto histórico de subordinação a um ideal de beleza, imposto secularmente, para dessa forma propor aos alunos, uma reflexão a respeito da objetificação e as imposições culturais a que ele ainda possa estar sujeito. Para Trizoli (2008, p. 1498), com a Arte Contemporânea, as mulheres (artistas ou não) estão:

Deixando de serem espectadoras, as mulheres tomaram a “liberdade” de serem criadoras, e de determinarem suas imagens artísticas, de elegerem seus tópicos plásticos. O movimento feminista na arte vem então para desconstruir a premissa de mulher objeto de desejo. De musas inspiradoras para o olhar do artista, passamos a ser o olho e a mão que cria.

O ensino da Arte no ambiente escolar, em todos os níveis de Ensino, pode contribuir, juntamente com outras ações pedagógicas para o fim da prática do *bullying*. Para Ledur (2016, p. 197), há no ensino da Arte Contemporânea um caráter de transformação e desconstrução que possibilita ressignificar o currículo e a prática docente, na medida em que se percebe a atitude do artista como alguém que pensa o seu tempo, que não desconsidera o passado e que reconhece na tradição o conhecimento a ser aprofundado e que ao manifestar sua arte revela-se através de sua experiência.

Assim, as (os) artistas contemporâneas (os) ao perceberem a relação subjetiva da mulher com o seu corpo, corroboram com o pensamento dos pesquisadores Boris e Cesídio (2007, p. 462), que percebem que esta subjetividade se transforma ao longo da história, e que é reforçada

pelo modo como a mídia interfere na percepção do corpo. A forma como as mulheres enxergam o seu corpo muda conforme muda o tempo histórico, pois com ele, foram, são e serão diferentes os significados atribuídos ao corpo feminino.

Como exemplo, e, ainda de acordo como os mesmos autores, durante o século XIX no Brasil, a sociedade patriarcal tinha no homem a figura central. Compreendia-se que cabia ao homem o controle da vida da mulher e subentende-se também de seu corpo. Durante o período colonial a mulher era a propriedade do homem, e cabia a ele determinar o papel que deveria ser cumprido pela mulher, reforçando as diferenças de gênero. Conforme Weber (1991, p. 234):

A estrutura de uma sociedade patriarcal, estabelece vínculos pessoais entre o senhor e os outros membros da família, e isso incluía os servos, entendendo que ao homem (o chefe da família) caberia a autoridade máxima, baseada na tradição. O autor (1991, p. 236) ainda afirma que o poder da autoridade doméstica se caracteriza sob o ponto de vista da ideia da propriedade. Assim, o homem (chefe da família) é proprietário dos seus filhos, escravos, esposa e servos, compreendendo-os como seus bens e que por essa razão poderia dispô-los sempre que entendesse conveniente. Com isso, a partir do entendimento sobre o sentido de poder e propriedade, é possível afirmar que existe a ideia de transferência de poder e dominação. Em caso de morte do chefe da família, o seu sucessor adquiriria plenos poderes sobre todas as coisas e inclusive sobre o corpo (uso sexual) da mulher.

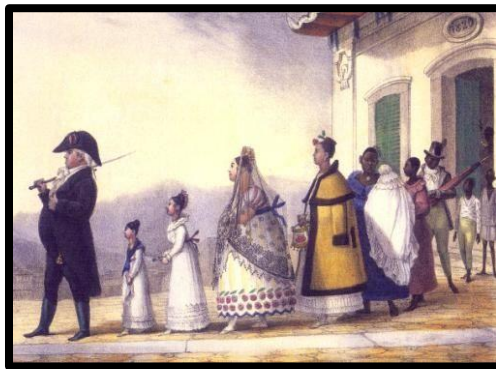
De acordo com Costa e Mello (1999 *apud* BORIS; CESÍDIO, 2007, p.458), a transição do século XIX para o século XX fez o sistema patriarcal começar a enfraquecer. É o momento de transição da produção doméstica para a produção industrial. Conforme Kellner (2001 *apud* BORIS; CESÍDIO 2007, p. 459), o século XX representou o início de uma nova era, e com ela surgia o feminismo, um movimento que defendia a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Assim:

[...] o feminismo faz parte de um enfoque multicultural que questiona tanto as ideologias que legitimam a superioridade dos homens sobre as mulheres quanto do capitalismo sobre outros sistemas sociais, de tal forma que tentam justificar os privilégios das classes ou dos estratos dominantes. As ideologias patriarcais camuflam as injustiças contra as mulheres e o sofrimento causado pelo sistema capitalista racista contra os negros e o gênero feminino, representando o poder e a riqueza numa sociedade pretensamente igualitária. (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 459).

Durante os séculos XIX e XX o sistema patriarcal foi representado nas Artes Visuais. No Brasil há inúmeros registros, dentre eles, é possível citar o nome do artista francês Jean-Baptiste Debret e também do artista brasileiro Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo. Abaixo são apresentadas uma obra acadêmica e uma modernista, que revelam o patriarcado brasileiro sob diferentes enfoques:

- a) Jean-Baptiste Debret, um dos artistas franceses que compuseram a Missão Artística Francesa que veio para o Brasil e que retratou a sociedade brasileira do início do século XIX, na obra Um funcionário a passeio com sua família (imagem 1), representa de forma acadêmica a família brasileira do período oitocentista. Nela observa-se que há uma fila indiana, em que o patriarca (chefe da família) está à frente, seguido pelas filhas, depois pela esposa que está acompanhada pela sua ama (mulher negra escravizada) e posteriormente por outros negros escravizados. Outro aspecto importante, para além da representação do patriarcado, é o sentido de hierarquia, ou seja, do membro da família mais importante (o homem), passando pelos filhos, a esposa e os negros escravizados. Nesse sentido, a partir de uma leitura contemporânea, é possível dizer que a mulher, em diversas situações, ainda parece ser uma espécie de figurante na estrutura familiar, seu papel está restrito a servir à família e aos caprichos do homem. A mulher é um objeto a ser apresentado a sociedade cristã, a ser desfrutado sexualmente e a sofrer todo tipo de violência (física e emocional).

Imagem 1: Jean-Baptiste Debret. **Um funcionário a passeio com sua família**, 1839. Aquarela sobre litografia. Dimensão: 21,7 x 34,2 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

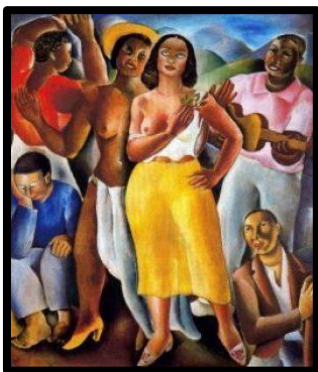


Fonte: http://www.brasilcult.pro.br/saloes/Estampas_Eucalol/familia.htm. Acesso em: 19/07/2020.

- b) Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo, artista referência para arte modernista do Brasil, na obra Samba (imagem 2), revela a fascinação sobre a figura da mulher mestiça brasileira. Representadas de forma sensual, duas mulatas estão no centro da imagem e cercadas por homens. Entre os homens existem músicos e um deles está acompanhado pelo instrumento cavaquinho. Os personagens, em sua maioria, estão dançando no ritmo do samba. A brasilidade está presente enaltecendo a cultura nacional. As mulatas são sensuais e exóticas. Há uma erotização na representação da figura feminina que atrai os olhares masculinos. Por que as figuras

femininas têm os seios à mostra? Nesse sentido, a objetificação banaliza o corpo feminino, ou seja, outros aspectos como o emocional e o psicológico perdem importância, pois o mais relevante é a aparência física. Na atualidade, as campanhas publicitárias, como as da cervejaria Itaipava, apresentam a figura feminina estereotipada e hipersexualizada. Estabelecendo um “padrão estético” a ser alcançado pelas mulheres para atender à necessidade masculina. Para Di Cavalcanti o “padrão brasileiro” da mulher mulata brasileira é uma referência e deve ser enaltecido. E independentemente do tipo de “padrão”, como consequência danosa é possível pensar, primeiramente, na mulher que objetifica a si mesma, aquela que busca saciar o desejo sexual masculino através da aparência “ideal”, que na obra Samba, é o da mulher curvilínea, e também, consequentemente, no rótulo ao qual está sujeita a mulher brasileira para o homem estrangeiro, ou seja, o da mulher “fácil” e “disponível”. Por outro lado, também é importante destacar que gradativamente o público consumidor passa por um processo de conscientização, e que é através das redes sociais que são expressados pontos de vista críticos a respeito das imagens veiculadas pelas mídias (de gênero, etnia, sexualidade, etc.) no sentido crítico de combate aos estereótipos.

Imagem 2: Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo (Di Cavalcanti). **Samba**, 1925. Óleo sobre tela. Dimensão: 177 x 154 cm. Destruída em um incêndio no Rio de Janeiro, em 13/08/2012.



Fonte:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2558/samba>
 . Acesso em: 19/07/2020.

Imagem 3: "Itaipava 100% - Faça sua escolha", é uma campanha publicitária da cervejaria Itaipava, veiculada em 2015. Uma das propagandas traz a modelo Aline Riscado, a "Verão", segurando uma garrafa e uma lata de cerveja próximas aos seios. Na mão esquerda, uma lata de cerveja logo abaixo do número "350 ml". Na direita, a modelo segura outra cerveja com a mensagem "300 ml" e, embaixo dos seios, está escrito "600 ml".



Fonte:
<https://www.folhadedourados.com.br/noticias/brasil-mundo/propaganda-de-cerveja-e-suspensa-por-ser-sensual-demais>. Acesso em: 27/08/2020.

As obras artísticas produzidas no passado estão inseridas em outro contexto histórico, e assim, não é correto julgá-las com o olhar contemporâneo. É preciso pensá-las conforme o momento em que foram produzidas, e ainda que a sociedade atual tenha outra visão de mundo, não reconhecer a qualidade das obras e dos artistas do passado não parece o melhor caminho. É importante que a (o) professora (or) de arte consiga demonstrar as (os) alunas (os) que o olhar social se transforma com o tempo.

A produção artística contemporânea, principalmente aquela produzida por mulheres, apresenta um olhar diferente sobre o papel da mulher na sociedade atual. A comparação entre obras artísticas produzidas em diferentes períodos necessita de um certo distanciamento, afim de que não se crie um olhar preconceituoso, afinal, o passado pode ensinar muito sobre como evitar pensamentos e ações que antes eram de fato considerados “normais”.

Os autores, Boris e Cesídio (2007, p. 463), afirmam que é em sociedade que os indivíduos são modelados pela cultura, ou seja, é a partir da cultura que são forjados os valores e as crenças. Os autores ainda afirmam que mesmo na atualidade, momento em que a mulher possui uma maior autonomia e independência, ainda há uma parcela de mulheres que se subordina às imposições patriarcais (de raiz weberiana). Nesse processo ocorre o fenômeno da subjetividade que nada mais é do que a construção da relação de si mesmo com o mundo e com os outros indivíduos, todos inseridos em um mesmo contexto e em determinado período sócio histórico. Para Boris e Cesídio (2007, p. 463):

No processo de construção da subjetividade, são incorporados, a partir da influência da cultura, modos de linguagem, hábitos e costumes e padrões de comportamento e de valores, inclusive modelos de apreciação estética, isto é, do que é belo ou feio, principalmente com relação ao corpo. Tal construção é fruto do que apreendemos na família, na escola, com os amigos e através dos meios de comunicação. A mídia impõe padrões estéticos, éticos e políticos, influenciando, cada vez mais, a existência do sujeito, e atingindo, assim, a sua subjetividade por meio das mensagens. Ela usa as suas estratégias de “marketing” para criar desejos, anseios e angústias, a fim de que os sujeitos consumam o que ela lança no mercado.

Nesse sentido, levando-se em conta a influência cultural, a transição de um século para o outro, implica na renovação de ideias em diferentes áreas conhecimento (política, economia, artes, tecnologia, mídias etc.). A vida em sociedade não é estática, logo a renovação de ideias assinala a mudança de valores. Com isso, aquilo que em determinado tempo é aceitável e apreciável, em novos tempos, pode não ser mais. No século XX as mídias cumpriram um papel social decisivo. Coube as mídias estabelecer padrões de comportamento que de alguma forma influenciaram a vida das mulheres.

Freire (1980 *apud* BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 465), afirma que ao impor padrões a mídia torna-se a representação da opressão e a mulher torna-se a representação do oprimido. A mídia encarrega-se de apresentar um grande número de produtos destinados à beleza da mulher. Não só produtos, mas também a ideia de que é possível mudar a aparência do corpo, seja através de academias, de clínicas estéticas, de salões de beleza ou “spas”.

Para Edmonds (2002 *apud* AVELAR; VEIGA, 2013, p. 339), tanto os homens como as mulheres são afetados pela mídia. Ambos avaliam a sua aparência, pois sabem que a sociedade e o mercado são exigentes quanto a sua inserção seja no âmbito social ou profissional. No entanto, recai sobre as mulheres uma cobrança maior. Há por parte das mulheres o desejo de retardar o envelhecimento. Nesse sentido o consumo de produtos destinados à beleza e de serviços é cada vez maior, e contribui, tanto para aumentar a competitividade no mercado de trabalho, quanto para promovê-las nas relações sociais.

Como consequência desse processo, em que se percebe a influência das mídias na sociedade, diferentes públicos são afetados, como por exemplo: as crianças e os adolescentes. As referências visuais, presentes nas campanhas publicitárias, nas novelas, nos filmes, nas capas de revista, apontam para um padrão de beleza que se considera ideal. No entanto, vale ressaltar que há um movimento crescente de mulheres (especialmente nas redes sócias) que defendem o direito pessoal de não aderir a procedimentos estéticos impostos socialmente como obrigatoriamente femininos, tais como o uso de maquiagem ou a prática da depilação, por exemplo.

Conforme Silva e Caminha (2014, p. 50 e 51), percebeu-se que há um grande número de estudantes insatisfeitas (os) com a sua própria imagem, ou seja, com a imagem do seu corpo. Os autores confirmam esta percepção através de uma pesquisa realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, localizada na cidade de Campina Grande, situada no agreste paraibano, a 115 km da capital João Pessoa. Foram selecionados como sujeitos crianças de ambos os sexos, entre sete e doze anos incompletos.

A pesquisa foi orientada pela perspectiva da observação comparada à escuta interpretativa das falas das crianças do sentido dado aos atos violentos, especificamente o *bullying*, dentro do ambiente escolar no ensino fundamental I e II da cidade de Campina Grande, buscando relacionar o *bullying* à imagem corporal e à performance motora. Os momentos observados e analisados foram os do recreio e das aulas de Educação Física. De acordo com Silva e Caminha (2014, p.53):

A pesquisa analisou dois dentre os diversos aspectos relacionados ao *bullying* infantil, estes diretamente relacionados ao corpo. A imagem corporal e a

motricidade podem ser norteadoras de práticas abusivas, e se não combatidas podem afetar negativamente as vidas dos sujeitos. Baseado nas falas dos alunos e nas observações, o presente estudo constatou que um desempenho motor deficitário, assim como estar fora de um padrão estético determinado por um grupo social são fatores determinantes para a prática do *bullying*.

Os mesmos pesquisadores (2014, p.53) ainda afirmam que:

O processo de *bullying*, principalmente no momento da infância, e por destacar determinadas características que ainda não estão completamente estabelecidas, tais como altura, peso, traços corporais, pode ser considerado nocivo durante esse processo de formação da personalidade. O fato de a escola consistir em um ambiente onde a criança passa maior parte do seu tempo e onde ela tem contato com diversas pessoas e com valores diversos daqueles adquiridos no ambiente doméstico, faz com que seu papel na formação do caráter do indivíduo seja importantíssimo.

Como medida preventiva, a Escola, através da professora (or) de arte, ao apresentar a produção artística contemporânea promovida por mulheres, a partir das atividades realizadas pelos alunos, pode incentivar práticas de enfrentamento ao *bullying*, principalmente no que se refere ao corpo feminino, pois, a influência das mídias, pode provocar a baixa autoestima, a discriminação e a violência desde a infância.

Nesse sentido, cabe a (o) professora (or) de arte selecionar referências bibliográficas e áudio visuais que estabeleçam conexão entre si, como: arte, *bullying*, mídias, patriarcado, feminismo, corpo, ideologia e política, para que assim, seja possível construir uma consciência crítica de enfrentamento ao *bullying* no ambiente escolar, no que se refere ao corpo feminino e a sua aparência física.

No caso específico da professora (or) de Artes Visuais, apresentar e debater com as alunas (os) os processos e mecanismos de construção e desconstrução visual de modelos visuais. Em suma, também discutir na sala de aula como as imagens artísticas (e também aquelas que, a priori, não foram concebidas com fins estritamente artísticos) podem reforçar ou contrariar discursos. A aula de arte como um espaço para decodificar e analisar esses discursos por meio da formação de uma leitura crítica das imagens.

É importante salientar, que as ações de enfrentamento ao *bullying* não são exclusividade das aulas de artes. A Equipe de Gestão deve envolver outros componentes curriculares, bem como, toda a comunidade escolar. Por fim, vale ressaltar que esse trabalho compreende e respeita as intervenções realizadas no corpo quando o assunto em questão é a saúde, bem como o direito de cada indivíduo de buscar uma melhor qualidade de vida emocional, psicológica e física.

3 BULLYING: O DRAMA NAS ESCOLAS E A NECESSIDADE DE MEDIDAS PREVENTIVAS SOCIOEDUCATIVAS

Eu perdia completamente a vontade de ir à escola, às vezes não comia, tentava emagrecer pra ver se essas coisas paravam, tinha vontade de fugir da escola. Uma época cheguei até a praticar bulimia por um tempo. Quando estava perto do fim disso, mas eu não sabia, pensei até em desistir de tudo, desistir da vida. Não dormia um dia sequer sem chorar.
Mirela – 14 anos¹

Esta etapa da pesquisa recordará que não faz muito tempo, algumas “brincadeirinhas desprezíveis”, como por exemplo: dar socos ou tapas, ou ainda, colocar apelido de mau gosto em outra pessoa, eram reconhecidas como “atitudes normais”. Antes da década de setenta não existiam estudos específicos e sistematizados sobre esse comportamento tão facilmente percebido no ambiente escolar.

Conforme a memória do autor desta pesquisa, dois aspectos estão cristalizados nas lembranças dos tempos de escola, o primeiro tem relação com a ação que a escola promovia quanto as famílias envolvidas com a prática do *bullying*, ambas, dificilmente eram acionadas; o segundo tem relação com o sentido de impunidade, pois, em razão de ser homossexual, e, portanto, vítima de *bullying*, quase sempre a responsabilidade recaía sobre os meus ombros.

O professor de psicologia da Universidade de Berger, na Noruega, Dan Olweus, ainda nas décadas de 1970 e 1980, foi o primeiro estudioso a utilizar o termo *bullying*, um termo de origem inglesa, presente na maioria dos países ocidentais e que significa pessoa tirana. O termo para a pesquisadora Fante (2005, p. 27 e 28), significa:

Palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar. [...] No Brasil, adotamos o termo que, de maneira geral, é empregado na maioria dos países: *bullying*.

A realidade de violência do passado e ainda presente no ambiente escolar, devido as pesquisas do Olweus, é reconhecida, na atualidade, como *bullying*. O depoimento de Mirela, citado na abertura deste capítulo, é apenas um entre tantos outros que revelam práticas

¹ No site do Ministério Público de Santa Catarina encontramos depoimentos de pessoas que praticaram ou foram vítimas de *bullying* escolar. O depoimento de Mirela, 14 anos, revela a angústia de uma menina que sofreu perseguição por estar acima do peso e como consequência praticou bulimia, bem como também sofreu depressão. O site também aponta para a importância de existir na escola, profissionais preparados para atender os casos de *bullying*. No caso de Mirela, durante algum tempo, a profissional da escola que a atendia, não estava preparada e culpava a vítima afirmando que não passava de “manha”. <https://www.mpsc.mp.br/campanhas/bullying>. Acesso em: 19/06/2020.

inaceitáveis de intimidação. E, embora os textos acadêmicos devam ser escritos de forma impessoal, é impossível não acessar memórias que trazem as lembranças de uma época em que se sofria diariamente intimidação. Para o autor desta pesquisa, a escola era a representação do céu e do inferno. As conversas com Deus eram tensas. Por que eu? Por que comigo?

Nossas digitais confirmam que somos únicos. Formamos uma sociedade heterogênea. E, ainda assim, certas diferenças não são aceitas e respeitadas. Dentro e fora da Escola, seja no mundo real ou virtual, existe a prática do *bullying*, e, embora existam campanhas de conscientização, são diversos os relatos que extrapolam o eixo vítima/agressor, pois envolvem também aqueles que assistem e ignoram de forma passiva a violência. A campanha: “**Acabar com o Bullying #ÉDaMinhaConta**”, promovida pela SaferNet Brasil, é um bom exemplo de iniciativa a favor da empatia e do respeito às diferenças.

Outra iniciativa importante contra a prática do *bullying* é aquela promovida por revistas relacionadas à Educação, como a Nova Escola ou à Saúde, como a Boa Forma. O assunto é tão importante que ganhou as suas capas, para dessa forma chamar a atenção do leitor e levá-lo a conscientização de que não se trata de apenas brincadeiras inofensivas. A ciência estuda o fenômeno com curiosidade. Diferentes áreas do conhecimento como a psicopedagogia, o direito, a educação física e a pedagogia tentam entendê-lo e explicá-lo.

E é justamente o corpo e toda a sua diversidade de formas, e por essa razão “diferente” do padrão de beleza “ideal”, construído historicamente no ocidente, que se percebe principalmente entre as mulheres, o preconceito e a discriminação, reforçado pelas mídias. Para Silva e Caminha (2014, p. 47) na sociedade contemporânea observa-se um fenômeno de hipervalorização da imagem corporal no que diz respeito à busca por um padrão de beleza pré-estabelecido pelos meios de comunicação, geralmente de um corpo magro ou musculoso.

Conforme Costa (1998, p. 98), o idealismo clássico, termo relacionado à cultura greco-romana, que baseava-se em cânones (regras), como a simetria e a proporção, e que possuía a finalidade de produzir uma imagem perfeita e bela, fosse um projeto arquitetônico, ou a representação do corpo humano (desenho ou escultura), e que tinha a função de representar a realidade e a natureza de forma idealizada, ainda hoje, encontra nas mídias visuais um vasto campo de atuação, ou seja, o passado está presente na contemporaneidade, servindo como parâmetro para o cinema e para a televisão, nos quais os artistas se transformam em mitos ou modelos inatingíveis de beleza e realização.

Dessa forma, a publicidade, a fotografia, as telenovelas e o cinema que são meios de comunicação e de expressão, reafirmam e consagram as formas tradicionais de representação, ou seja, perpetuam a ideia de um ideal de beleza, baseado em cânones que simbolizam a

perfeição. Ainda que na atualidade, existam empresas preocupadas em adotar uma diversidade de corpos e comportamentos, o que se percebe é um regime de cotas publicitárias cada vez mais atuante em que o espaço destinado a diversidade é demarcado. Há a impressão de uma falsa normalidade, e é na escola que se percebe a distinção entre aqueles que possuem uma imagem “aceitável” e aqueles que não possuem. De acordo com Moreno (2016, p. 30):

É inegável a influência da mídia hoje, particularmente da TV, na formação da subjetividade da população. Os modelos – de valor, beleza, felicidade – são introjetados desde a mais tenra infância e passam a ser modelos aspiracionais. É com a Barbie ou a Gisele Bündchen que as meninas e mulheres querem se parecer hoje. Afinal, ambas referências de como a sociedade nos vê, nos quer e nos valoriza.

Silva e Caminha (2014, p. 47), afirmam que questões relacionadas à imagem corporal, como obesidade, etnia, ou alguma característica que esteja fora dos padrões estéticos vigentes, além da maneira como esse corpo interage com o ambiente, podem estar relacionadas a esse comportamento, o *bullying*. Para piorar, o que se prevê para o futuro da pessoa que sofre agressão durante a vida escolar é uma vida antissocial, com consequências das mais variadas como viver sob estresse, depressão e ansiedade. Conforme Silva (2010, p. 37 e 38), sobre o corpo durante a vida escolar:

As vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral são tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... Enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do *bullying*.

Ainda que se saiba que o ideal para a realização de um trabalho de pesquisa seja a utilização de fontes que apresentem um caráter científico, este autor entende que é interessante citar casos relacionados ao *bullying* em ambiente escolar, apresentados por fontes não acadêmicas, mas que são acessadas por estudantes, como revistas e *blogs* dedicadas ao público jovem. Há o entendimento que se estabelece uma leitura mais humanizada e ao mesmo tempo próxima da realidade do cotidiano das escolas.

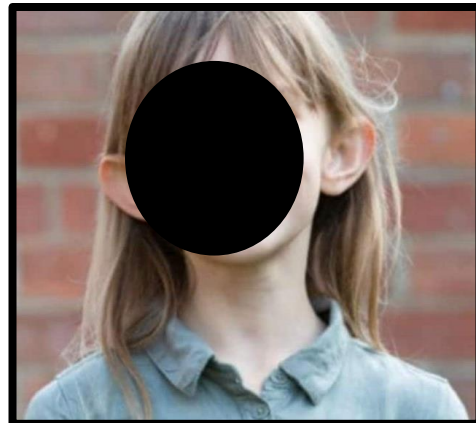
É o caso da Revista Capricho (imagem 4) que publicou um artigo sobre a estudante Dielly Santos², de 17 anos que se suicidou na escola em que estudava em Icoaraci, no Pará. Os laudos policiais apontam que a estudante foi encontrada morta por enforcamento no banheiro. Vítima de *bullying* e de gordofobia³, era chamada de “lixo” e “porca imunda”. Outro caso, é o registrado no blog A Soma de todos os Afetos (imagem 5), criado por Fabíola Simões, em 2013. No blog é citado o caso de Cara Biggs que em 2019, em entrevista ao jornal britânico “*The Sun*” relatou que sua filha *Liliana*⁴, de oito anos, sofria *bullying*, pois era frequentemente alvo de piadas dos seus “colegas” devido às suas “orelhas de abano”. A pressão psicológica e emocional que estava sofrendo fez com que a menina urinasse nas calças, perdesse o apetite e tivesse perda de cabelo. Durante a entrevista a mãe informou que acionou a Escola e os pais dos alunos que praticavam a violência com sua filha, mas nada adiantou.

Imagem 4: Dielly Santos, 17 anos, Revista Capricho.



Fonte:
<https://capricho.abril.com.br/vida-real/o-suicidio-da-adolescente-dielly-santos-e-o-falso-body-positivity/>.
 Acesso em: 19/06/2020.

Imagem 5: Liliana, 8 anos, A Soma de Todos os Afetos.



Fonte:
<https://www.asomadetodosafetos.com/2019/05/minha-filha-sofre-tanto-bullying-que-passou-a-fazer-xixi-na-calca-desabafa-mae.html>. Acesso em: 19/06/2020.

² OTTO, Isabella. **O suicídio da adolescente Dielly Santos e o falso body positivity**. 2018. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/o-suicidio-da-adolescente-dielly-santos-e-o-falso-body-positivity/>. Acesso em: 19/06/2020.

³ “Aversão a pessoas gordas que se efetiva pelo preconceito, intolerância ou pela exclusão dessas pessoas”. Etimologia (origem da palavra gordofobia). Gordo + fobia in <https://www.dicio.com.br/gordofobia/>. Acesso em: 19/06/2020.

⁴ SIMÕES, Fabíola. **Minha filha sofre tanto bullying que passou a fazer xixi na calça**. Redação Conti outra. 2019. Disponível em: <https://www.asomadetodosafetos.com/2019/05/minha-filha-sofre-tanto-bullying-que-passou-a-fazer-xixi-na-calca-desabafa-mae.html>. Acesso em: 19/06/2020.

Diante da realidade de violência no ambiente escolar, no Brasil, foi criada a Lei Antibullying – 13.185/15, elaborada em 2015, que entrou em vigor em fevereiro de 2016, e instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática. A lei compreende que *bullying* é:

Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2015, não paginado).

A Lei, em seu texto, aconselha que as famílias orientem seus filhos, participem de palestras, promovam campanhas, a fim de que a cidadania seja fortalecida. Cabe ainda salientar que as Escolas, os clubes e os grêmios recreativos devem promover ações de combate e de conscientização a esse problema crônico. Para que dessa forma possam falar sobre a necessidade de se derrubar preconceitos, de se incentivar a cooperação, e assim, trabalhar para que se crie uma cultura de paz e de combate ao *bullying*.

Triste e lamentável é perceber que mesmo com a criação dessa Lei, o *bullying* no ambiente escolar não cessa. É importante que os Gestores escolares, as equipes pedagógicas, os professores e as famílias encarem o problema com seriedade, priorizando ações preventivas. Esta forma específica de violência é capaz de provocar consequências irrecuperáveis, que muda conforme as características individuais da vítima. Nas palavras de Silva (2010, p. 25) a prática de *bullying* agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentos que, muitas vezes trazem prejuízos irreversíveis.

É fundamental que se criem ações preventivas e independentemente de quais sejam é importante que se ouçam aqueles que são os mais interessados: os alunos (sejam elas as vítimas, ou as agressoras, ou as passivas que só observam), os professores e toda a equipe pedagógica. De acordo com Pereira *et al* (2011, p.150):

O problema do *bullying*, como descrevemos, está ancorado na cultura, nos valores que essa veicula e nos processos de formação identitária, patrocinados pelas várias agências educadoras da infância, com notada participação dos meios de comunicação de massa. O contexto em que a criança se desenvolve e se relaciona é balizador para as condutas sociais. Talvez um bom ponto de partida aos que desempenham a função de educadores seja o de contrariar a aparente “espontaneidade” com que se naturalizam as condutas agressivas, prepotentes e desrespeitosas. É preciso “estranhar” um modelo de convivência no qual a pauta não seja definida por valores solidários, inclusivos e tolerantes. Há uma inversão que precisa ser corrigida, ainda que o processo seja longo e exigente, quando a vigência do abuso de poder sobre o outro é livre e, por vezes, parece desenfreada. Por tudo isso é que as escolas devem ser o *locus* primordial da ação cooperativa e inclusiva, o que transcende a preocupação com as relações entre estudantes.

Nesse sentido, é importante que sejam realizadas pesquisas que possam fundamentar ações de prevenção que permitam o enfrentamento ao *bullying* nas escolas. Em estudo realizado no Rio Grande do Sul, procurou-se verificar a prática do *bullying* (vítimas e agressores) entre estudantes do sexto ano (de 11 a 14 anos), numa escola na cidade de Caxias do Sul, bem como, as possíveis associações com a escolaridade da mãe, o nível socioeconômico, os hábitos sedentários, o estado nutricional, a insatisfação com a imagem corporal, o sexo e a idade. Conforme Rech *et al* (2013, p. 165):

Para a realização da pesquisa foi utilizado um questionário autoaplicável e medidas antropométricas de peso e altura para avaliação do estado nutricional. A prática de *bullying* foi avaliada com o questionário *Kidscape* e a imagem corporal com o *Body Shape Questionnaire*. Foi utilizada estatística descritiva e análises bivariada e multivariada.

Ainda de acordo com Rech *et al* (2013, p. 165):

No total, 1.230 escolares foram avaliados e as prevalências de vítimas e agressores de *bullying* foram de 10,2% e 7,1%, respectivamente. Os insatisfeitos com a imagem corporal apresentaram mais do que o triplo de chances de serem vítimas (RP = 3,24 – IC = 1,99-5,28) e quase o dobro de chances de serem agressores (RP = 1,98 – IC = 1,53-3,73) em relação aos satisfeitos. Os escolares com hábitos sedentários (mais de três horas por dia) apresentaram 55% mais chances de serem vítimas (RP = 1,55 – IC = 1,01-2,36) e mais do que o dobro (RP = 2,42 – IC = 1,47-3,97) de serem agressores. Os meninos apresentaram mais do que o dobro de chances (RP = 2,45 – IC=1,42-4,24) de serem agressores em relação às meninas.

A pesquisa realizada no Rio Grande do Sul, em sua conclusão, confirma as impressões desse autor: as meninas são as maiores vítimas de *bullying* no ambiente escolar, tendo sua saúde física e mental afetada, pois sofrem agressão, discriminação e exclusão, tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio. As meninas que possuem uma imagem corporal incomum, que é o oposto ao vinculado pelas mídias, podem sofrer os sentimentos de solidão e tristeza, dificuldade para dormir e intenção de suicidar-se.

Sendo assim, os dados desse e de outros estudos exigem uma especial atenção dos profissionais da educação e da saúde, tanto no ambiente escolar como no ambiente familiar, e que é necessário estabelecer parceria com os meios de comunicação, para que sejam, dessa forma, promovidas ações preventivas urgentes no ambiente escolar.

4 MÍDIAS: A INFLUÊNCIA NEGATIVA SOBRE O CORPO FEMININO DESDE A INFÂNCIA

"Eu olho essas modelos, aí percebo que elas não têm aquela barriguinha, a perna delas é mais bonita, e por aí vai. Eu me espelho nisso e procuro onde posso melhorar para chegar perto daquele padrão de beleza".

Natália Louise de Lima – 24 anos⁵

As crianças, desde muito cedo, são expostas aos padrões de beleza exibidos pelas mídias: TV, Jornal, Revista, Mídia Externa (*Outdoor*), Internet e outros, e pela publicidade em geral. Durante a infância o entendimento sobre determinados assuntos obedece a um fluxo de faixa etária. O período que vai dos quatro ou cinco anos até os sete ou oito anos de idade, é segundo Piaget (1984, p. 100), o momento em que ocorre a fase intuitiva e nela a criança tenta manipular a realidade através do mundo simbólico, ligando a ação à representação.

Assim, é possível perceber que a criança ainda não faz discernimento entre o que é real e o que é imaginário, logo o efeito dos conteúdos midiáticos é persuasivo e livre de críticas, pois, nessa fase da infância a criança ainda não é capaz de diferenciar com precisão a realidade e o mundo imaginário. Para Montigneaux (2009, p. 114): “O personagem é essencial e constitui um elemento motor na compra de uma marca. Ele seduz as crianças pelo imaginário que induz e no qual as crianças se projetam.”

Com isso, a criança ao ser colocada diariamente a uma grande exposição midiática veiculadas através de: *games*, filmes de animação, livros infantis, internet e até mesmo séries juvenis criadas para TV e outros, pode desenvolver desde muito cedo, uma sintonia (empatia) por personagens que considera, por alguma razão, mais cativantes e assim se sinta influenciada. A criança e posteriormente, tanto na juventude quanto na vida adulta, crescerá sob a influência de um mercado publicitário que está atrelado à indústria da beleza e dos padrões que ela impõe.

⁵ O portal de notícias g1 do Grupo Globo e sob a orientação da Central Globo de Jornalismo, em 2013, colheu o depoimento de Natália Louise de Lima, 24 anos, nutricionista e empresária, apaixonada por moda, que diz estar sempre de olho nas modelos e artistas que "bombam" na mídia. Apesar de se dizer contente com o corpo, a nutricionista admite que acaba se comparando às belas da TV e das revistas e tem duas beldades como musas: as tops Gisele Bündchen e Isabeli Fontana. O depoimento confirma que independentemente da classe social e o nível de escolaridade de uma pessoa, a mídia tem o poder de influenciar a opinião do público espectador/leitor sobre o corpo, principalmente as mulheres.

TESTA, Fernanda. **Mídia influencia satisfação corporal de jovens, diz pesquisa da USP**. Estudo de Ribeirão Preto (SP) analisou comportamento de 159 estudantes. Mulheres tendem a ser mais insatisfeitas com a forma física que homens. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/05/midia-influencia-satisfacao-corporal-de-jovens-diz-pesquisa-da-usp.html>.

Acesso em: 19/06/2020.

Diante deste fato, é possível afirmar que tanto a família quanto a escola devem auxiliar as crianças a selecionar as mídias que elas acessam, e assim, ajudá-las a identificar quais delas é interessante seguir e quais se deve ignorar. Nos anos oitenta e noventa, a programação de diversos canais de televisão apresentou uma grande quantidade de programas voltados para o público infantil. Esses programas eram, em sua maioria, apresentados por jovens meninas que não representavam o tipo físico da mulher brasileira, mas sim traços físicos europeus.

Na atualidade, esta realidade mudou. A programação infantil, com o formato de programa de auditório para crianças, com apresentadoras (em sua maioria branca e loira) e assistentes de palco, etc., saiu de moda. Os ícones femininos que influenciavam as crianças daquela época, hoje, são jovens senhoras.

Entretanto, é possível pensar que se por um lado há uma nova configuração quanto a programação de TV voltada para o público infanto-juvenil, por outro, a indústria continua a produzir uma grande quantidade de produtos com ícones relacionados a imagem de artistas de TV, apresentadoras e atrizes principalmente, bem como de super-heroínas do cinema ou dos jogos online. E nelas, a imagem da mulher branca e com corpo escultural, persiste. Conforme Silva (2019, p.85):

Pode-se concluir que a experiência hegemônica feminina é construída na publicidade a partir da figura da mulher branca, o que faz com que, além da pressão que as mulheres sofrem para atingir um ideal físico de difícil alcance, as mulheres negras precisam lidar com o fato de praticamente não existirem ali e de ter um ideal impossível, que é o de ser branca.

E, embora haja o entendimento de que na atualidade a programação de TV mudou, quando se faz referência aos programas de TV, das décadas de oitenta e noventa, voltados para o público infanto-juvenil, é recorrente lembrar que a imagem das suas apresentadoras estavam relacionadas às marcas de produtos voltadas para o universo infantil, comercializava-se: vestuário, cosméticos, acessórios como mochilas, estojos, cadernos e agendas para usar na escola, calçados, álbum de figurinhas, bonecas, LP's, CD's, brinquedos, etc. A imagem das apresentadoras de TV era, em sua maioria absoluta, a de uma menina magra, loira e branca, e não havia, por exemplo, referências visuais que representassem os outros tipos de crianças (mais especificamente de meninas). De acordo com Silva (2019, p.86):

A negação ou negociação da imagem da mulher negra como investida de beleza se mostra como um dos pontos mais relevantes para o desvio da feminilidade. Na rejeição de sua aparência – rejeição que dialoga com contornos históricos – há uma forte imposição de uma estética branca no modo de ser mulher.

De fato, não há dúvida que o desejo de branqueamento da sociedade brasileira, idealizado no final do século XIX, ainda persiste. A televisão, o cinema e a publicidade reforçaram durante décadas a estética que representa a suposta superioridade racial branca. Com isso, convencionou-se acreditar que existe um padrão estético incontestável, presente em todas as mídias, impondo um ideal de sociedade em que se associa a ideia de beleza às pessoas brancas e de feiura às pessoas negras. Araújo (2006, p.74) nos lembra as palavras de dois intelectuais do início do século XX:

Oliveira Vianna, professor, jurista, historiador e sociólogo, disse: “Não há perigo de que o problema negro venha a surgir no Brasil. Antes que pudesse surgir seria logo resolvido pelo amor. A miscigenação roubou o elemento negro de sua importância numérica, diluindo-o na população branca”. João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que no Primeiro Congresso Internacional das Raças, realizado em Londres, em 1911, disse: “O Brasil mestiço de hoje tem, no branqueamento em um século, sua perspectiva, saída e solução”.

Em ambos os discursos há a explícita ideia de que com a miscigenação o negro e a sua cultura seriam diluídos na sociedade branca, para que assim fosse apagada da história brasileira a sua origem africana. Evidente que a população negra e sua cultura permanecem presentes, e que o branqueamento de fato não logrou êxito. Entretanto, no que se refere as mídias, é correto afirmar que até as décadas de oitenta e noventa do século passado, a estética branca prevaleceu. Conforme Araújo (2006, p.76 e p.77):

A escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza europeia, em que quanto mais nórdico o traço físico mais destacado ficará o ator ou atriz na escolha do elenco. Os mesmos também receberão as melhores notas nos processos de escolha e premiação dos mais bonitos do ano pelas revistas que fazem a crônica cotidiana do mundo das celebridades. E, no lado contrário, os atores de origem negra e indígena serão escalados para representar os estereótipos da feiúra, da subalternidade e da inferioridade racial e social, de acordo com a intensidade de suas marcas físicas, seu formato de rosto, suas nuances cromáticas de pele e textura de cabelo, portanto, de acordo com o seu grau de mestiçagem.

Araújo (2006, p. 77), em sua reflexão, ainda diz:

A internalização da ideologia do branqueamento provoca uma “naturalidade” na produção e recepção dessas imagens, e uma aceitação passiva e a concordância de que esses atores realmente não merecem fazer parte da representação do padrão ideal de beleza do país. Naturalmente, para todos nós, por força da nossa formação cultural, o padrão superior estético só pode ser representado por aqueles ou aquelas que continuam com o privilégio (“tiveram a sorte”) de nascer de famílias brancas com características nórdicas acentuadas, a exemplo de Xuxa, Vera Fisher, Fábio Assunção ou Gisele Bündchen. Somente para eles estão reservados os papéis centrais do folhetim televisivo, ou as passarelas do mundo *fashion*.

Trata-se, portanto, de uma contradição, pois o Brasil é um país miscigenado, ou seja, construído culturalmente a partir da “mistura” de diferentes constituições étnicas (branca, negra e indígena). A predominância de um biótipo físico, a da pessoa branca, nas mídias, vendendo diversos produtos, impõe a falta de representatividade, pois faz com que as crianças que tenham outra aparência, ou seja, que são “diferentes” (negras, indígenas, orientais, gordas, cadeirantes, cegas, surdas, anãs, etc.) se sintam subordinadas a consumir produtos apresentados pelas diferentes mídias e a usá-los em seu dia a dia.

Mais uma vez é importante salientar que mudanças estão em percurso, ou seja, na atualidade, há um novo entendimento sobre representatividade. Há um razoável número de empresas que buscam referências visuais relacionadas ao corpo (principalmente o feminino) apresentadas em campanhas publicitárias, em programas de TV ou em novelas. E não apenas em programas de TV, mas também no cinema e nos vídeos em que a diversidade é cada vez mais presente. Cabe nesse momento uma reflexão: a ideia de inclusão e representatividade são de fato reais, ou o que existe é o interesse em se estabelecer uma imagem politicamente correta, muito mais preocupada com os números ou com o vil metal?

No passado, nas décadas de oitenta e noventa, as campanhas publicitárias deixavam claro a necessidade de se fortalecer a relação existente entre as apresentadoras de TV e os produtos a elas vinculados, e que a maior parte dos artigos comercializados eram destinados ao público infanto-juvenil feminino. Conforme as memórias do autor, a partir das campanhas publicitárias muito bem produzidas, os pais e ou responsáveis eram impulsionados a saciar o desejo de consumo desenfreado das crianças e das (os) adolescentes. Em relação ao aspecto referente ao consumo, não é difícil imaginar que o processo de exclusão era evidente, pois, em um país de grandes desigualdades sociais nem todas as famílias conseguiam contemplar as vontades de suas filhas (os).

Ainda no que se refere a publicidade dos anos oitenta e noventa, no sentido de exclusão, para além das dificuldades financeiras, há num sentido ainda pior, a exclusão étnica. Pois, na medida em que se criava e se produzia imagens corporais que se sobrepunham a outras, se estabelece nas entrelinhas a construção da ideia relacionada ao que se considera “normal”, ou seja, todos aqueles que são considerados diferentes, não se encontram representados nem nas mídias, nem nos produtos comercializados. São por assim dizer, “menos normais”. Em outras palavras, no momento em que se elege uma estética étnica ou um gênero como “melhor” se está admitindo o que é natural e positivo. Por outro lado, tudo o que é diferente é “não natural” e “negativo”. Para Dornelles (2003 *apud* CRUZ, 2011, p. 44):

Algumas materialidades se sobrepõem a outras, produzindo certas ‘normalidades’, desse modo, é ‘natural’, no caso do uso de bonecos e bonecas, que os mesmos ao fazerem parte da sala de aula de crianças pequenas sejam da raça branca, com olhos azuis e longos cabelos loiros... Assim, tudo o que escapa ou se apresenta diferente deste ‘modelo de normalidade’, desta ‘verdade’ acerca da raça branca, é o ‘diferente’, o ‘outro’. E este é o tipo de brinquedo consumido em série para crianças no que tange às ‘diferenças’ sejam elas raciais, de gênero, geração ou etnia. (CRUZ, 2011, p. 44).

Tanto no passado quanto no presente, as apresentadoras de TV, atrizes e modelos, bem como os personagens de desenhos de animação podiam e podem ser materializados em produtos destinados ao público infanto-juvenil. Meninas e meninos se sentem motivados a consumir uma infinidade de produtos que carregam a imagem/marca dos seus personagens preferidos. Falando especificamente do público feminino, muitas meninas ainda hoje, apresentam forte interesse por personagens identificadas como as princesas da Disney.

É possível dizer que as crianças são “moldadas” pelas mídias desde muito cedo, e que ao serem “moldadas” são impedidas de enxergar o “outro” com naturalidade. Assim, gradativamente elas são “ensinadas” a reconhecer aquilo que consideram “normal” a partir de referências materializadas na forma de imagens (*games*, filmes de animação, filmes publicitários, fotografias, materiais gráficos e bonecas). Nas escolas é possível perceber que essas influências distanciam as crianças da realidade, ou seja, do que de fato é “normal”, a diversidade. Para Dornelles: (2003/2004, p. 17):

Historicamente, as crianças de educação infantil vêm tendo acesso apenas a um tipo de corpo boneco e isso, certamente, produz efeitos na constituição de subjetividades infantis. Nas salas de aula de nossas crianças, onde estão os gordos, os cegos, os que andam de cadeiras de roda, os portadores de síndrome de Down, os idosos, os gays, os que usam óculos? Elas brincam apenas com bonecas com corpo estilo *Barbie*.

Pensando sobre aquele que talvez seja o estereótipo mais conhecido da imagem da figura feminina “ideal”, a *Barbie*, e refletindo sobre a ideia de estereótipos femininos, os autores Pereira e Abreu (2018, p. 692) em sua pesquisa sobre a estereotipação do corpo feminino no jogo *Smite*, um jogo eletrônico (um *game*), inserido no campo da Cultura Visual, estabelece-se um fenômeno que pode contribuir na constituição de um indivíduo, seja quanto a sua forma de ser e agir. Nesse sentido, o criador de um simples *game*, bem como seus usuários, pode incentivar normas sociais que fortalecem um ponto de vista opressor, e com isso: o machismo, o sexismo, a discriminação racial e social. Em outras palavras, os autores propõem uma revisão o modelo de *game*, para assim, repensar o estereótipo e a hipersexualização feminina, as identidades de gênero, o patriarcado e as relações de poder.

Pereira e Abreu (2018, p. 699) salientam que ainda que na atualidade hajam iniciativas que contrariam a produção midiática dominante, pois é possível perceber ações que procuram superar o estereótipo e a hipersexualização do corpo feminino, constatado nas novelas, filmes, campanhas publicitárias, programas de TV, redes sociais e mídia impressa; o processo é lento e exige tempo. Os autores Cruz e Pimenta *apud* Pereira e Abreu (2018, p. 699) reconhecem que a produção de games está na contramão das novas propostas midiáticas culturais, ou seja, mantem-se o estereótipo feminino, pois percebe-se a erotização, a sexualização, a fragilidade, a dependência de uma figura masculina (a do herói).

Ainda com referência as iniciativas que estão na contramão dessa realidade, encontramos iniciativas que buscam a inclusão daqueles que são discriminados nas/pelas mídias. Há aspectos positivos que gradativamente contribuem para que ações de discriminação dentro e fora da escola, diminuam. A **Mattel Inc.**, uma companhia estadunidense de brinquedos com sede em *El Segundo*, lançou em 2009 a primeira coleção de bonecas exclusivamente negras, a *Barbie So in Style*⁶ (imagem 6). Aparentemente uma ideia positiva, mas que na realidade só estava interessada na ampliação do mercado de vendas de bonecas.

De fato, ainda que a intenção tenha sido positiva, a *Barbie* negra só difere da *Barbie* branca quanto ao tom da pele, pois os aspectos visuais (fisionomia, roupas e acessórios) são os mesmos. A democratização étnica/cultural e a problematização da diversidade não eram o foco do projeto. A *Barbie* original é e pelo visto sempre será branca, magra, loira, com olhos claros e seios avantajados. Cabe as outras bonecas da família *Barbie* ser diferente (idosa, obesa, grávida e portadora de necessidades específicas). Como afirma Steinberg (2001, p. 333):

A Mattel definiu etnia como diferente do branco. A Barbie normal, loira, é o padrão a partir do qual as “outras” surgem. Como emula a cultura dominante, a norma é a *Barbie*; sem um título, todas as outras *Barbies* são qualificadas por sua linguagem, alimentos e danças ‘nativas’. Tentando ser multiculturais, pais compram essas bonecas para suas filhas para ensiná-las sobre “outros” povos (...). *Barbie* dividiu as bonecas dentro das culturas dominantes e marginais. A brancura da *Barbie* a privilegia a não ser questionada; ela é o padrão para todas as outras.

Mas, independentemente das intenções, ainda que os interesses sejam apenas comerciais, para as crianças “diferentes” é sempre uma oportunidade de se verem representadas. Outro exemplo ainda relacionado à família *Barbie* é a *Becky*, a amiga cadeirante, um

⁶ TREMEL Sofia. **Inclusão: Barbie ganha nova linha de bonecas. A campanha inclusiva da Mattel conta com opções de Barbie cadeirante, com vitiligo e perna protética.** 2020. Disponível em: <https://versatile.com/inclusao-barbie-ganha-nova-linha-de-bonecas/>. Acesso em: 19/06/2020.

lançamento que ocorreu em 1996. Outra ideia positiva que esbarrou em detalhes que podem ser resumidos em uma palavra: **exclusão**, pois *Becky* não cabia no carro da *Barbie*, nem no avião da *Barbie*, assim como não podia frequentar a Casa do Sonho da *Barbie*, pois não havia acessibilidade para os andares superiores.

Imagem 6: Nova coleção da linha Barbie Fashionistas ganha bonecas com deficiências físicas, além de variedade de tons de pele, estilos de cabelo e looks da moda.



Fonte: <https://versatile.com/inclusao-barbie-ganha-nova-linha-de-bonecas/>.

Acesso em: 19/06/2020.

Há um outro exemplo de proposta de inclusão, agora voltado para o público adulto, trata-se da campanha publicitária da marca Avon chamada “Dona dessa beleza”, que em novembro de 2016, com o objetivo de enaltecer as diferentes belezas femininas, com foco na ideia de inclusão social, a partir do slogan “Aceite-se”, “Liberte-se”, representou de forma concreta mulheres *plus size*, cegas, surdas, negras, LGBTQI+ e com Síndrome de Down. Possibilitando a cada uma delas se sentirem belas do jeito como são. “Dê um chega pra lá no preconceito, nos rótulos e em qualquer tipo de censura à sua beleza. Toda mulher já nasce linda, e é única. ”

Levando em conta a importância sobre as novas iniciativas, tanto na indústria voltada para o público infantil, quanto na publicidade que atinge pessoas de todas as classes sociais, de todas as etnias, de todas as faixas etárias, e já exemplificadas anteriormente, é necessário pensar sobre de que forma essas imagens, relacionadas a cultura visual, podem e devem estar inseridas no contexto pedagógico do ensino formal promovido nas escolas, seja na disciplina de Artes ou não, e também de que modo devem ser “lidas”.

Para tanto, é importante reconhecer que toda a sociedade vive num mundo envolvido por imagens que estabelecem uma comunicação direta, mas também, uma comunicação indireta (subliminar). Justamente por muitas imagens apresentarem esse caráter subliminar, surge a

necessidade de se compreender que não existe neutralidade, ou seja, elas são criadas para um contexto social, para com isso promover ideologias que podem apresentar um cunho progressista ou conservador.

Nesse sentido a autora Carla Silva Machado propõe uma reflexão sobre como as Pedagogias Culturais tratam das relações de gênero a partir da análise de um espaço de entretenimento de um shopping de uma cidade de porte médio chamado de Espaço/Evento *Barbie* e *Max Steel*. O espaço em questão apresenta-se dividido em duas partes e cada uma delas com uma cor. Um ambiente rosa para meninas que remete ao salão de beleza da *Barbie* e um ambiente azul para meninos com várias gravuras que remetem ao herói dos jogos de computador. A autora Machado (2016, p.76) nos diz:

A questão a ser problematizada sobre este espaço/evento é a separação entre o espaço destinado às meninas e o espaço destinado aos meninos. A descrição da página do *shopping* não dá ao público a possibilidade da escolha: as meninas devem contentar-se em ser estrelas de TV como a boneca *Barbie* e os meninos devem gostar dos jogos de computador, transformarem-se no herói *Max Steel* e salvar o mundo. Os espaços são bem demarcados pelas cores rosa e azul, que são cores arbitrárias, mas que qualquer um de nós identifica rapidamente como sendo o rosa a cor que representa o gênero feminino e o azul a cor que representa o gênero masculino. No espaço rosa, o lugar é da mansidão, da beleza. Já o espaço azul é o lugar da força, da aventura.

Machado (2016, p. 77), em sua reflexão, ainda diz:

Ao comparar o “Mundo *Barbie*” ao “Mundo *Max Steel*”, ficam evidentes as oposições: enquanto a *Barbie* é passiva, está sempre bonita, bem arrumada e preocupada com a aparência, *Max Steel* é forte, cheio de estratégias, e está sempre em ação, em meio a lutas e brigas. Seriam estes os ideais de feminino e masculino disseminados pelas grandes indústrias como artefatos culturais da contemporaneidade? Ao separar os espaços de meninos e meninas a partir dos personagens *Barbie* e *Max Steel*, separam-se os modos de ser menino e os modos de ser menina. Há uma imposição da construção social e cultural das concepções de feminilidade e masculinidade fortemente marcadas por estereótipos que reserva às meninas características como beleza e docilidade e aos meninos coragem, força e determinação.

Como os pais e as crianças lêem a imagem desse espaço, e as imagens que fazem parte do dia a dia, seja em casa, na rua ou na escola, por exemplo? Que mensagens são aprendidas e apreendidas, subliminares ou não, em relação ao universo feminino e ao universo masculino? Machado (2016, p.79) fala da importância de se discutir essas questões midiáticas no âmbito escolar. Os diversos produtos e o modo como são divulgados pelos meios de comunicação precisam ser debatidos, analisados e problematizados. Nesse sentido, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, um dos objetivos gerais da Arte para o Ensino Fundamental, diz que:

O aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (artes visuais, dança, música e teatro), tanto para

produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. (BRASIL, 1997, p. 39).

Para que as crianças e adolescentes de fato possam alcançar os objetivos traçados no PCN de Arte, é importante que a professora (or) de arte possibilite aos seus alunos a compreensão de que mais do que ler textos escritos, é possível ler o mundo em todas as suas nuances. É desejável que as (os) alunas (os), de todos os níveis de Ensino, encontrem na sala de aula referências visuais relacionadas ao seu dia a dia, bem como, conhecer as imagens artísticas produzidas ao longo da história. A professora (or) de arte ao assumir o compromisso de ajudar a criança e o adolescente a ler/desvendar o mundo, precisa desconstruir estereótipos, quebrar tabus e promover a cultura de paz. Sobre a ideia de leitura, Martins (2006, p. 32 e 33), afirma que:

É uma experiência individual e que pode ser caracterizada como sendo a decodificação de signos linguísticos, por meio dos quais o leitor decifra sinais, e também como sendo um processo de compreensão mais abrangente, em que o leitor dá sentido a esses sinais. Sua realização se dá a partir de um diálogo entre o leitor e o objeto lido, e que esse objeto pode ser de caráter escrito, sonoro, gestual, uma imagem ou até mesmo um acontecimento.

Cabe a professora (or) de arte orientar a (o) aluna (o), alfabetizando o olhar para a leitura do texto visual e possibilitando a compreensão de obras artísticas, mas também de tudo o que pode ser captado com os olhos. Dessa forma, a criança poderá ler imagens fixas e imagens em movimento. Com isso, ou seja, com o processo de alfabetização, a aluna (o) poderá desenvolver habilidades como a observação, a descrição, a análise e a síntese. Assim, será possível que a criança consiga atribuir significado e valor àquilo que se vê, sejam imagens artísticas ou não.

Para que a professora (or) de arte possa cumprir bem o seu trabalho como educadora/alfabetizadora visual, é necessário que esteja atenta (o) as atividades relacionadas à cultura visual, não somente aquilo que é produto e o meio pelo qual chega a todos (especialmente às crianças), mas principalmente aos temas, como: corpo, raça, gênero, orientação sexual, violência, inclusão etc. Para tanto a professora (or) deve estar bem preparada, ou seja, é importante ler, despir-se de preconceitos e ser engajada (o) com uma política de paz.

Objetos como as bonecas (os) produzidas pela Mattel Inc. ao serem percebidas no ambiente da sala de aula precisam gerar questionamentos, e é a partir deles que serão realizadas aulas que possibilitarão a construção de uma sociedade de paz. As crianças não nascem odiando umas às outras. O sentimento de ódio é aprendido ou em casa no seio familiar, ou em sociedade. E da mesma forma que se aprende a odiar, também é possível aprender amar. Diante de tudo o

que já foi exposto, é possível perceber que as mídias, ao impor um padrão de beleza idealizado, pode causar entre as crianças e adolescentes (principalmente nas meninas) uma insatisfação com o próprio corpo. Para Bohm (2004, p.19):

O padrão estético de beleza atual, perseguido pelas mulheres, é representado imageticamente pelas modelos esqueléticas das passarelas e páginas de revistas segmentadas, por vezes longe de representar saúde, mas que sugerem satisfação e realização pessoal e, principalmente, aludem à eterna juventude.

Com isso, cabe a Escola, representada pela Equipe de Gestão, coordenadores pedagógicos e professores, juntamente com as famílias, unir forças para combater o *bullying* e recuperar a autoestima das (os) alunas (os) que são afetadas (os) diariamente pelas mídias, tornando-se assim vítimas da violência escolar. O ensino da Arte Contemporânea pode contribuir para que sejam criadas ações afirmativas de enfrentamento que possibilitem a ressignificação e a desconstrução dos estereótipos relacionados à ideia de beleza e que são lamentavelmente promovidos pelas mídias.

Quanto as mídias, ao insistirem em promover um estereótipo de beleza de ascendência caucasiana, colocam-se na contramão da contemporaneidade. Afinal, outras formas de representatividade feminina vêm conseguindo acessar espaços midiáticos que até bem pouco tempo atrás lhes eram negados. A diversidade de corpos, de cores e de belezas são destacados não só pelas Artes Visuais, mas também por outras mídias com perfil menos conservador, estabelecendo um diálogo crescente com uma parcela da sociedade que luta para conquistar espaços de representatividade para além das “cotas”.

5 REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO NAS ARTES VISUAIS

Na história da arte ocidental, muitas das obras, consideradas marcos nos seus respectivos períodos artísticos, celebram e legitimam um olhar masculino sobre a imagem de mulheres. Estas obras, embora façam parte de uma iconografia chamada “universal”, constituem representações de um determinado modo de ver muito particular, sistematicamente privilegiado como o único possível.
Loponte (2008, p. 156).

É difícil falar em artes visuais no ocidente e não pensar na representação de corpos femininos. Desde a Pré-História a Arte Contemporânea, a imagem destes corpos ocupa os espaços destinados a arte, sejam os museus (espaços tradicionais) ou os muros grafitados das grandes cidades (espaços não tradicionais). Para compreender esse processo histórico, conforme Loponte (2002, p. 283), é preciso entender que há uma pedagogia visual que naturaliza e legitima o corpo feminino como objeto de contemplação, tornando esse modo de ver particular como a única ‘verdade’ possível. Loponte (2008, p. 152) também afirma que:

O corpo e a sexualidade feminina são colocados em discurso no campo das artes visuais (em imagens e textos relacionados mais especificamente às produções canônicas da arte ocidental), a partir de um determinado olhar masculino, tanto no que diz respeito às representações de nus femininos como às produções de mulheres artistas.

Na atualidade, o cenário artístico mudou, o número de mulheres artistas aumentou e com ele surge o olhar feminino, um olhar que de acordo com Loponte (2008, p.152) abre a possibilidade de pensar a experiência feminina através da arte de outra forma. Se num passado recente o olhar masculino referenciava um padrão idealizado de beleza, hoje, na Arte Contemporânea, as referências são outras. A nova geração de artistas mulheres tem em mente outras ideias, e nesse sentido Loponte (2008, p. 152) revela que para as artistas Nailana Thielly (brasileira), Jo Spence (britânica), Valia Carvalho (boliviana), através de seus autorretratos, provocam perturbação e surpresa, justamente por serem extremamente comuns e tão distantes dos padrões de beleza corporal feminina que aprendemos através da cultura visual da época em que vivemos.

Com isso é possível dizer que o olhar feminino desterritorializou o campo da arte, em outras palavras, as artistas mulheres rompem com a representação do corpo feminino idealizado pelo olhar masculino, ao assumir na contemporaneidade, o corpo na sua forma mais comum e natural, com as marcas do tempo e suas possíveis cicatrizes. Dessa forma, são superadas também as representações temáticas, que para além da imagem do corpo ideal, impuseram à mulher aquilo que se considerava aceitável ou não. Para Mayayo (2003, p. 139) *apud* Loponte (2008, p. 154):

Nas imagens de mulheres, enfatizam-se determinados modos de conduta e demonizam-se outros: as mulheres são virgens, mães, amantes, esposas, mas também são prostitutas, bruxas, mulheres fatais. Desse modo, assim como outros produtos culturais, a arte “desempenha um papel fundamental na criação e difusão de determinados estereótipos femininos, adquirindo assim uma feição prescritiva e proscritiva”.

No passado, e porque não dizer que ainda no presente, o enclausuramento destinado a representação da imagem da mulher, no que se refere a idealização tanto do seu corpo como das temáticas a que estavam sujeitas (ou anjos, ou demônios), impõe sequelas que alcançam os bancos escolares. Se por um lado as mulheres ocupam um espaço cada vez maior no cenário artístico contemporâneo, por outro, nas palavras de Loponte (2008, p. 156), durante as aulas de arte, as (os) alunas (os) da Educação Básica, ainda possuem acesso tão somente as imagens femininas estereotipadas, presentes em cartilhas, nos livros didáticos e nas “inocentes” decorações escolares. Loponte (2008, p. 156) ainda afirma que:

Na história da arte ocidental, muitas das obras, consideradas marcos nos seus respectivos períodos artísticos, celebram e legitimam um olhar masculino sobre a imagem de mulheres. Estas obras, embora façam parte de uma iconografia chamada “universal”, constituem representações de um determinado modo de ver muito particular, sistematicamente privilegiado como o único possível. Os discursos e interpretações que giram em torno dessas imagens (produzidos por críticos, historiadores e também professores e professoras) também fazem parte de um determinado contexto histórico, de um determinado modo de ver que obedecem a um determinado conjunto de regras dentro de um campo de saber e poder.

A história mudou, mas o discurso de época continua mais vivo do que nunca, e por essa razão continua a definir ou pelo menos contribui nesse sentido, a perpetuar com a imagem estereotipada da mulher. A sociedade de determinada época do passado vivia outra realidade social, entretanto, sob diferentes aspectos, o passado continua a existir, pois a relação entre a mulher e a arte, insiste em permanecer nebulosa, afinal a impressão que se tem é que há restrições em se reconhecer a relevância do ponto de vista feminino, não somente sobre si mesmas, mas também sobre o entorno social em que está inserida. De acordo com as palavras de Loponte (2008, p. 156):

Há vários discursos em disputa na definição do que é digno de ser representado ou de quem pode representar nas artes visuais, e essas práticas de poder articulam-se à produção de verdades sobre gênero e sexualidade. No entanto, se as relações de poder pendem em determinados períodos históricos e culturais para um determinado modo de ver, isto não quer dizer que assim o sejam indefinidamente. Não há um discurso monolítico e inabalável sobre a arte, imune a fraturas, resistências, deslocamentos. Como já vimos, algumas imagens femininas produzidas por mulheres artistas podem nos ajudar a perceber outras possibilidades de representação, ao mesmo tempo que causar um certo estranhamento a um olhar já acostumado com o ponto de vista masculino ou, a um determinado modo de ver masculino.

No entanto, é interessante pensar que mesmo no passado, seja ele mais distante no tempo (período acadêmico), ou mais próximo (período modernista), é possível encontrar algumas artistas mulheres que eventualmente conseguiram registrar seus nomes na História da Arte, como: Artemísia Gentileschi, Elizabeth Vigée-Lebrun, Adelaide Labille-Guiard, Camille Claudel e Frida Kahlo. De alguma forma essas artistas conseguiram a sua época, desconstruir o olhar masculino sobre a figura feminina, em que nele havia a representação da mulher passiva e frágil. Loponte (2008, p. 158) aponta para algumas semelhanças nas obras das artistas citadas, afirmando que:

[...] também apresentam em suas obras versões que se diferenciam de algum modo das imagens femininas de passividade a um suposto olhar masculino, comuns nas seleções de imagens dos tradicionais livros de história da arte. As obras dessas artistas fazem convergir um olhar acostumado com a naturalização do corpo e da experiência das mulheres, muitas vezes tratados como simples objetos. As produções dessas artistas são metáforas contemporâneas de um feminino que deseja, que sonha, que se expõe. Essas imagens são produtos de seu tempo histórico, e, sem dúvida, constituem ainda o nosso presente.

Vale ressaltar mais uma vez que na contemporaneidade, as artistas mulheres já manifestam o seu olhar de desconstrução com relação a representação do feminino. Porém, mesmo entre artistas mulheres feministas, é possível perceber que um determinado tema de mesmo interesse pode ser materializado de diferentes formas. É o caso de duas artistas americanas, Judy Chicago e Mary Kelly, interessadas pelo tema maternidade. Mayayo (2003, p.112-113 *apud* LOPONTE, 2008, p. 158) analisa a situação, destacando que:

The Birth Project, de Judy Chicago, homenageia de forma arrebatadora a figura da mãe através de 85 imagens produzidas com técnicas tradicionais ligadas ao artesanato feminino, como bordado, macramé, crochet, etc. A artista pretende criar uma imagem “positiva” da maternidade, de alguma forma respondendo à sua desvalorização pelo patriarcado. Por outro lado, Mary Kelly, no seu Post Partum Document, problematiza o conceito de maternidade, analisando como este se constrói socialmente na cultura predominantemente patriarcal. Escapando das representações mais tradicionais de maternidade, como “Madona com seu filho”, a obra descreve de forma detalhada a relação entre Kelly e seu filho durante os seis primeiros meses de vida. A obra apresenta em seis seções uma espécie de memorabilia dos primeiros anos de vida do bebê (fraldas, gravações, roupa infantil, desenhos), além de quadros sinópticos, diagramas médicos e textos psicanalíticos. (LOPONTE, 2008, p. 158).

A produção artística contemporânea feminina é reconhecida por críticos e curadores, e, como consequência encontra local/espço para o debate sobre os diferentes olhares femininos. Porém, quanto ao público que possui acesso ao debate, este, ainda é formado por uma elite intelectual. Os novos e diferentes modos de ver o feminino, produzidos pelas artistas mulheres

e relacionados a Arte Contemporânea, ainda permanecem distantes das salas de aula na Educação Básica. Com isso, é difícil formar um novo público, capaz de enxergar para além das imagens estereotipadas relacionadas ao corpo da mulher, representado nas mais diferentes situações sociais. Loponte (2008, p. 160) chama atenção para a realidade escolar:

Mas e o que dizer da escola, da docência que a habita e das imagens de feminino que a permeiam? Se pensarmos nas imagens presentes nos corredores das escolas, e nos livros didáticos voltados principalmente para Educação Infantil e Anos Iniciais, há pouco espaço para múltiplos femininos que escapem das imagens consagradas de mães abnegadas e subservientes, dedicadas e sensíveis, ou configurações masculinas que não correspondam a pais heróis, provedores e estáveis emocionalmente. E nem sempre uma docência aparentemente elogiada como “criativa” percebe que um simples livro de atividades para colorir pode ser um grande engodo e uma subestimação a inteligência e capacidade criadora feminina.

Mais do que sensibilizar o olhar das crianças e dos adolescentes a respeito das imagens produzidas por e para mulheres, com o ensino da Arte Contemporânea é possível romper com o olhar conservador que estabelece qual o papel a mulher e o homem devem cumprir socialmente. Não há neutralidade, as imagens comunicam ideias e as que estão consagradas nas escolas, perpetuam pontos de vista que não representam a atualidade. Ainda sobre o papel que a escola cumpre na sociedade contemporânea, Loponte (2008, p. 161) nos diz que:

Se a docência se alimenta pouco da arte contemporânea ou da arte em geral para pensar e problematizar o tempo que vivemos, se a escola ainda é o reino das imagens e fórmulas repetidas, dos estereótipos e binarismos que se tornam verdades quase inquestionáveis, há com certeza, muito que fazer, pensar, propor para a formação docente.

A realidade das escolas, na atualidade, requer um novo olhar sobre o mundo, e nesse sentido é importante pensar sobre a licenciatura em arte e a formação docente. É necessário ampliar o leque discursivo sobre o mundo atual. O debate sobre gênero e sexualidade implica em ampliar fronteiras, logo, é necessário (des) construir, (des) normalizar olhares e representações tradicionais sobre o corpo feminino, incentivando a diversidade de corpos e belezas nas aulas de arte.

Essas proposições são um caminho possível para ajudar a romper com o ciclo de insatisfação com a autoimagem e o *bullying* no ambiente escolar, para tanto, é desejável que através de imagens que provocam estranhamento, sejam formados novos públicos, livres de preconceitos e que possuam no olhar, um horizonte mais amplo.

6 O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA: UMA POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO AO BULLYING

[...] os materiais cortantes e de perfuração escolhidos para confecção desses objetos estavam diretamente ligados a objetos que sempre me causaram medo e pânico: agulhas, lâminas etc., os quais sempre eram utilizados nas cirurgias às quais me submeti. Mas, por outro lado, utilizo cristais, pérolas, materiais esses extremamente sedutores, que se tornaram desejados através de suas formas e brilhos. Ao desejar alcançar o belo, tenho que me submeter a cortes e perfurações.
Nazareth Pacheco - artista⁷

Na atualidade, é desejável que as escolas, através das (os) suas/seus professoras (res), de arte ou não, promovam uma educação significativa/reflexiva, em que a (o) aluna (o) se torne um sujeito ativo e protagonista de suas ações no processo de ensino/aprendizagem. Em se tratando do ensino da arte, e em específico do ensino da Arte Contemporânea, é necessário que as (os) professoras (es) estabeleçam uma relação de troca entre o conhecimento acadêmico e a produção cultural contemporânea, para dessa forma, gerar reflexões, mudanças e realinhamentos nos estágios de ensinar e de aprender junto aos alunos. Para tanto, é relevante que realizem de forma contínua, cursos de atualização para que possam acessar aos novos contextos que implicam em novas práticas no cotidiano escolar. Conforme Sarmiento (2005, p. 376):

[...] ao falarmos de crianças, não estamos verdadeiramente apenas a considerar as gerações mais novas, mas a considerar a sociedade na sua multiplicidade, aí onde as crianças nascem, se constituem como sujeitos e se afirmam como atores sociais, na sua diversidade e na sua alteridade diante dos adultos.

É correto dizer que a escola é um dos espaços em que as crianças tem o direito garantido de ampliar seus repertórios de aprendizagem e de aprender sobre novas culturas. Esse processo deve ser mediado pelas (os) professoras (res) a partir de diálogos livres e plurais, pois, é nelas (les) que repousa o trabalho cotidiano escolar. Nas palavras de Tardif (2000, p. 113) é “sobre os ombros deles que repousa no fim das contas, a missão educativa da escola”. Justificando assim a ação docente.

Nesse sentido, no que se refere a importância da (o) professora (or) de arte e compreendendo a Cultura Visual como uma tendência contemporânea para o ensino da arte, no que se refere ao ensino da Arte Contemporânea, há de se perceber o diálogo entre a produção artística contemporânea e a produção visual cotidiana. Dessa forma, este diálogo nada mais é

⁷ Nazareth Pacheco é uma artista contemporânea que desenvolveu na década de noventa obras que remetem ao corpo que está aprisionado pelo belo, pela estética e também pelo consumo. A leitura de algumas de suas obras possibilita a reflexão sobre a figura feminina na sociedade patriarcal, vítima da violência. O ensino da Arte Contemporânea pode contribuir no sentido da desconstrução de estereótipos relacionados a beleza do corpo feminino construído em uma sociedade patriarcal.

do que o reconhecimento das representações visuais promovidas por diferentes indivíduos que dependendo da sua raça, classe social e gênero promoverão um discurso, muito presente na produção artística contemporânea, que diferente da produção artística acadêmica ou modernista, traça narrativas que dialogam de modo alternativo com o público.

Embora a Arte Contemporânea tenha surgido a partir da segunda metade do século XX, ainda hoje, muitos professores de arte encontram dificuldades em trabalhar com a produção artística desse período, pois é uma arte que desafia a todos: professores, alunos e o público em geral. Conforme Menezes (2007, p. 1004):

Muitos professores não deixam de vivenciar um estranhamento similar ao que a grande parte das pessoas tem em relação à arte contemporânea e, assim, ao justificarem-se por não entenderem tal manifestação, a excluem de seus planos e programas de aula. Excluindo-se das aulas de arte essa produção, intensifica-se o abismo entre a arte da atualidade e o público.

Nesse sentido, Menezes (2007, p. 1004) nos diz que:

Excluir as questões da arte contemporânea é abandonar décadas de história da arte, de processos e de mudanças que fazem parte da produção dos dias de hoje. São as questões desta arte que vêm movimentando os artistas e configurando o meio artístico contemporâneo, de maneira que não há como simplesmente pô-la de lado e anular a sua existência. Esta é a arte que está em museus e galerias, pelas ruas e (de certa maneira) na mídia; ao invés de renegá-la, é preciso discuti-la, analisá-la em seus aspectos.

O período de Arte Contemporânea apresenta aspectos muito próprios que o diferencia dos períodos artísticos anteriores:

- 1) O espectador é convidado a interagir com a obra de arte, deixando assim de ser um mero contemplador passivo.
- 2) O artista se torna mais que um criador, um propositor de ideias e/ou experiências. Nesse sentido, a obra artística torna-se um reflexo de diferentes aspectos sociais.
- 3) Os artistas apropriam-se de objetos do cotidiano e, por vezes, terceirizam etapas de construção da obra.
- 4) Há o aspecto de efemeridade em confronto com a ideia de perenidade.

Nas palavras de Menezes (2007, p. 1002), em razão da produção artística contemporânea ser bastante heterogênea e plural em suas manifestações, realizadas em diferentes espaços e através de diferentes meios de expressão, assimilando uma grande diversidade de materiais e abraçando diferentes temas (contemporâneos ou não), contribuem na indefinição de conceitos que possam configurar um estilo ou uma estética contemporânea. Em outras palavras, a produção artística atual não tem uma “cara” para defini-la, assim como a acadêmica ou a modernista.

Dessa forma, a produção artística contemporânea imprime um certo estranhamento no público, que, ainda hoje, questiona se essa produção de fato é Arte. As (os) professoras (es) de arte, então, não podem se furtar da oportunidade de, ao apresentar a Arte Contemporânea, aproveitar para formular questionamentos sobre os temas e os meios utilizados pelos artistas para provocar o desenvolvimento de um ensino que seja ao mesmo tempo, reflexivo e significativo. Conforme Menezes (2007, p. 1004), sobre o ensino da Arte Contemporânea:

Estranhar pode implicar numa postura de questionamento e investigação que tenha diversos desdobramentos positivos. Olhar para o estabelecido como se este fosse estranho e examinar relações que parecem óbvias e conceitos que parecem arraigados é parte integrante da maior parte das posturas críticas, que hoje são tão valorizadas pela educação e vistas como uma urgência na formação dos alunos como agentes culturais. Trabalhando com a pluralidade e com a experimentação, a arte contemporânea é um convite para os alunos explorarem novas formas de produção, reflexão e significação; para ampliarem seus conhecimentos sobre a arte, desenvolverem novas posturas e relacionamentos com ela e refletirem sobre a cultura contemporânea na qual, tanto eles como a arte, estão inseridos. Para os professores, pensar sobre a arte contemporânea em sala de aula pode ser uma possibilidade de rever posturas, valores e conceitos na busca de uma prática que articule sentido e aprofundamento.

Menezes (2007, p. 1005), ainda afirma que:

Excluindo-se a Arte Contemporânea do currículo e dos conteúdos propostos aos alunos, acaba-se por eliminar as diversas relações que estes poderiam fazer entre a arte de hoje e as suas vidas, as mudanças das propostas da arte no decorrer da história e a arte e a cultura contemporânea. A ausência de questionamentos relacionados à produção artística contemporânea ainda promove um distanciamento entre a prática e a concepção de arte apresentada no ambiente escolar e a prática que ocorre no ambiente artístico contemporâneo.

Certamente, com o ensino da Arte Contemporânea, que tem como características a interatividade com o público, a liberdade de experimentação/apropriação de novas materialidades, a proposição de novos meios de expressão e a ocupação de espaços alternativos, é possível que as aulas de arte superem o aspecto conteudista, primando por novas posturas metodológicas fundamentadas em uma nova visão de mundo da (do) professora (or) de arte, possibilitando assim que as aulas se tornem um espaço em que as (os) alunas (os) possam debater e refletir sobre a cultura contemporânea, bem como realizar atividades em consonância com a proposta artística atual. Menezes (2007, p. 1009) ao refletir sobre a influência que uma obra artística pode ter nas aulas de arte, afirma que:

O potencial contestatório, conceitual, problematizador, desestabilizador, reflexivo, investigativo, aberto, poético e estético que uma obra inclui e relaciona, seja no nível espacial, material, temático, visual ou contextual, pode integrar-se na formação de uma nova abordagem e apresentação da arte nas

escolas. Acredita-se que o embasamento em aspectos como estes é um caminho para a realização de mudanças, que atuam sobre concepções, compreensões, atitudes e repertórios, abrangendo a busca por um aprofundamento e pela atualização do ensino de artes.

Ainda sobre o ensino da Arte Contemporânea, vale ressaltar a importância de se destacar o trabalho realizado por mulheres que ainda hoje permanecem “invisíveis” no cenário artístico nacional e internacional. Nas palavras de Nochlin (2016, p. 23), a invisibilidade artística ao qual as mulheres foram historicamente renegadas ocorre pelo fato de que não basta ter liberdade e autonomia, tão pouco ter talento, ou ser influenciado por artistas mais experientes. É necessário que o contexto histórico e social contribua nesse sentido. Numa sociedade patriarcal as instituições oficiais, como as Academias de Arte, se encarregavam em não tornar visível o talento artístico feminino

Por essa razão, limitar o ensino da arte à artistas como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti é dar continuidade a ideia da invisibilidade das artistas mulheres contemporâneas. É necessário dar visibilidade a todas as artistas brasileiras, sejam elas do século XX ou do século XXI. Nesse sentido, é correto afirmar que na atualidade o panorama sobre o ensino da arte mudou.

Nos últimos vinte anos ocorreram mudanças curriculares que exigem das (dos) professoras (es) constante atualização, tanto do aspecto pedagógico do ensino da arte, quanto do aspecto relacionado as mudanças referentes ao pensamento e ao comportamento social. Paralelamente as escolas estão recebendo livros didáticos e materiais audiovisuais. Na atualidade o ensino da arte não se limita a sala de aula, pois a visita a espaços artísticos/culturais tem se tornado uma constante no dia a dia escolar.

É fundamental dar voz às artistas mulheres contemporâneas, pois, tão importante quanto reconhecer o talento que todas elas têm, é ouvir o que elas têm a dizer sobre os temas que são pertinentes às suas vidas. O movimento feminista, ainda hoje, ajuda no processo de superação da invisibilidade, e com ele, questões importantes são discutidas com maior profundidade, são elas: o caráter artístico das obras, o aspecto estético, o aspecto social, o aspecto político e o aspecto ideológico.

Com isso algumas questões relacionadas ao ensino da arte precisam ser repensadas:

- a) As mudanças ocorridas no cenário artístico nas últimas décadas (aumento da participação feminina) poderão provocar transformações nas práticas educacionais que até então promoviam a invisibilidade das artistas mulheres?
- b) O reconhecimento e a valorização da produção artística realizada pelas artistas contemporâneas, poderá apontar para novas formas de ensinar, pensar e aprender arte?

c) Que consequências ocorrerão se as novas práticas de ensinar a arte forem efetivamente incluídas nos planejamentos e currículos escolares?

As mudanças no ensino da arte estão em curso e com isso os desafios estão postos. Talvez seja correto dizer que no que diz respeito ao ensino da Arte Contemporânea o desafio seja ainda maior. Afinal, a Arte Contemporânea está conectada a um aspecto de multiplicidade artística que é plural, pois permite diferentes leituras dos trabalhos artísticos. Para Efland (2005, p. 179), “[...] obras de arte não podem ser compreendidas somente por meio de elementos formais, mas [...] requerem também um bom conhecimento do seu contexto cultural.”

Em outras palavras, isso implica dizer, que o ensino da Arte Contemporânea exige a superação de práticas que estavam relacionadas às cópias de modelos prontos (pedagogia tradicional⁸), e pior, à conceitos modernistas voltados à “livre expressão” ou ao “fazer pelo fazer” (escolanovismo⁹). A ideia é promover um ensino que provoque o diálogo, o debate, a desconstrução de ideias que se tornaram obtusas e que ainda fazem parte da prática pedagógica de alguns professores. A concepção para o ensino da Arte Contemporânea requer o reconhecimento de seu caráter fluido e híbrido. Para o professor Thistlewood (2005, p. 114):

Sejam quais forem as reações que as últimas manifestações da arte nos provoquem - choque, prazer, repulsão, afeição, indiferença - parto da consideração de que nós temos a responsabilidade de ensiná-las, para que nossos estudantes possam absorvê-las criticamente.

A Arte Contemporânea é inquieta, é provocadora, é necessária e sua relevância justifica sua presença nos planejamentos e currículos escolares. A produção artística contemporânea, como um todo, realizada tanto por homens como por mulheres, admite novas materialidades e novos meios de expressão. Em se tratando especificamente de artistas mulheres, os temas explorados reivindicam o protagonismo da cena artística. São as narrativas promovidas por mulheres que não querem contar apenas a sua própria história, mas querem estabelecer conexão com as narrativas de outras mulheres.

⁸ Proposta de educação centrada no professor, cuja função é vigiar, aconselhar, corrigir e ensinar a matéria através de aulas expositivas, ficando a cargo dos alunos prestar atenção e realizar exercícios repetitivos para gravar e reproduzir a matéria dada. MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Pedagogia Tradicional**. 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/pedagogia-tradicional/>. Acesso em: 29/08/2020.

⁹ No Brasil, a Escola Nova buscava a modernização, a democratização, a industrialização e urbanização da sociedade. Os educadores que apoiavam suas ideias entendiam que a educação seria a responsável por inserir as pessoas na ordem social. Também conhecido como escolanovismo, a Escola Nova chegou ao País na década de 1920 com as Reformas do Ensino de vários Estados brasileiros. MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Escola Nova**. 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/escola-nova/>. Acesso em 29/08/2020.

Assim a obra artística contemporânea, promovida por artistas mulheres, seria o resultado de uma interpretação da realidade mais legítima e verdadeira, relacionada a ideia de ser mulher, ou de habitar um corpo feminino, ou ainda, as diferentes maneiras possíveis de ser ou estar mulher na sociedade atual. É uma expressão artística que representa a percepção da realidade existente e não um simples retrato idealizado. Um jeito diferente de contar histórias. A artista, educadora e pesquisadora Kátia Canton (2009, p. 15), propõe o conceito de “narrativas enviesadas” contemporâneas. Ela afirma:

As narrativas enviesadas contemporâneas também contam histórias, mas de modo não linear. No lugar do começo-meio-fim tradicional, elas se compõem a partir de tempos fragmentados, sobreposições, repetições, deslocamentos. Elas narram, porém não necessariamente resolvem as próprias trama

Kátia Canton (2009, p. 21-22) ainda afirma que:

Nas artes, a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade e impressões que contrapõem a um panorama de comunicação à distância e de tecnologia virtual que tendem gradualmente a anular as noções de privacidade, ao mesmo tempo que dificultam trocas reais. É também o território de recriação e de reordenamento da existência – um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário.

Para Thistlewood (2005, p. 117) é importante que as (os) alunas (os) conheçam os estudos teóricos acerca das obras de Arte Contemporânea, para que dessa forma possam compreender os motivos: o que levou aquela produção, quem a produziu, o por quê, para quê, como? Entretanto, admite que em certos momentos durante o processo de aprendizagem é importante a atividade prática, para dessa forma estabelecer um diálogo frutífero entre as (os) alunas (os) e as obras de arte. É importante que ocorra a sucessão de etapas das aulas de arte, ou seja, que haja a alternância entre a teoria e a prática.

O ensino da Arte Contemporânea requer muito mais do que uma leitura, análise e crítica formalista. É necessário um olhar atento, distante do superficial, pois o que está representado no objeto artístico são significados que necessitam ser desvendados, principalmente quando a eles são atribuídos conceitos relacionados ao feminismo. Nesse sentido, é importante que se saiba que na obra artística existem conceitos artísticos, políticos, sociais, biográficos, sociológicos, étnicos, culturais, etc. De acordo com Favaretto (2010, p. 232), a arte e grande parte das proposições artísticas que emergem de um pensamento contemporâneo funcionam como “interruptores da percepção, da sensibilidade, do entendimento; funcionam como um descaminho daquilo que é conhecido”. Para Ledur (2016, p. 204):

[...] as pesquisas possibilitaram perceber as potencialidades da arte contemporânea como provocadora de sentidos, absorvendo e representando de forma visual e discursiva as características da pós-modernidade. Este percurso investigativo reforçou minha compreensão de que a arte contemporânea, como produção artística, tem potencial de transformação no currículo escolar ao desconstruir as práticas e conteúdos tradicionais de ensino, trazendo as questões da contemporaneidade para o contexto escolar. Também, ampliou a percepção do papel do professor de arte como potencializador da experiência estética na escola, ao ter como base um ensino de arte conectado com os desafios e as questões da arte na contemporaneidade.

Esse é o desafio da Arte Contemporânea: romper com a tradição clássica da arte e o seu caráter universal, assim como, com a ideia da verossimilhança e o seu realismo. Entende-se que ao romper com a representação da realidade, torna-se possível, o comportamento libertário, crítico e emancipador, tanto o do artista propositor, quanto o do público espectador, nesse caso, participativo e proativo. Costa (1998, p. 71), afirma:

[...] Duchamp, ao exibir seus *ready-mades* – objetos industriais de uso cotidiano, expostos de forma inusitada como obras de arte –, renunciava à possibilidade da contemplação clássica da obra de arte. A partir de então, a arte se tornou progressivamente mais crítica, privilegiando cada vez mais a ideia em detrimento do fazer propriamente dito. Utilizando para isso recursos como a surpresa, a ironia, a crítica e a denúncia, a arte deixou de convidar o observador a um mergulho estético para, ao invés, alertá-lo, incomodá-lo, desestabilizá-lo e até agredi-lo.

E, embora haja o caráter de transformação e desconstrução presentes na produção artística contemporânea, algo que é positivo e que está em consonância com o tempo atual, ainda assim, conforme Costa (1998, p.98) citado neste trabalho na página 27, o ideal classicista de beleza prevalece no gosto e na opinião dos espectadores sobre o significado da arte e o seu valor.

Obras como a *Monalisa* (Leonardo da Vinci) e *O Nascimento de Vênus* (Sandro Botticelli), sugerem um entendimento aparentemente fácil, pois ainda que perfeitas, estão distantes no tempo e no espaço, sem o comprometimento com a realidade social contemporânea. Sequer exigem do espectador comum um esforço interpretativo. Para Loponte (2012, p. 7):

[...] a experiência do espectador de uma obra como a *Mona Lisa* ou *La Gioconda*, de Leonardo da Vinci (apenas para citar um ícone renascentista visto quase como sinônimo de “boa” arte), é completamente diferente da experiência do espectador de uma obra como *A Grande Troca*, do artista francês Nicolas Floch¹². A experiência visual contemplativa requerida para uma obra renascentista é praticamente dispensável em produções que envolvem muito mais do que simplesmente se vê. Trata-se de narrativas completamente diferentes.

Há na obra das artistas contemporâneas Nazareth Pacheco, Rosana Paulino, Marcia X, Santarosa Barreto e Rosa Luz um desejo de contar histórias de corpos que possuem cicatrizes que revelam suas biografias e ou as biografias das mulheres espectadoras. Bonitas, feias, tristes ou alegres essas histórias permitem que o indivíduo, ao ingressar numa exposição de Arte Contemporânea, possa mergulhar em memórias próprias ou alheias, e assim deparar-se com seu “eu”, tornando a obra artística uma extensão de si mesmo ou não. Canton (2009, p. 15) diz que:

Artistas e pensadores substituem a noção de Política, com “P” maiúsculo mesmo, pelas micropolíticas – a saber, uma atitude focada em questões mais específicas e cotidianas, como o gênero, a fome, a impunidade, o direito à educação e à moradia, a ecologia, enfim, tudo aquilo que nos diz respeito e nos faz viver em sociedade.

É importante apresentar obras artísticas contemporâneas para os alunos de todos os níveis de ensino da Educação Básica, pois possibilita a construção de um olhar de desconstrução de preconceitos. Para tanto, é necessário respeitar as faixas etárias dos alunos e isso significa pensar temas que sejam adequados e que ao mesmo tempo possam representar os interesses da comunidade escolar. Por esta razão, é desejável que se construa uma educação significativa e comprometida, disposta a tornar as (os) alunas (os) protagonistas, dispostas (os) a pensar, debater e a construir repostas sobre os conflitos que transbordam o “**corpo social**”. E nesse sentido a Arte Contemporânea e as suas narrativas podem nos trazer conforme Loponte (2012, p. 11):

[...] uma aguda visão sobre nós mesmos e o que estamos fazendo do mundo em que vivemos. Não se trata de um olhar didático ou controlado, como muitas vezes deseja o discurso pedagógico, mas repleto da desordem e insensatez própria das coisas que pulsam. Muitas vezes, a relação tão estreita entre arte contemporânea e mesquinhas e pequenezas cotidianas pode confundir nossas expectativas mais românticas sobre arte. Talvez esteja aí mesmo a maior potência dessas produções: trazer até nós a vida sem molduras, a arte como forma de ver a vida.

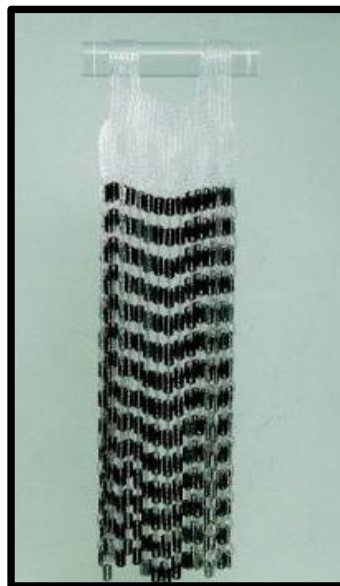
É inspirado nas palavras de Loponte que este autor propõe o debate sobre o *bullying* no ambiente escolar relacionado ao corpo feminino e a interferência que o mesmo sofre em decorrência da influência negativa das mídias. É recomendável para as aulas de arte, uma ação pedagógica que considere a arte contemporânea produzida por mulheres como um veículo sensível que possibilite mudanças e transformações no olhar dos alunos da escola, do Ensino Fundamental, series iniciais e finais, através de um exposição artística realizada por alunos do Ensino Médio, para que possam reconhecer o *bullying* como uma forma de violência que afeta diversas (os) alunas (os), por diferentes razões, mas principalmente as meninas no que se refere ao corpo. Abaixo são apresentadas cinco obras contemporâneas, produzidas por mulheres que

revelam o corpo feminino sob diferentes enfoques, e a partir destas produções as artistas discutem:

- a) A relação do corpo com a beleza, a dor e a violência nas obras de Nazareth Pacheco:

Nazareth Pacheco e Silva é uma artista contemporânea brasileira, nascida em São Paulo, em 1961. Sua trajetória artística está relacionada ao tridimensional, pois é composta de instalações, esculturas e objetos. Há um forte teor biográfico em suas criações artísticas. Sua história de dor, decorrente das diversas cirurgias plásticas corretivas a que foi submetida é narrada através de suas obras. O autor deste trabalho selecionou uma obra produzida pela artista que não possui título (imagem 7). Na obra percebemos um vestido confeccionado por miçangas e lâminas. Há um sentido provocativo que desperta curiosidade no observador, pois ao mesmo tempo que o olhar é atraído pela beleza, por outro, causa repulsa em decorrência dos materiais utilizados na confecção. Seria esse vestido uma espécie de armadura, criado para proteger as mulheres da violência a que estão submetidas, como por exemplo o estupro?

Imagem 7: Nazareth Pacheco. *Sem Título*, 1997.
Cristal, miçanga e gilete. Dimensão: 129 x 39,5 x 8 cm. Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP.



Fonte: JARDIM, Hiáscara Alves Pereira. **A exteriorização da memória pessoal em Nazareth Pacheco.** *Poiésis*, Niterói, v. 18, n. 30, p. 33-54, dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/poiesis.1830.33-54>. Acesso em: 30/04/2020.

SUGESTÃO PARA A LEITURA DA IMAGEM

Autor: Anderson Silva Prates

Esse é um belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes.

Por que esse belo vestido é feito de cristais, miçangas e giletes?

Que mulheres usariam esse belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes?

Seriam muitas as mulheres que precisariam desse belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes?

Mulheres que usam esse belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes correm perigo?

O que acontece com as mulheres que não usam esse belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes?

Morrem?

- b) A relação do corpo com a consciência de gênero, raça e classe nas obras de Rosana Paulino:

Rosana Paulino é uma artista contemporânea brasileira, negra, nascida em São Paulo, em 1967. Em sua trajetória artística há uma grande variedade de meios de expressão, entretanto, ainda que haja instalação, pintura, apropriação e confecção de objetos, é através do desenho, principalmente através da gravura que a artista narra sua história e a de sua família, a tradição cultural ancestral do povo africano e afro-brasileiro, o racismo estrutural brasileiro, a condição social da mulher negra em um país marcado pelo racismo e os padrões de beleza feminino. O autor deste trabalho selecionou uma obra produzida pela artista que não possui título (imagem 8). Na obra percebemos que a artista se apropria de um objeto chamado “bastidor” que é um caixilho de madeira onde se prende e estica um tecido para posteriormente pintar, bordar ou ambos. Um objeto geralmente relacionado ao universo feminino. Podemos ver seis bastidores e em cada um a imagem de uma mulher negra. Sobre a imagem a artista borda linhas irregulares que transmite a ideia de violência. A mesma violência a que foram sujeitas as mulheres negras, tanto em tempos antigos, como em tempos atuais. As figuras femininas não enxergam, pois representam a impossibilidade de ver o seu algoz (seus olhos estão costurados); não falam, pois representam a impossibilidade de gritar (suas bocas estão costuradas) e em sua

garganta há um “nó” que as obriga a aceitar a sua invisibilidade social sem poder expressar o sentimento.

Imagem 8: Rosana Paulino. *Sem Título*, 1997.
Xerografia e linha sobre tecido montado em bastidor. Dimensão: 31,3 x 310 cm.
Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP.



Fonte: ALVES, Bruno Oliveira; SILVEIRA, Luciana Martha. **Os deslocamentos de sentido na série Bastidores, de Rosana Paulino.** 2019. Disponível em: <http://www.coloquiodefotografia.ufba.br/os-deslocamentos-de-sentido-na-serie-bastidores-de-rosana-paulino/>. Acesso em: 30/04/2020.

SUGESTÃO PARA A LEITURA DE IMAGEM

Autor: Anderson Silva Prates

Você é mulher e negra, logo, seu grito é calado, contido e sufocado.
 Você é mulher e negra, logo, está cega, não pode e não deve enxergar o próprio algoz.
 Você é mulher e negra, logo, seu corpo não te pertence.
 Você é mulher e negra, logo, está presa ao passado, pois, foste, és e serás escrava.
 Você é mulher e negra, logo, tua cidadania não existe.
 Você é mulher e negra, logo, tua ancestralidade é desconhecida.
 Sem passado estás sujeita ao esquecimento, a exclusão, a violência e a morte.

- c) A relação do corpo com o feminismo, o “sagrado e o profano” e a religião nas obras de Márcia X:

Márcia Pinheiro de Oliveira ou Márcia X foi uma artista contemporânea brasileira, nascida no Rio de Janeiro, em 1959 e falecida em 2005. Sua trajetória artística está relacionada ao tridimensional, pois é composta de instalações, performances, intervenções e apropriação de objetos. A artista ao longo de sua carreira, através de suas criações, estabeleceu o confronto entre as instituições e a sociedade, entre a sexualidade humana (com ênfase na feminina) e a religiosidade, bem como, propôs a discussão sobre a identidade de gênero e o feminismo. O autor deste trabalho selecionou uma obra produzida pela artista intitulada Desenhando com terços

(imagem 9). Na obra, uma performance/instalação, a artista utiliza uma grande quantidade de terços católicos para com eles desenhar “pênis” sobre o chão. O público, no entorno da performance/instalação, assiste à construção da obra que será finalizada no momento em que o chão estiver integralmente coberto pelos desenhos, sugerindo uma forma abstrata. Com esta obra a artista ao apropriar-se do objeto religioso, retira deste objeto a sua função religiosa. Ao objeto é dada uma nova função, ou seja, a de ser a “linha” que irá construir o profano, a “carne subentendida”, na forma do órgão sexual masculino. Com o desenho a artista discute as convenções sociais que envolvem a sexualidade, a religião, o sagrado, o feminino e a beleza. Como numa espécie de ritual, a artista fala de si mesma e das mulheres, dos desejos expressados nas belezas de seus diversos corpos.

Imagem 9: Márcia X. *Desenhando com terços*, 2000 – 2003.
Performance e Instalação. Camisola branca e terços.



Fonte: OLIVEIRA, Paola Lins de. **A iconoclastia sagrada de Márcia X.: arte contemporânea, performance e religião.** 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2245>. Acesso em: 30/04/2020.

SUGESTÃO PARA A LEITURA DE IMAGEM

Autor: Anderson Silva Prates

Sou mulher que não nega o próprio desejo.

Não há repressão.

Sou mulher que deseja a carne masculina.

Não há oração.

Sou mulher que assume o pecado.

Não há redenção.

Sou a dona de meu corpo.

Sou transgressão

- c) A relação do corpo com o machismo e a sexualização nas obras de Santarosa Barreto:

Santarosa Barreto é uma artista contemporânea brasileira, nascida em São Paulo, em 1986. Sua trajetória artística está relacionada a fotografia, a instalação e ao uso de objetos. Há na obra da artista o comprometimento com a causa feminista e é comum encontrar em suas obras a linguagem escrita que podemos chamar de imagem/texto. Por essa razão um de seus interesses é discutir o lugar da mulher na linguagem, pois a artista identifica que as representações do feminino e porque não dizer do corpo, quase sempre partem de um olhar masculino. O autor deste trabalho selecionou uma obra produzida pela artista intitulada Brasil e suas reflexões cotidianas ou Brasil neon (imagem 10). Na obra é possível perceber a influência da História da Arte, do cinema e dos aspectos visuais típicos das grandes cidades, encontrados em casas noturnas ou mesmo num bordel. Lugares estes em que é comum a mulher ser tratada como um produto a ser consumido. No letreiro em cor de rosa a tradução da frase: *Você é brasileira? Ah, eu amo mulher brasileira.* Este letreiro expressa o machismo que habita o imaginário internacional masculino, a ideia de que o corpo da mulher brasileira deve ser conquistado e dominado (da mesma forma que o território brasileiro), e numa última instância a ideia de que a mulher brasileira é “fácil” e o Brasil um lugar destinado ao turismo sexual.

Imagem 10: Santarosa Barreto. *Brasil e suas reflexões cotidianas ou Brasil neon*. 2016. Neon, fios elétricos e transformador. Dimensão: 63 x 152 x 2 cm. Catálogo Virtual do Museu de Arte Brasileira.



Fonte: MABFAAP. **Obras do Catálogo Virtual**. Disponível em: <http://mabfaap.sismu.com.br/obra/82935/brazil>. Acesso em: 30/04/2020.

SUGESTÃO PARA A LEITURA DE IMAGEM

Autor: Anderson Silva Prates

A mulher brasileira tem valor, oh se tem!!!
 Onde aterrissa é admirada e amada!!!
 A mulher brasileira tem valor, de mercado!!!
 Onde chega é muito bem cotada!!!
 A mulher brasileira tem valor, a granel!!!
 Quantidades absurdas de curvas e formosuras!!!
 Mas afinal, pergunta o estrangeiro, com tanto valor,
 em dólar, euro ou real, quanto custa a mulher
 brasileira?

d) A relação do corpo trans com invisibilidade social nas obras de Rosa Luz:

Rosa Luz é uma artista contemporânea brasileira, é uma mulher negra transgênero, nascida no Gama, cidade satélite da periferia de Brasília, em 1995. Sua trajetória artística está relacionada a diversos meios de expressão artísticos como a música (ela é *rapper*) e a fotografia. Há um forte teor biográfico em suas criações artísticas. A artista tenta através de suas obras romper com paradigmas relacionados a questionar o espaço das pessoas transgênero (masculino e feminino) na sociedade e nas artes. Nesse sentido, Rosa Luz, através de suas obras aponta para a necessidade de serem construídas novas narrativas e a partir delas o reconhecimento da diversidade de corpos, desmarginalizando o corpo transgênero, negro, gordo etc. Com sua obra e através dela a artista estabelece um olhar combatente em relação a um sistema em que é predominante o ponto de vista da pessoa branca que exclui a diversidade por não a reconhecer. O autor deste trabalho selecionou uma obra produzida pela artista intitulada Mulher trans eliminada ou O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo! (imagem 11). Na obra fotográfica vemos a imagem de uma mulher transgênero morta, jogada em uma caçamba de lixo, deixando claro o sentido de invisibilidade social sofrido pelas pessoas transgênero.

Imagem 11: Rosa Luz. *Mulher trans eliminada ou O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo!* Autorretrato de Rosa Luz, 2015. Acervo pessoal.



Fonte: SACCHETTA, Paula. **A artista Rosa Luz e a representação trans no mundo das artes.** 2020. Disponível em: <https://revistazum.com.br/entrevistas/rosa-luz/>. Acesso em: 30/04/2020.

SUGESTÃO PARA ALEITURA DE IMAGEM

Autor: Anderson Silva Prates

É mulher ou travesti?

Travesti.

Tudo bem se fosse mulher, mas, é travesti!!!

E daí ser travesti?

Travesti nem é gente!!!

Não é?

Nada, tem um bem ali.

Onde?

Está morto ou morta, sei lá!!!

Nem vi.

Ninguém viu.

As narrativas contemporâneas apresentadas pelas artistas anteriormente citadas, mais do que imagens relacionadas as diferentes formas de representação do corpo feminino, tratam na

realidade do empoderamento da mulher. Cada artista, no conjunto de sua obra, de forma explícita ou não, apresenta questões do cotidiano feminino, como: o desejo, o amor, a dor, as violências, a condição feminina, o medo, a ousadia, o descaramento, entre outros.

A produção artística contemporânea dessas artistas, exige um olhar para além da superfície, pois precisa de densidade e força para perceber as nuances que estão para além da obviedade. As imagens produzidas, em nada são simples, ao contrário, são complexas, e é nesse momento, que a participação da (do) professora (or) de arte se faz tão necessária e importante. É através da sua mediação, ao apresentar as imagens artísticas e propor questionamentos, que se estabelecerá uma teia/trama de informações que revelará as histórias não lineares compostas de fragmentos, sobreposições, repetições e deslocamentos.

Mais do que ler imagens, diante das obras, as (os) alunas (os) poderão estabelecer conexão entre a sua própria história e as histórias narradas, e com isso criar sentidos, resgatar memórias e talvez pensar o futuro, no sentido de uma transformação pessoal, que no caso das aulas de arte tem como proposta o enfrentamento ao *bullying* escolar, relacionado ao corpo feminino por influência das mídias. Cabe ressaltar que embora a leitura das imagens cumpra um papel importante no processo de desconstrução de preconceitos, outros canais são importantes, como por exemplo o acesso aos depoimentos relatados por pessoas que viveram ou praticaram o *bullying*, bem como o depoimento de especialistas que se debruçam sobre o tema.

Durante o processo é relevante dar voz as (os) alunas (os) e abrir espaço para questionamentos, pensamentos e reflexões relacionadas aos temas referentes ao corpo, ao feminino, a beleza e as mídias. Nesse sentido, durante o processo de mediação realizado pela (o) professora (or) de arte, de forma cuidadosa, no decorrer das aulas, é possível apresentar alguns dos seguintes questionamentos:

- 1) Vocês têm compreensão sobre o significado da expressão *bullying*?
- 2) Como são as pessoas vítimas do *bullying*?
- 3) Vocês já presenciaram o *bullying* em nossa escola?
- 4) Como vocês descrevem a pessoa que pratica *bullying*?
- 5) Como vocês descrevem a pessoa que é vítima de *bullying*?
- 6) Para vocês o *bullying* é crime?
- 7) Se a resposta para a questão anterior for sim, quem observa a prática do *bullying*, é cúmplice?

- 8) Vocês percebem a influência que as mídias exercem em suas vidas no que se refere a sua satisfação com a imagem corporal?
- 9) Quais características físicas são necessárias para que uma pessoa, independente do gênero, seja considerada bonita?
- 10) Quais características físicas são necessárias para que uma pessoa, independente do gênero, seja considerada feia?
- 11) Existe corpo perfeito?
- 12) Por que as cirurgias plásticas estéticas são tão recorrentes na atualidade?
- 13) O que vocês pensam sobre as cirurgias plásticas realizadas em clínicas clandestinas?
- 14) É correta a ideia do “vale tudo” por um corpo perfeito?
- 15) Geralmente, conforme os noticiários da TV e da internet, quem são as principais vítimas das cirurgias plásticas, realizadas em clínicas clandestinas?
- 16) Vocês sabem o significado de anorexia e bulimia?
- 17) Vocês conhecem alguém viciada (o) em dietas?
- 18) O que é melhor: reeducação alimentar e atividades físicas, ou dietas e cirurgias plásticas?
Por que?
- 19) Vocês já ouviram falar em Arte Contemporânea?
- 20) Vocês conhecem algum artista contemporâneo?
- 21) Os temas relacionados ao universo feminino, apresentados nas obras artísticas contemporâneas, provocam algum sentimento? Qual? Por que?
- 22) Vocês acreditam que exista algum tema que não possa ser abordado artisticamente? Qual?
Por que?
- 23) Diante das imagens artísticas contemporâneas estudadas, é possível perceber alguma história narrada?
- 24) Se a resposta para a questão anterior for sim, através de que materialidade essas histórias foram narradas?
- 25) A leitura dessas imagens é de fácil compreensão?
- 26) Que medidas de prevenção a escola pode adotar no sentido de prevenção ao *bullying*?

As questões apresentadas são exemplos de possíveis intervenções que a (o) professora (or) de arte poderá realizar durante as aulas. São questões pertinentes relacionadas a proposta que norteia esse trabalho que é debater e refletir sobre o *bullying* no ambiente escolar relacionado ao corpo feminino, assim como a influência negativa das mídias e o ensino da Arte Contemporânea produzida por mulheres no processo de desconstrução e ressignificação do estereótipo de beleza, de corpo, de feminino e etc.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos motivos que tem tornado a vida em sociedade cada vez mais difícil é a violência que se espalha como um vírus, invadindo e adoecendo o corpo social, promovendo a perda da razão, e com isso criando condições favoráveis para os diferentes tipos de conflito. Assim, é possível constatar que toda forma de violência está manifestada nos mais diversos lugares, das mais variadas formas e isso inclui o ambiente escolar, espaço frequentado por crianças e adolescentes que ao se comportarem como tiranos são chamados de *bullies*.

Este trabalho não possui a pretensão de concluir o debate acerca do tema, mas sim apresentar um recorte específico sobre o *bullying* no que se refere ao preconceito e a discriminação que meninas e adolescentes sofrem com relação ao seu corpo, durante a vida escolar, em boa parte, decorrente da influência das mídias. As leituras realizadas para a construção deste trabalho, revelam que a violência escolar reflete padrões construídos social e culturalmente, que culminam em ataques físicos e verbais, desrespeito, injúria e calúnia.

É importante salientar que a literatura consultada, também permite compreender que a violência nas escolas está distante da ideia de indivíduos que nascem predispostos a praticarem ou a serem vítimas do *bullying*, ao contrário, o aspecto individualizante relacionado a violência é superado na medida em que se leva em conta os aspectos culturais em que as crianças e adolescentes crescem socialmente. Há a percepção de uma construção social que preconiza o individualismo, a falta de empatia, a competição (física, cognitiva e econômica) e que é materializada na forma de violência.

Diante do exposto, é urgente que as escolas apresentem ações de enfrentamento ao *bullying* junto à comunidade escolar. Neste sentido, ainda que este trabalho proponha um produto educacional, na forma de uma sequência didática, numa relação direta com a produção artística contemporânea produzida por mulheres, há a compreensão de que não se dará conta de responder a todas as questões relacionadas a violência promovida no ambiente escolar.

Entretanto, o autor desta pesquisa entende que é na escola que os estudantes encontram as condições necessárias para se buscar a emancipação nas suas vidas, através do estudo das diferentes áreas do conhecimento, seja no campo científico, artístico e filosófico, produzidos historicamente. Dessa forma, as (os) estudantes criarão condições de superar e romper com estereótipos construídos ao longo da história e que impõem a discriminação, e como consequência naturalizam a violência, favorecendo a existência do *bullying* escolar.

Todavia, é desejável que as (os) estudantes reconheçam a violência dentro das escolas, e que no sentido de humanização, possam construir relações que preconizem um ambiente de

paz. Sendo a escola um espaço democrático, um local em que todas as vozes possam se fazer ouvir, torna-se importante reconhecer a diversidade da comunidade escolar, bem como, a realidade de seu contexto sociocultural. Com isso, a escola poderá reverter o processo de violência escolar e avançar em seu real desenvolvimento de transformação social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Carla de. Imagens que não afetam: Questões de gênero no ensino da arte desde a perspectiva crítica feminista e da cultura visual. *In: SANTOS, N. C., et al. (Org.). Anais do 24º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Santa Maria: ANPAP/PPGART/CAL/UFSM, p. 3927 a 3928, 2015. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/carla_de_abreu.pdf. Acesso em: 25/07/2020.

AGUIAR, Neuma. Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. *In: AGUIAR, Neuma (Org.). Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, p. 161 a 191, 1997.

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *In: Sociedade e Estado*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 303 a 330, 2000.

ANDRADE, Ângela; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Mídia e subjetividade: Impacto no comportamento alimentar feminino. *In: Revista Nutrição*, Campinas, v.16, n.1, p. 117 a 25, 2003.

ARAÚJO, Joel Zito. A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. *In: Revista USP*, São Paulo, n. 69, p. 72 a 79, 2006.

AVELAR, Cátia Fabíola Parreira de; VEIGA, Ricardo Teixeira. Como entender a vaidade feminina utilizando a autoestima e a personalidade. *In: Revista de Administração de Empresas (FGVEAESP)*, v. 53, n. 4, p. 338-349, 2013.

BITTENCOURT, Alex Avelino et al. Sentimento de discriminação em estudantes: prevalência e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, n. 2, p.236-245, 2009.

BOHM, Camila Camacho. **Um peso, uma medida. O padrão de beleza feminina apresentado por três revistas brasileiras**. São Paulo: Uniban, 2004. 100p.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *In: Revista Mal-Estar e Subjetividades*, v. VII, n. 2, p. 451 a 478, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o programa de combate a intimidação sistêmica (*bullying*). Brasília Congresso Nacional, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Da política às micropolíticas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CASTRO, Mary Garcia; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. *In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org.). In: Uma questão de gênero.* Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, p.216-251, 1992.

CHICOTE, Irlandina de Paula Macedo; MARTINS, Maria Sara Abdalla. **Bullying: o pesadelo das escolas.** Nucleus, v.6, n.2, p. 1-10, 2009.

COSTA, Cristina. **Arte: resistência e rupturas: ensaios de arte pós-clássica.** São Paulo: Moderna, 1998.

CURY, Augusto Jorge. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2005. 120 p.

CRUZ, Michelle Brugnera. Bonecas, diversidade e inclusão: brincando com as diferenças. *In: Rev. Psicopedagogia*, v. 28, n. 85, 2011, p. 41 a 52.

DORNELLES, L.V. O brincar e a produção do sujeito infantil. *In: Rev. Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 17 a 20, 2003/2004.

EFLAND, Arthur. Cultura, Sociedade, Arte e Educação num Mundo Pós-Moderno. *In: GUINSBURG, Jacob; BARBOSA, Ana Mae. (orgs.). O Pós-Modernismo.* São Paulo: Perspectiva. p. 173-188, 2005.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2.ed. Revisada e ampliada. Campinas: Versus Editora, 2005.

FAVARETTO, Celso. Arte contemporânea e educação. *In: Revista Iberoamericana de Educación: Organización de Estudios Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura*, n. 53, p. 225 a 235, 2010.

FERRARI, Gabryella. Os padrões estéticos também são uma forma de violência. Repórter Unesp. *In: Violência contra a mulher.* Disponível em: <http://reporterunesp.jor.br/2018/05/15/padroes-esteticos-violencia/>. Acesso em: 17/11/ 2019.

HEINICH, Nathalie. Práticas da arte contemporânea: uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico. *In: Revista Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 04. n. 02, p. 273 a 390, 2014

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** 2. ed. Brasília, 2012. 42 p.

LEDUR, Rejane Reckziegel. Arte contemporânea e ensino da arte: contextos de produção de sentido. *In: Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 192-205, 2016.

LIRA, Ariana Galhardi et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *In: J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 66, n. 3, p. 164 a 171, 2017.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Desafios da arte contemporânea para a educação: práticas e políticas. **Arquivos analíticos de políticas educativas**, v. 20, n. 42, p. 01 a 19, 2012.

LOPONTE, Luciana Grupelli. *Imagens do Espaço da Arte na Escola: um Olhar Feminino. Pro-Posições* (Dissertação de Mestrado - Unicamp), Campinas, SP, v. 10, n.3, p. 37 a 46, 1999.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. “Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência”. *Currículo sem Fronteiras*, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 148 a 164, 2008.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *In: Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 283 a 300. 2002.

MACHADO, Carla Silva. Cultura visual, mídias, gênero e sexualidade: o que a educação tem a ver com tudo isso?. *Pesquisa E Debate Em Educação*, v. 6, n. 2, p. 66 a 80, 2016.

MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** Série Antropológica, n. 284, Brasília, 2000.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

MELIM, Fernando Marcelo Ornelas; PEREIRA, Beatriz Oliveira. Prática desportiva, um meio de prevenção do bullying na escola. *In: Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 55 a 77, 2013.

MENEZES, Marina Preira de. A arte contemporânea como fundamento para a prática de ensino em artes. *In: Anais do 16º encontro nacional da ANPAP. Org. RAMALHO, Sandra; OLIVEIRA, Sandra*, Florianópolis: UDESC, p. 187 a 191, 2007.

MONTIGNEAUX, Nicholas. **Público-alvo: crianças**. São Paulo: Negócio, 2003.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. São Paulo. Editora Ágora, 2016.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016.

PEREIRA, Beatriz Oliveira; COSTA, Paulo Jorge; MELIM, Fernando Marcelo Ornelas; FARENZENA, Rosana Coronetti. Bullying escolar: programas de intervenção preventiva. *In: GISI, Maria Lourdes; ENS, Romilda Teodora. Bullying nas Escolas: Estratégias de Intervenção e Formação de Professores*. Ijuí, Brasil: Editora Unijuí, 1. ed. p. 135 a 155, 2011.

PEREIRA, César Eduardo da Silva; ABREU, Carla Luiza de. Cultura visual, gênero e poder: a estereotipação do corpo feminino no jogo Smite. *In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*, Goiânia. Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, p. 692 a 702, 2018

PEREIRA, Hiáscara Alves. **O corpo na poética de Nazareth Pacheco na década de 1990**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/2089> . Acesso em: 25/07/2020.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. São Paulo: Zahar, 1984.

RECH, Ricardo Rodrigo et al. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *In: Jornal de Pediatria [online]*. v. 89, n. 2, p. 164 a 170, 2013.

RIBEIRO, Vannini de Medeiros Mendes. **A psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea**. Monografia. Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br> . Acesso em: 25/07/2020.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. *In: Movimento & Percepção*. Espírito Santo de Pinhal, v.5, n.6, p. 80 a 90, 2005.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Desconstruir Duchamp: arte na hora da revisão**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

SANTOS, Andréia M.; GROSSI, Patricia K.; SCHERER, Patricia T. **Bullying nas escolas: a metodologia dos círculos restaurativos**. Educação, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 278-287, 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *In: Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361 a 378, 2005.

SCHRAMM, Marilene de Lima Korting. As Tendências Pedagógicas e o Ensino Aprendizagem da Arte *In: Pillotto, Silvia Sell Duarte; Schramm, Marilene de Lima Korting (orgs.). Reflexões Sobre o Ensino das Artes*, Joinville, v.1, p. 20 a 35, 2001.

SILVA, Alexandre Moura da. Leitura de imagens na sala de aula: arte, cultura visual e intertextualidade. **Revista Matéria-Prima**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 229 a 240, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Marcelle Barreto Felix. Representatividade negociada: feminilidade, raça e gênero na publicidade. *In: Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 8, n. 2, p. 69 a 88, 2019.

SILVA, Saskia L.B.; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Desempenho Motor, Imagem Corporal e Bullying Escolar. *In: Revista Tempos e Espaços em Educação*, v.7, n. 13, p. 45 a 54, 2014.

SIMIONE, Ana Paula Cavalcanti. **O Corpo Inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX**. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83 a 97, 2007.

STEINBERG, Shirley. A mimada que tem tudo. *In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Cultura Infantil: a organização corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 321 a 338, 2004.

TARDIF, Maurice. Os Professores enquanto Sujeitos do Conhecimento: Subjetividade, Prática e Saberes no Magistério. *In: CANDAU, Vera Maria Ferrão (org). Didática, Currículo e Saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP & A, p. 112 a 128, 2000.

THISTLEWOOD, David. Arte Contemporânea na Educação: Construção, Desconstrução, Re-construção, Reações dos Estudantes Brasileiros e Britânicos ao Contemporâneo. *In:*

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea - Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Cortez. p.113 a 125, 2005.

TRIZOLI, Talita. **O Feminismo e a Arte Contemporânea - Considerações**. Anais do 17º Encontro Nacional da Associação ..., 2008 - anpap.org.br.

TRIZOLI, Talita. O feminismo e a arte contemporânea – considerações. *In: Anais do 17º encontro nacional da ANPAP*. Florianópolis, UDESC, p. 1495 a 1505, 2008.

VIANNA, Cynthia Samíramis Machado. C. A imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos. *In: Revista da Faculdade de Direito*. UFPR. v. 43, n. 0, p. 01 a 14, 2005.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. Adequação de sexo do transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos. **Revista Psicologia – Teoria e Prática**, São Paulo. v. 2, n. 2, p. 88 a 102, 2000.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1991.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

Anderson Silva Prates

A MÍDIA IMPÕE UM PADRÃO. NA ESCOLA TEM O BULLYING PARA AS MINAS QUE ESTÃO NA CONTRAMÃO. AS MULHERES DA ARTE CONTEMPORÂNEA PROPÕEM A DESCONSTRUÇÃO.

Produto Educacional (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais – Modalidade a Distância, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a) Professor (a) Dra. Alessandra Oliveira da Silva Caetano.

Rio de Janeiro,
RJ 2020

RESUMO

O fenômeno *bullying*, termo em inglês que significa intimidação, representa atos de violência física ou verbal, que ocorrem de forma repetitiva e intencional, contra uma ou mais vítimas. Esse fenômeno pode ser facilmente identificado no ambiente escolar, tanto no Brasil quanto em outros países, possuindo um efeito devastador sobre a autoestima e a saúde mental das (dos) alunas (os) do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Como medida de enfrentamento ao *bullying*, este trabalho propõe um produto educacional, na forma de uma sequência didática, voltado para as aulas de Arte, que será desenvolvido com alunas (os) do terceiro ano do Ensino Médio, com a faixa etária de dezessete anos. A ideia é refletir e debater o *bullying* praticado nas escolas com relação ao corpo feminino, compreendendo que este tipo de violência específica pode ocorrer por influência das mídias, podendo impor as alunas: ansiedade, depressão, baixa estima e em última instância, o suicídio. Nesse sentido, a sequência didática destacará obra artísticas contemporâneas realizadas por mulheres, que propõe a ideia de desconstrução e ressignificação, construído historicamente sobre o corpo feminino e a ideia de beleza.

Palavras-chave: *Bullying*. Corpo feminino. Mídias. Arte Contemporânea. Beleza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: CAPA COM A IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	79
Imagem 2: SEGUNDA CAPA COM A IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA.....	79
Imagem 3: APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	80
Imagem 4: ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	80
Imagem 5: ACESSO AO HIPERLINK.....	81
Imagem 6: VÍDEO SOBRE BULLYING.....	81
Imagem 7: TEXTO SOBRE BULLYING.....	82
Imagem 8: VÍDEO SOBRE MÍDIAS.....	82
Imagem 9: TEXTO SOBRE MÍDIAS.....	83
Imagem 10: VÍDEOS SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO.....	83
Imagem 11: TEXTO SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO.....	84
Imagem 12: VÍDEO SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	84
Imagem 13: MULHERES ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS – CISGÊNERO E TRANSGÊNERO.....	85
Imagem 14: NAZARETH PACHECO.....	85
Imagem 15: NAZARETH PACHECO – OBRA.....	86
Imagem 16: VÍDEOS E TEXTOS SOBRE NAZARETH PACHECO.....	86
Imagem 17: ROSANA PAULINO.....	87
Imagem 18: ROSANA PAULINO – OBRA.....	87
Imagem 19: VÍDEOS E TEXTOS SOBRE ROSANA PAULINO.....	88
Imagem 20: MÁRCIA X.....	88
Imagem 21: MÁRCIA X – OBRA.....	89
Imagem 22: VÍDEOS E TEXTOS SOBRE MÁRCIA X.....	89
Imagem 23: SANTAROSA BARRETO.....	90

Imagem 24: SANTAROSA BARRETO – OBRA.....	90
Imagem 25: TEXTO RELACIONADO AO EMPODERAMENTO FEMININO.....	91
Imagem 26: ROSA LUZ.....	91
Imagem 27: ROSA LUZ – OBRA.....	92
Imagem 28: VÍDEOS E TEXTOS SOBRE ROSA LUZ.....	92
Imagem 29: PROPOSTA DE ATIVIDADE ARTÍSTICA.....	93
Imagem 30: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	75
2 TEMA.....	77
3 PRODUTO EDUCACIONAL.....	79
3.1 Produto educacional – modelo.....	79
3.2 Sequência didática.....	94
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	110

1 INTRODUÇÃO

Eu acredito que é urgente que as escolas realizem projetos que possibilitem o debate, a reflexão e o revisionismo histórico sobre a influência que as mídias contemporâneas exercem sobre as mulheres ao impor um padrão de beleza, causando nelas, desde a infância: frustração, desconforto, tristeza e depressão. Para tanto, eu proponho um projeto que compreende a importância de se estabelecer ações de enfrentamento ao *bullying* no ambiente escolar. Nesse sentido, eu evidencio o ensino da Arte Contemporânea produzida por mulheres, como um veículo de comunicação e expressão, na intenção de desconstruir a ideia de corpo feminino historicamente idealizado.

Por essa razão, eu decidi propor, uma sequência didática que em síntese é um conjunto de atividades relacionadas a um tema e que tem o objetivo de ensinar um ou mais conteúdos, passo a passo, dentro de um cronograma previsto. Para tanto, considere relevante trabalhar com as (os) alunas (os) do terceiro ano do Ensino Médio (17 anos em média) por serem mais maduras (os) e estarem melhor preparadas (os) para a complexidade dos conteúdos que serão estudados. Acredito que com a sequência didática será possível promover uma aprendizagem significativa a respeito da produção artística contemporânea, relacionada ao universo feminino no que se refere ao corpo e também construir um posicionamento crítico de enfrentamento ao *bullying*.

Com relação a sequência didática, serão estudados textos de autores especializados nos estudos sobre *bullying*, gênero, feminismo, publicidade, mídias e arte. Sobre os conteúdos artísticos, o foco será a Arte Contemporânea e seus movimentos, bem como os seus meios de expressão, assim como a obra das artistas mulheres que estabelecem através de sua arte um diálogo de confronto que busca a desconstrução dos conceitos patriarcais, impostos socialmente e relacionados aos padrões estéticos culturais referentes ao corpo feminino.

Dessa forma, acredita-se que seja possível criar um arcabouço de informações que permitirão que as (os) alunas (os) possam construir um entendimento crítico sobre o *bullying* no ambiente escolar. A ideia é que a Escola crie em seu calendário anual ações de prevenção e que outros componentes curriculares, e não apenas o componente artes, possam realizar diferentes projetos, com alunas (os) de todos os níveis da educação escolar. Como fechamento de todo o trabalho, proponho que as (os) alunas (os) realizem uma atividade artística com característica contemporânea inspirada nas obras das artistas estudadas.

- Informações gerais sobre o produto educacional (sequência didática):
 - a) A escola disponibilizará para a (o) professora (or) de arte o acesso ao produto educacional (sequência didática), na forma impressa, gratuitamente, e também por e-mail na forma de *slide*.
 - b) A escola disponibilizará para as (os) alunos (as) o acesso aos textos que serão utilizados nas aulas, na forma impressa, gratuitamente.
 - c) A escola disponibilizará para as (os) alunas (os) o acesso aos vídeos que serão utilizados nas aulas, através do aplicativo *WhatsApp*.

Obs.: É necessário que os alunos da turma em que será aplicado o produto educacional (sequência didática) criem um grupo no *WhatsApp*.

- d) O recurso tecnológico necessário para a aplicação do produto educacional (sequência didática) será o Projetor Data Show.
- e) A produto educacional (sequência didática) não é uma sequência fechada, pois embora haja uma interligação entre as etapas que compõem a sequência, existe a compreensão que novos textos e novos vídeos podem utilizados, desde que não se perca o objetivo central que é o enfrentamento ao *bullying* na escola.
- f) Como culminância, o produto educacional (sequência didática) resultará em uma exposição de Arte Contemporânea, elaborada pelos alunos a partir dos estudos realizados durante as aulas, inspirada nas obras das artistas mulheres. A exposição ocorrerá no pátio da escola, durante uma semana e nos três turnos. Serão convidados para participar da exposição: professores, alunos de todas as séries, pais/responsáveis e a comunidade.

2 TEMA

Minha intenção, enquanto professor de arte, é propor um produto educacional, na forma de uma sequência didática, que possa tanto orientar a (o) professora (or) de arte, quanto aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio, com a faixa etária de dezessete anos em média, a debater, refletir e rever atitudes que reconhecemos como *bullying*, uma prática frequente no ambiente escolar, tendo, nesse caso, como foco, a discriminação do corpo da mulher.

Meu interesse por esse tema se justifica em razão de que tanto na infância, quanto na adolescência, eu fui vítima de discriminação, perseguição e violência seja no ambiente familiar, ou no escolar, por ser homossexual. Na época a expressão *bullying* era desconhecida. Devo dizer que, como qualquer criança/adolescente, devido à falta de orientação, eu também praticava *bullying* com alguns vizinhos e com alguns colegas da escola. Acredito que era uma forma de defesa.

Com o passar do tempo eu me tornei professor de arte. Na minha trajetória profissional e também pessoal, observei que ocorreram mudanças, tanto no ambiente escolar quanto na vida em sociedade. Atualmente, eu percebo que nas escolas, as (os) profissionais que atuam no SOE (Serviço de Orientação Educacional) apresentam uma nova postura, pois demonstram mais atenção e preocupação com as crianças e adolescentes, que por qualquer motivo, buscam por esse serviço.

No tempo em que eu frequentava a Educação Básica, era diferente. As orientações que me davam me levavam a acreditar que o “erro” estava em mim (a vítima) e não no meu agressor. Mudanças ocorreram. A escola, na contemporaneidade, fala sobre a violência no ambiente escolar e social. Entretanto, a minha experiência profissional compreende que as ações destinadas a superação do *bullying* ainda são tímidas. Na maior parte das vezes relacionadas a brigas e apelidos, sem grandes aprofundamentos.

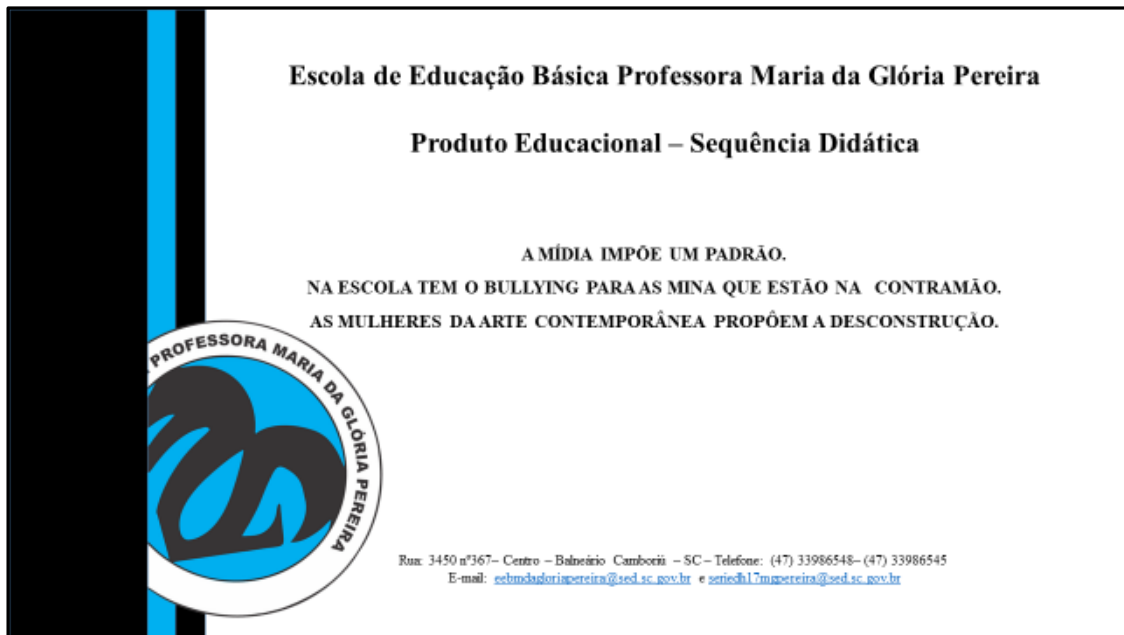
É importante dizer que as mídias (novelas, filmes, desenhos, campanhas publicitárias e outros) também estão contribuindo com o debate sobre o *bullying*, um bom exemplo é a série de televisão brasileira conhecida como **Malhação**, exibida na Rede Globo de Televisão. Entre maio de 2017 e março de 2018, a vigésima quinta temporada é apresentada com o título: **Malhação: Viva a Diferença**, e com ela são abordados os seguintes temas: *gravidez na adolescência, violência contra a mulher, diversidade, racismo e luta de classes, machismo, feminismo, autismo, automutilação, diversidade sexual, anorexia e bulimia nervosa, assédio sexual* e outros.

No entanto, ainda que o pensamento social e escolar, estejam em constante transformação, e muito se tenha caminhado no sentido de se promover a inclusão e o respeito às diferenças, é preciso reconhecer que o *bullying* continua a ser uma prática comum no ambiente escolar e que nós educadores precisamos nos envolver com esse tema, para com isso poder promover uma política de paz e contrária a todo tipo de violência.

3 PRODUTO EDUCACIONAL

3.1 Produto educacional – modelo

- **Imagem 1: CAPA COM A IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL:**



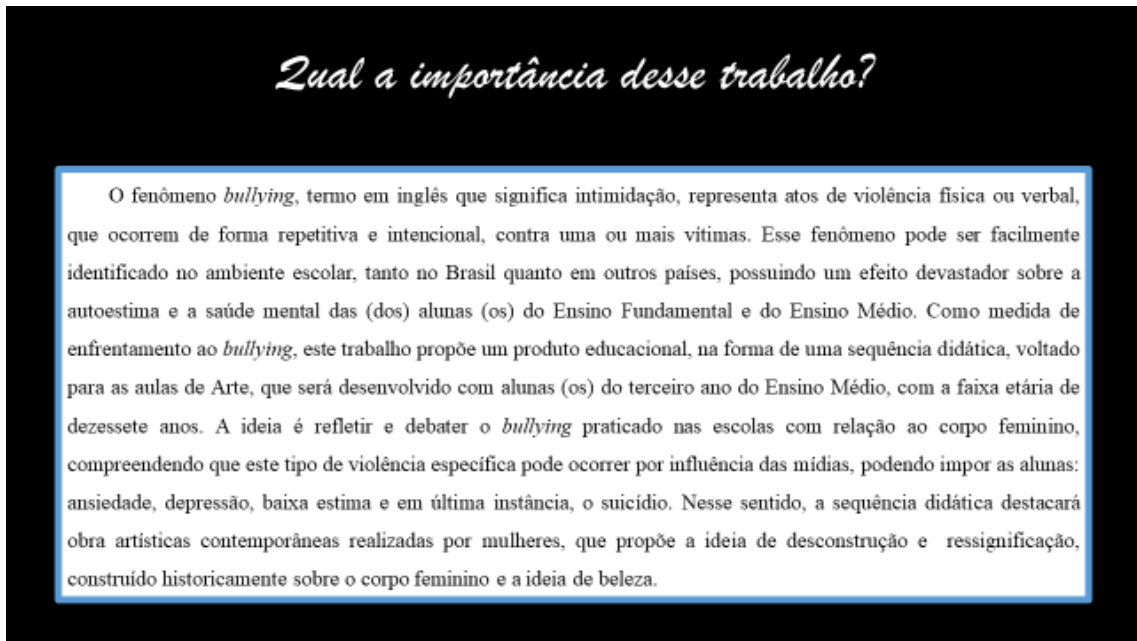
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- **Imagem 2: SEGUNDA CAPA COM A IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA:**



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 3: APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 4: ETAPAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA:



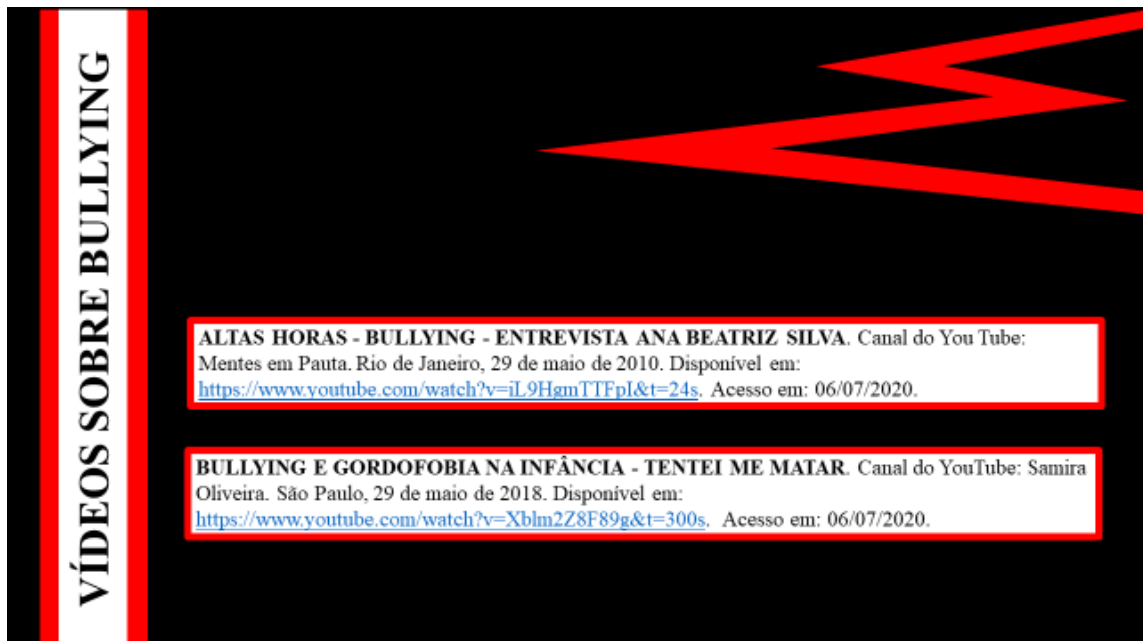
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 5: ACESSO AO HIPERLINK:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 6: VÍDEO SOBRE BULLYING:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 7: TEXTO SOBRE BULLYING:

TEXTO SOBRE BULLYING

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

CAPÍTULOS DO LIVRO PARA LEITURA EM GRUPO

GRUPO 1: Aurora de minha vida: Reflexões sobre a vida escolar;
GRUPO 2: Bullying: perigo nas escolas – A lei dos mais fortes e o silêncio dos inocentes;
GRUPO 3: Os personagens dessa tragédia – Quem maltrata, quem sofre, quem assiste;
GRUPO 4: Sucesso e reconhecimento dos que superaram o bullying – A volta por cima dos grandes talentos;
GRUPO 5: Para construir a vida nova – O que pode ser feito.

Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 8: VÍDEO SOBRE MÍDIAS:

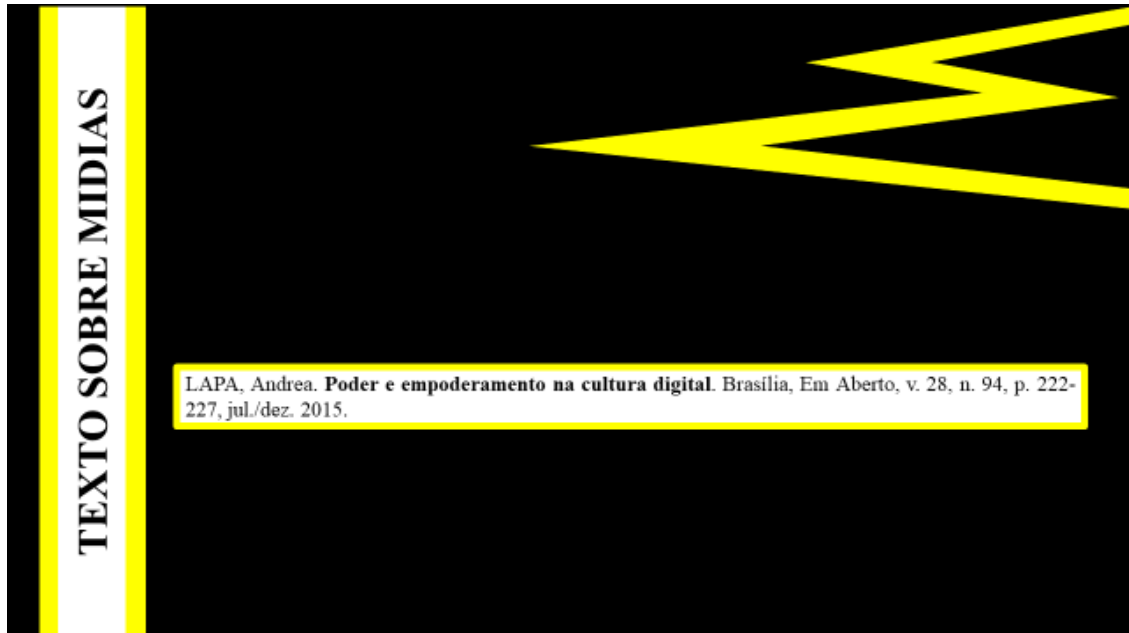
VÍDEOS SOBRE MÍDIAS

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS - MÍDIA, PODER E EMPODERAMENTO. Canal do YouTube: Juliano Agapito. Santa Catarina, 01 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lgIoDc6aDqg>. Acesso em: 06/07/2020.

10 MANEIRAS QUE A MÍDIA USA DIARIAMENTE PARA MANIPULAR NOSSAS OPINIÕES. Canal do YouTube: Incrível. 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2x9rifuA9E>. Acesso em: 06/07/2020.

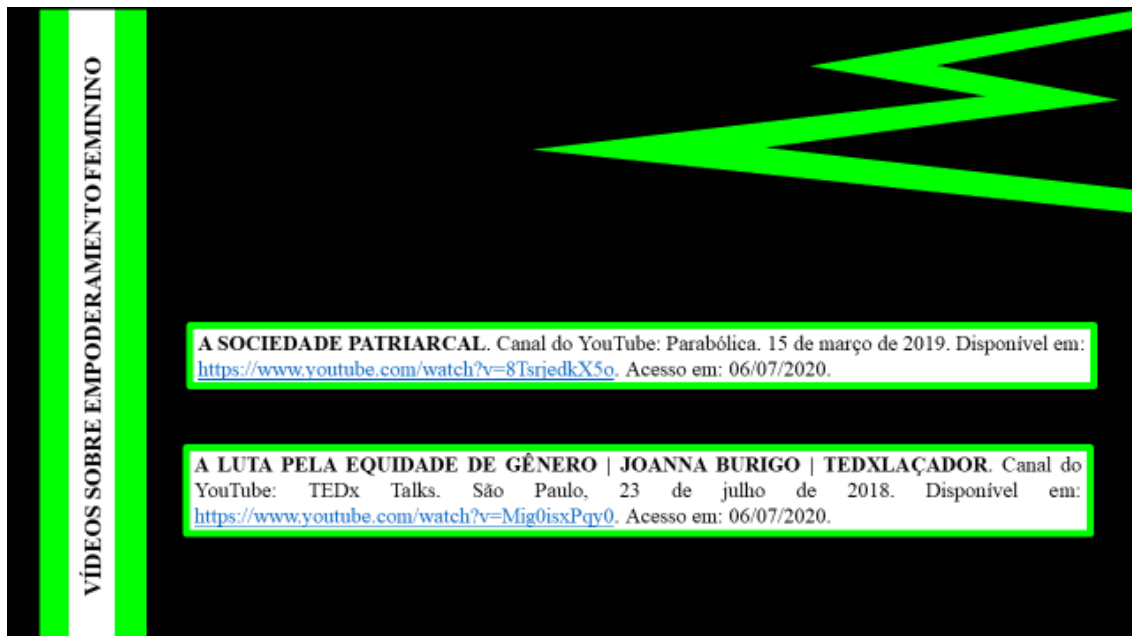
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 9: TEXTO SOBRE MÍDIAS:



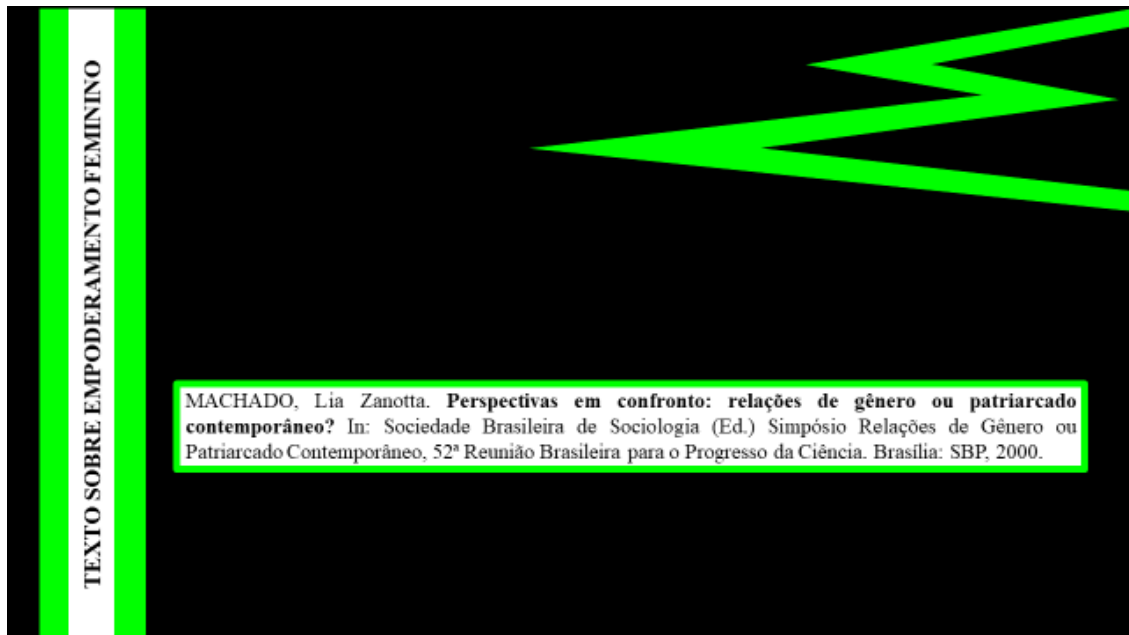
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 10: VÍDEOS SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO:



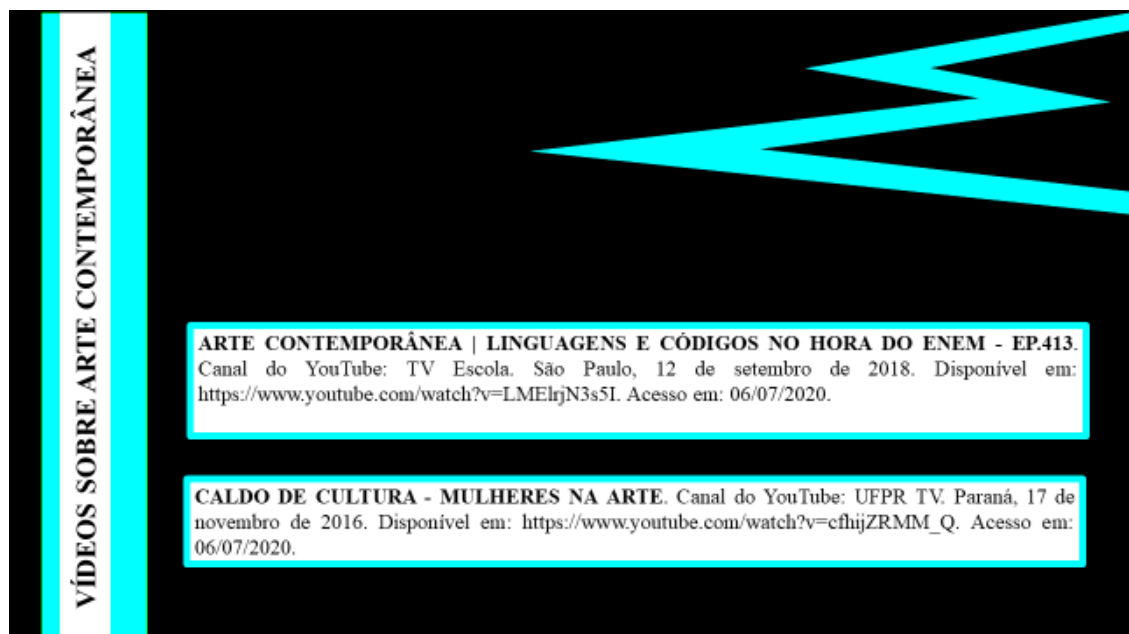
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 11: TEXTO SOBRE EMPODERAMENTO FEMININO:



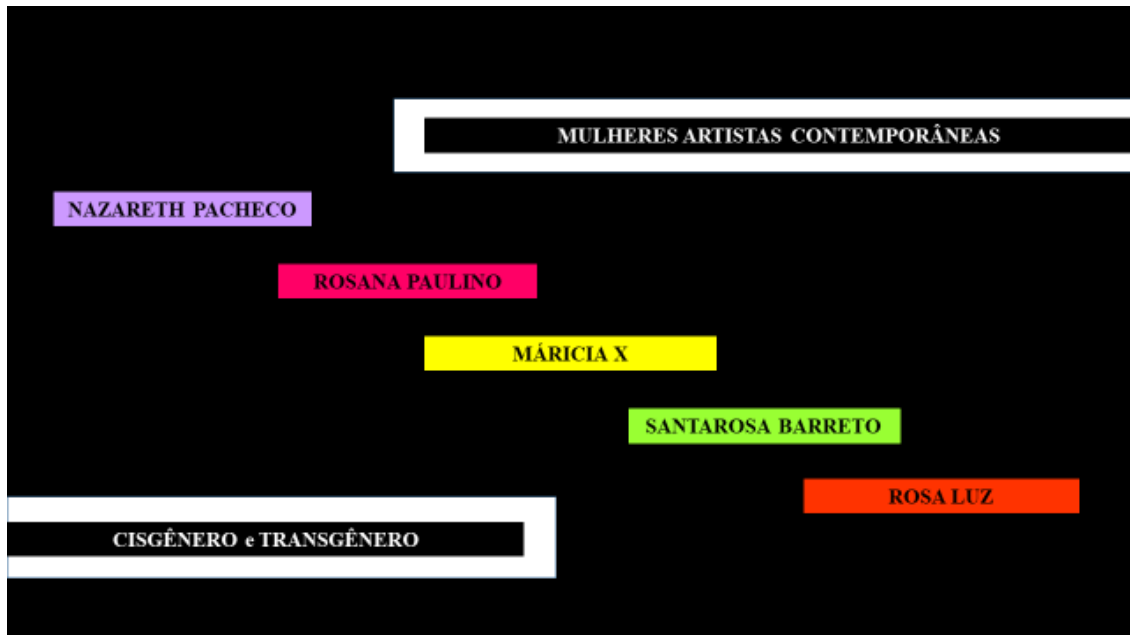
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 12: VÍDEO SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 13: MULHERES ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS – CISGÊNERO E TRANSGÊNERO:



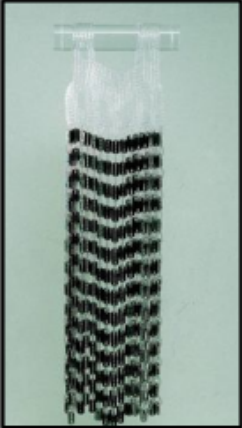
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 14: NAZARETH PACHECO:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 15: NAZARETH PACHECO – OBRA:



NAZARETH PACHECO

SUGESTÃO PARA A LEITURA DA IMAGEM
Autor: Anderson Silva Prates

Esse é um belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes.
 Por que esse belo vestido é feito de cristais, miçangas e giletes?
 Que mulheres usariam esse belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes?
 Seriam muitas as mulheres que precisariam desse belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes?
 Mulheres que usam esse belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes correm perigo?
 O que acontece com as mulheres que não usam esse belo vestido feito de cristais, miçangas e giletes?
 Morrem?

Nazareth Pacheco. **Sem Título**, 1997. Cristal, miçanga e gilete. Dimensão: 129 x 39,5 x 8 cm. Acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP.

Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 16: VÍDEOS E TEXTOS SOBRE NAZARETH PACHECO:

VÍDEOS E TEXTOS SOBRE NAZARETH PACHECO

NAZARETH PACHECO

"A ARTE HOJE" - AULA SOBRE ARTES 1/3. Canal do YouTube: Escola de Cidadania Ginetta Calliari. São Paulo, 16 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qbQW8LylcxU&list=PLrR30qla0JcppNH8T1p754DRm4V7ngZP5>. Acesso em: 07/07/2020.

"ARTE CONTEMPORÂNEA: COMO RELACIONAR-SE?" - AULA SOBRE ARTES 2/3. Canal do YouTube: Escola de Cidadania Ginetta Calliari. São Paulo, 16 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XnG3dNxaRuc&list=PLrR30qla0JcppNH8T1p754DRm4V7ngZP5&index=2>. Acesso em: 07/07/2020.

"UM DIÁLOGO NECESSÁRIO" - AULA SOBRE ARTES 3/3. Canal do YouTube: Escola da Cidadania Ginetta Calliari. São Paulo, 16 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ldRZDeT2Ms&list=PLrR30qla0JcppNH8T1p754DRm4V7ngZP5&index=3>. Acesso em: 07/07/2020.

GILETE AZUL. Canal do YouTube: ARTE! Brasileiros. São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPgYWVefiro&t=407s>. Acesso em: 07/07/2020.

PEREIRA, Hiáscara Alves. **O corpo na poética de Nazareth Pacheco na década de 1990**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.2012. <http://repositorio.ufes.br/handle/10/2089>

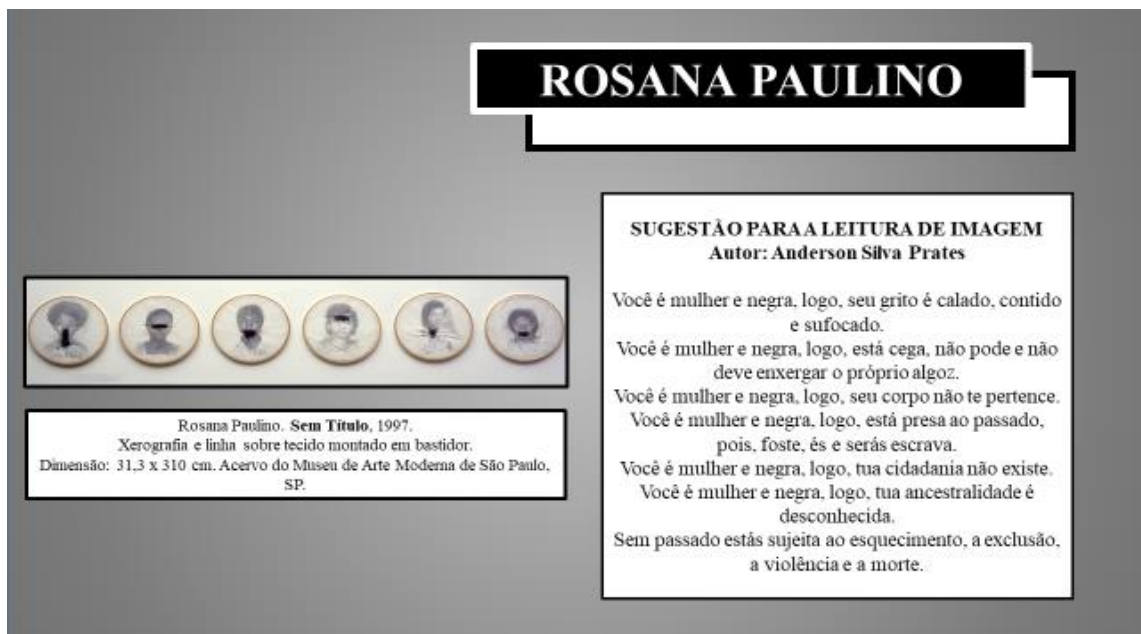
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 17: ROSANA PAULINO:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 18: ROSANA PAULINO – OBRA:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 19: VÍDEOS E TEXTOS SOBRE ROSANA PAULINO:

VÍDEOS E TEXTOS SOBRE ROSANA PAULINO

ROSANA PAULINO

ROSANA PAULINO LEGENDADO. Canal do YouTube: thefrankmuseum. Estados Unidos, 9 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mKu9_a3sznk. Acesso em: 07/07/2020.

ROSANA PAULINO E A MULHER NEGRA NA HISTÓRIA DA ARTE. Canal do YouTube: vivievui. São Paulo, 11 de novembro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b_bVwd1z3fc. Acesso em: 07/07/2020.

ROSANA PAULINO COSTURA DA MEMÓRIA. Canal do YouTube: Celia Antonacci. São Paulo, 4 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw>. Acesso em: 07/07/2020.

CANTON, Katia. **Da política às micropolíticas.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 20: MÁRCIA X:



MARCIA X


(...) reunindo componentes característicos da religiosidade brasileira e de obsessões culturalmente associadas às mulheres, como sexo, beleza, alimentação, rotina, consumo e limpeza. Nestes trabalhos, imagens e ações habituais parecem contaminados pela lógica dos milagres, contos da carochinha, sonhos e pesadelos

Marcia X - artista

Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 21: MÁRCIA X – OBRA:

MÁRCIA X



Márcia X. **Desenhando com terços**, 2000 – 2003. Performance e Instalação. Camisola branca e terços.

SUGESTÃO PARA A LEITURA DE IMAGEM
Autor: Anderson Silva Prates

Sou mulher que não nega o próprio desejo.
 Não há repressão.
 Sou mulher que deseja a carne masculina.
 Não há oração.
 Sou mulher que assume o pecado.
 Não há redenção.
 Sou a dona de meu corpo.
 Sou transgressão

Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 22: VÍDEOS E TEXTOS SOBRE MÁRCIA X:

MÁRCIA X

VÍDEOS E TEXTOS SOBRE MÁRCIA X

MÁRCIA X - ARTE E FEMINISMO. Canal do YouTube: vivieuvi. São Paulo, 07 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KW0e1J0JHRI>. Acesso em: 07/07/2020.

NOSSA SENHORA DA FEIRA OU AFRICANIZANDO MÁRCIA X. Canal do YouTube: parabelos. São Paulo, 23 de março de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y2usWG9-2E8>. Acesso em: 07/07/2020.

JUSTO, Amanda. **Opressões de gênero na obra de Márcia X**. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/125919>, 2013.

OLIVEIRA, Paola Lins de. « **A iconoclastia sagrada de Márcia X: arte contemporânea, performance e religião** », Ponto Urbe [Online], 15 | 2014, posto online no dia, consultado o 27 julho 2020. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2245>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2245>

Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 23: SANTAROSA BARRETO:



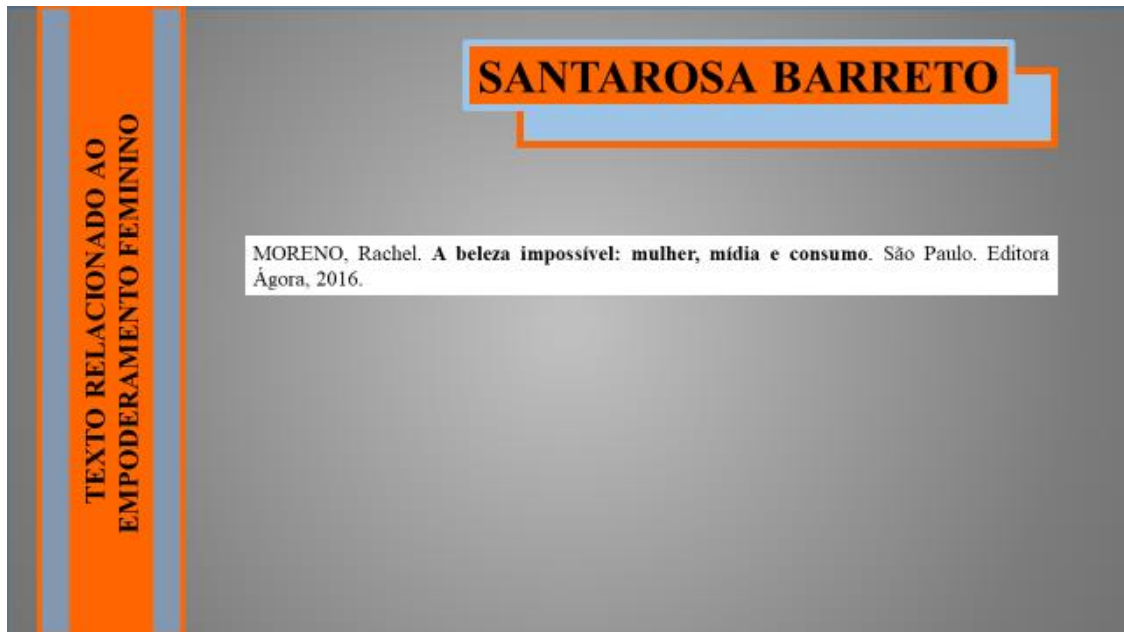
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 24: SANTAROSA BARRETO – OBRA:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 25: TEXTO RELACIONADO AO EMPODERAMENTO FEMININO:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 26: ROSA LUZ:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 27: ROSA LUZ – OBRA:

ROSA LUZ



SUGESTÃO PARA A LEITURA DE IMAGEM
Autor: Anderson Silva Prates

É mulher ou travesti?
 Travesti.
 Tudo bem se fosse mulher, mas, é travesti!!!
 E daí ser travesti?
 Travesti nem é gente!!!
 Não é?
 Nada, tem um bem ali.
 Onde?
 Está morto ou morta, sei lá!!!
 Nem vi.
 Ninguém viu.

Rosa Luz. **Mulher trans eliminada ou O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo!** Autorretrato de Rosa Luz, 2015. Acervo pessoal.

Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 28: VÍDEOS E TEXTOS SOBRE ROSA LUZ:

VÍDEOS E TEXTOS SOBRE ROSA LUZ

ROSA LUZ

E SE A ARTE FOSSE TRAVESTI? COM ROSA LUZ. Canal do YouTube: vivivi. São Paulo, 23 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fABr5hzEsrE>. Acesso em: 07/07/2020.

DICA PRA SER FUNKEIRA #1 - Com MC Carol de Niterói. Canal do YouTube: Rosa. São Paulo, 8 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oi5T1XvYbq0>. Acesso em: 07/07/2020.

TRANSFEMINISMO | COM ROSA LUZ. Canal do YouTube: Nátaly Neri. São Paulo, 23 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gi6MTiwyCrU>. Acesso em: 07/07/2020.

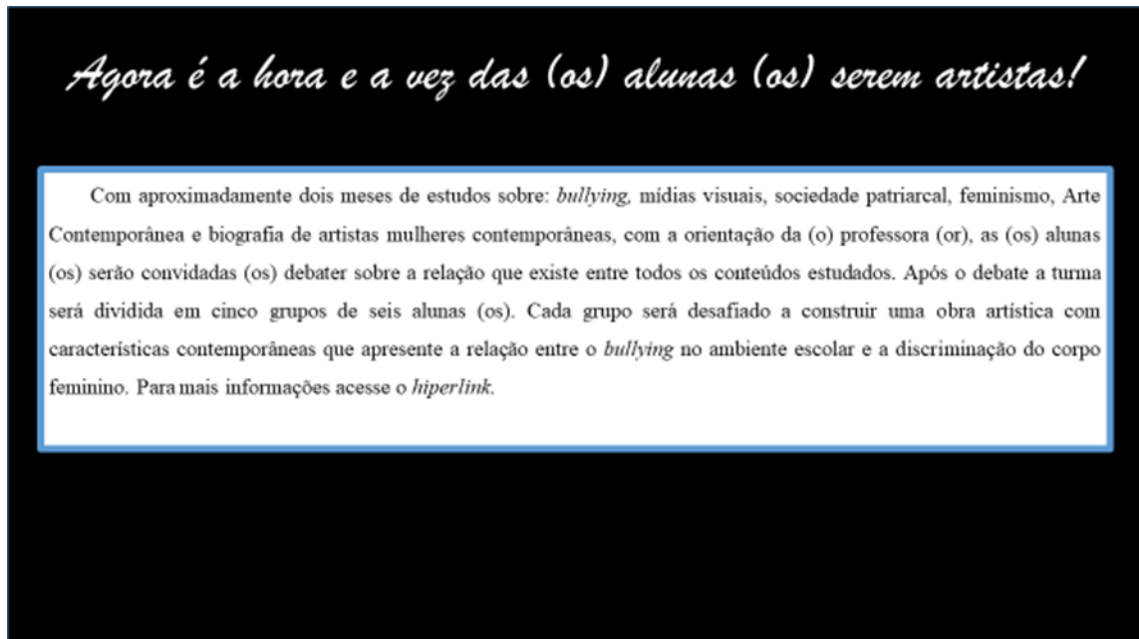
COMO FOI PARTICIPAR DO COMERCIAL DE TV DA AVON? Canal do YouTube: Rosa. São Paulo, 16 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJ-IyArV16I>. Acesso em: 07/07/2020.

Terra dos sonhos: eu sou porque nós somos | Rosa Luz | TEDxBrasília. Canal do YouTube: TEDx Talks. São Paulo, 31 de março de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FT-GrYlkCqs>. Acesso em: 07/07/2020.//

VIEIRA, Tereza Rodrigues. **Adequação de sexo do transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos.** Revista Psicologia-Teoria e Prática, 2000 - editorarevistas.mackenzie.br.

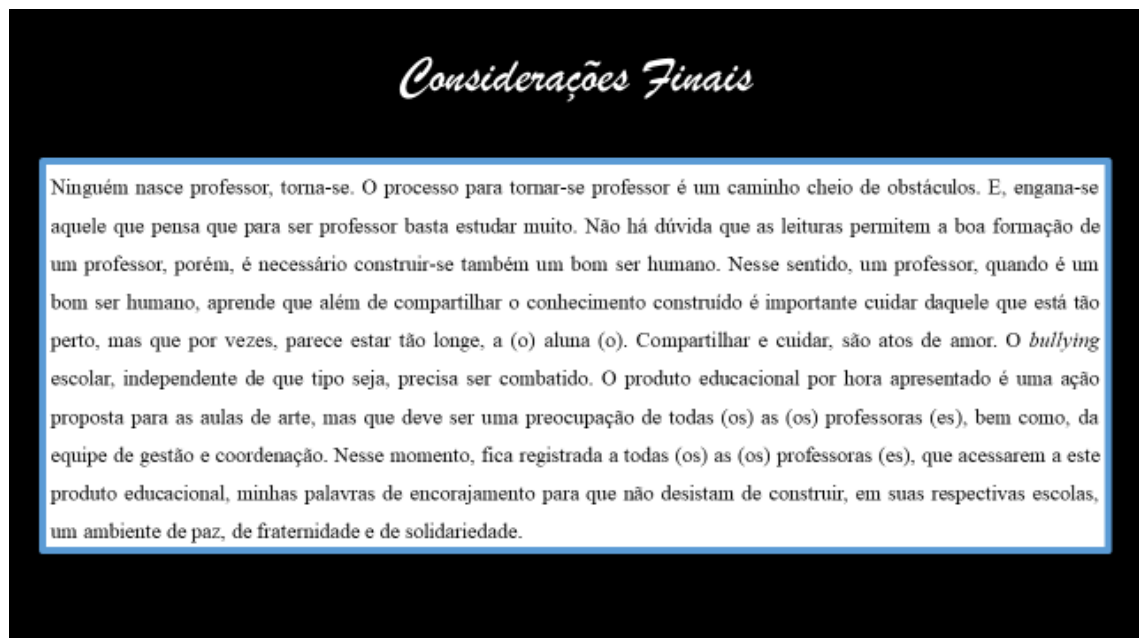
Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 29: PROPOSTA DE ATIVIDADE ARTÍSTICA:





Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

- Imagem 30: CONSIDERAÇÕES FINAIS:



Fonte: O autor – Anderson Silva Prates.

3.2 Sequência didática

	ESTADO DE SANTA CATARINA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO 17ª CRE - ITAJAÍ EEB PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA PEREIRA	
SEQUÊNCIA DIDÁTICA		
AUTOR	ANDERSON SILVA PRATES	
NÍVEL DE ENSINO	ENSINO MÉDIO	
TURMA	TERCEIRO ANO	
COMPONENTE CURRICULAR	ARTES	
TEMA	O <i>BULLYING</i> NA ESCOLA EM RELAÇÃO AO CORPO FEMININO	
OBJETIVO GERAL	<p>Reconhecer a produção artística contemporânea como conteúdo pedagógico, que possibilita o enfrentamento ao <i>bullying</i> no ambiente escolar, especificamente sobre o corpo feminino, através de uma reflexão a respeito da influência exercida pelas mídias.</p>	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	<p>Relacionar a influência da beleza idealizada representada pela TV, pelo cinema, pela moda e pela publicidade, com a ideia de culto ao corpo idealizado tão exaltado pela sociedade de consumo;</p> <p>Ampliar o conhecimento sobre a Arte Contemporânea; Enfatizar a importância do movimento feminista para a Arte Contemporânea produzida por mulheres;</p> <p>Pesquisar os conceitos sobre gênero, através de textos escritos por autores especializados no tema;</p> <p>Elaborar com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio uma atividade artística em grupo com características contemporâneas relacionadas a temática: Por que a representação do corpo feminino para além dos padrões culturalmente impostos pode ser considerada uma forma de transgressão (sentido de rompimento) a ser evitada por uma sociedade patriarcal e machista que não deseja ser contrariada?</p>	
JUSTIFICATIVA	Este trabalho é relevante porque destaca a urgência de se promover na escola ações que possibilitem o enfrentamento ao <i>bullying</i> relacionado ao corpo feminino.	
TEMPO PREVISTO	OITO SEMANAS	
QUANTIDADE DE AULAS	TREZE AULAS	
AULAS POR SEMANA	DUAS AULAS	
TEMPO DE AULA	QUARENTA E CINCO MINUTOS	
ALUNOS POR TURMA	TRINTA ALUNOS	

PRIMEIRA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: O que é <i>bullying</i> ? Em nossa escola existe <i>bullying</i> ? Que ações podemos tomar para combater o <i>bullying</i> ?
RECURSOS	Vídeos e textos.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre o <i>bullying</i> .
SEGUNDA ETAPA	15 minutos para apresentação de um vídeo com o depoimento da autora Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro <i>Bullying: mentes perigosas nas escolas</i> , para o programa Altas Horas, da Rede Globo, apresentado pelo Serginho Groisman.
PRIMEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
ALTAS HORAS - BULLYING - ENTREVISTA ANA BEATRIZ SILVA. Canal do You Tube: Mentas em Pauta. Rio de Janeiro, 29 de maio de 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iL9HgmTTFpI&t=24s . Acesso em: 06/07/2020.	
TERCEIRA ETAPA	15 minutos para apresentação de um vídeo sobre <i>bullying</i> com depoimentos.
SEGUNDO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
BULLYING E GORDOFOBIA NA INFÂNCIA - TENTEI ME MATAR. Canal do YouTube: Samira Oliveira. São Paulo, 29 de maio de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Xblm2Z8F89g&t=300s . Acesso em: 06/07/2020.	
QUARTA ETAPA	30 minutos para leitura de textos com informações específicas sobre o tema <i>bullying</i> na escola. A turma será dividida em cinco grupos de seis alunos. Cada grupo, em conjunto, fará a leitura de um capítulo (resumido) do livro <i>Bullying: mentes perigosas nas escolas</i> , da autora Ana Beatriz Barbosa Silva.

TEXTOS	
GRUPO 1: Aurora de minha vida: Reflexões sobre a vida escolar;	
GRUPO 2: <i>Bullying</i> : perigo nas escolas – A lei dos mais fortes e o silêncio dos inocentes;	
GRUPO 3: Os personagens dessa tragédia – Quem maltrata, quem sofre, quem assiste;	
GRUPO 4: Sucesso e reconhecimento dos que superaram o <i>bullying</i> – A volta por cima dos grandes talentos;	
GRUPO 5: Para construir a vida nova – O que pode ser feito.	
QUINTA ETAPA	15 minutos para os alunos apresentarem reflexões sobre a relação entre os vídeos assistidos e as leituras realizadas.

SEGUNDA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: mídia, poder e emponderamento.
RECURSOS	Vídeos e textos.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre as mídias, o poder e o emponderamento.
SEGUNDA ETAPA	30 minutos para apresentação de um vídeo que propõe o debate sobre as mídias, o poder e o emponderamento.
PRIMEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS - MÍDIA, PODER E EMPODERAMENTO. Canal do YouTube: Juliano Agapito. Santa Catarina, 01 de junho de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lgIoDc6aDqg . Acesso em: 06/07/2020.	
TERCEIRA ETAPA	10 minutos para apresentação de um vídeo sobre o modo como a mídia influencia a sociedade e controla nossas mentes.
SEGUNDO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
10 MANEIRAS QUE A MÍDIA USA DIARIAMENTE PARA MANIPULAR NOSSAS OPINIÕES. Canal do YouTube: Incrível. 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2x9rfruA9E . Acesso em: 06/07/2020.	
QUARTA ETAPA	20 minutos para leitura do texto Poder e emponderamento na cultura digital , da autora Andrea Lapa.

QUINTA ETAPA	15 minutos para os alunos apresentarem reflexões sobre a relação entre os vídeos assistidos e a leitura realizada.
---------------------	--

TERCEIRA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: O que significa o termo sociedade patriarcal? O que é feminismo? O que é gênero?
RECURSOS	Vídeos e textos.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre: a sociedade patriarcal, o movimento feminista, e sobre gênero.
SEGUNDA ETAPA	20 minutos para apresentação de um vídeo que propõe um estudo sobre a sociedade patriarcal.
PRIMEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
A SOCIEDADE PATRIARCAL. Canal do YouTube: Parabólica. 15 de março de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8TsrjedkX5o . Acesso em: 06/07/2020.	
TERCEIRA ETAPA	30 minutos para apresentação de um vídeo que apresenta a arte produzida por mulheres no passado e na atualidade.
SEGUNDO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
A LUTA PELA EQUIDADE DE GÊNERO JOANNA BURIGO TEDXLAÇADOR. Canal do YouTube: TEDx Talks. São Paulo, 23 de julho de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Mig0isxPqy0 . Acesso em: 06/07/2020.	
QUARTA ETAPA	15 minutos para leitura do texto Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? da autora Lia Zanotta Machado. A turma será dividida em cinco grupos de seis alunos. Cada grupo, em conjunto, fará a leitura de trechos, para posterior debate e reflexão.
QUINTA ETAPA	10 minutos para os alunos apresentarem reflexões sobre a relação entre os vídeos assistidos e a leitura realizada.

QUARTA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: O que é Arte Contemporânea? Por que quase não se estuda a arte produzida por mulheres, mulheres não se interessavam por arte?
RECURSOS	Vídeos.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre: Arte Contemporânea e a arte de artistas mulheres na história.
SEGUNDA ETAPA	30 minutos para apresentação de um vídeo que propõe um estudo sobre a Arte Contemporânea.
PRIMEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
ARTE CONTEMPORÂNEA LINGUAGENS E CÓDIGOS NO HORA DO ENEM - EP.413. Canal do YouTube: TV Escola. São Paulo, 12 de setembro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LMElrjN3s5I . Acesso em: 06/07/2020.	
TERCEIRA ETAPA	30 minutos para apresentação de um vídeo que apresenta a arte produzida por mulheres no passado e na atualidade.
SEGUNDO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
CALDO DE CULTURA - MULHERES NA ARTE. Canal do YouTube: UFPR TV. Paraná, 17 de novembro de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cfhijZRMM_Q . Acesso em: 06/07/2020.	
QUARTA ETAPA	15 minutos para os alunos apresentarem reflexões sobre a relação entre os vídeos assistidos.

QUINTA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: Quem é a artista Nazareth Pacheco? De que forma sua obra fala do corpo feminino? Sua obra tem relação com os temas: feminismo, gênero, beleza, dor e violência?
RECURSOS	Vídeos e textos.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre a vida e a obra da artista Nazareth Pacheco.

SEGUNDA ETAPA	30 minutos para apresentação de três vídeos relacionados a Arte Contemporânea:
PRIMEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
"A ARTE HOJE" - AULA SOBRE ARTES 1/3. Canal do YouTube: Escola de Cidadania Ginetta Calliari. São Paulo, 16 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qhQW8LylcxU&list=PLrR30qla0JcppNH8T1p754DRm4V7ngZP5 . Acesso em: 07/07/2020.	
SEGUNDO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
"ARTE CONTEMPORÂNEA: COMO RELACIONAR-SE?" - AULA SOBRE ARTES 2/3. Canal do YouTube: Escola de Cidadania Ginetta Calliari. São Paulo, 16 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XnG3dNxaRuc&list=PLrR30qla0JcppNH8T1p754DRm4V7ngZP5&index=2 . Acesso em: 07/07/2020.	
TERCEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
"UM DIÁLOGO NECESSÁRIO" - AULA SOBRE ARTES 3/3. Canal do YouTube: Escola de Cidadania Ginetta Calliari. São Paulo, 16 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IdRZDeT2Ms&list=PLrR30qla0JcppNH8T1p754DRm4V7ngZP5&index=3 . Acesso em: 07/07/2020.	
TERCEIRA ETAPA	15 minutos para apresentação de um vídeo em que a artista Nazareth Pacheco fala sobre a relação que existe entre a sua vida e a sua obra.
QUARTO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
GILETE AZUL. Canal do YouTube: ARTE! Brasileiros. São Paulo, 2003. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xPgYWVefiro&t=407s . Acesso em: 07/07/2020.	
QUARTA ETAPA	15 minutos para leitura de texto O corpo na poética de Nazareth Pacheco na década de 1990 , da autora Hiáscara Alves Pereira, especificamente o apêndice com a entrevista da artista.
QUINTA ETAPA	15 minutos para os alunos apresentarem reflexões sobre a relação entre os vídeos assistidos e a leitura realizada.


SEXTA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: Quem é a artista Rosana Paulino? Sua obra fala do corpo feminino, de que forma? Sua obra tem relação com os temas: feminismo, gênero, pertencimento e violência?
RECURSOS	Vídeos e textos.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	

PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre a vida e a obra da artista Rosana Paulino.
SEGUNDA ETAPA	20 minutos para apresentação de um vídeo em que a artista Rosana Paulino fala sobre a relação que existe entre a sua vida e a sua obra.
PRIMEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
ROSANA PAULINO LEGENDADO. Canal do YouTube: thefrankmuseum. Estados Unidos, 9 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mKu9_a3sznk . Acesso em: 07/07/2020.	
TERCEIRA ETAPA	10 minutos para apresentação de um vídeo com leituras de obras realizadas pela artista Rosana Paulino.
SEGUNDO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
ROSANA PAULINO E A MULHER NEGRA NA HISTÓRIA DA ARTE. Canal do YouTube: vivieuvi. São Paulo, 11 de novembro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b_bVwd1z3fc . Acesso em: 07/07/2020.	
QUARTA ETAPA	30 minutos para apresentação de um vídeo em que a artista Rosana Paulino apresenta uma leitura de suas obras que estavam presentes na exposição A Costura da Memória que foi apresentada pela Pinacoteca de São Paulo de 8 de dezembro de 2018 até 4 de março de 2019.
TERCEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
ROSANA PAULINO COSTURA DA MEMÓRIA. Canal do YouTube: Celia Antonacci. São Paulo, 4 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uNEIJArBdKw . Acesso em: 07/07/2020.	
QUINTA ETAPA	15 minutos para leitura de texto Da política às micropolíticas , da autora Kátia Canton.

SÉTIMA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: Quem foi a artista Márcia X? Sua obra fala do corpo feminino, de que forma? Sua obra tem relação com os temas: feminismo, gênero, o “sagrado e o profano”, sexualidade e religião?
RECURSOS	Vídeos e textos.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	

PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre a vida e a obra da artista Márcia X.
SEGUNDA ETAPA	10 minutos para apresentação de um vídeo que apresenta uma narrativa sobre diversas obras da artista Marcia X.
PRIMEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
MÁRCIA X - ARTE E FEMINISMO. Canal do YouTube: vivieuvi. São Paulo, 07 de setembro de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KW0e1J0JHRI . Acesso em: 07/07/2020.	
TERCEIRA ETAPA	20 minutos para apresentação e debate sobre um vídeo que apresenta uma performance inspirada na obra Pancake da artista Marcia X.
SEGUNDO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
NOSSA SENHORA DA FEIRA OU AFRICANIZANDO MÁRCIA X. Canal do YouTube: parabelos. São Paulo, 23 de março de 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y2usWG9-2E8 . Acesso em: 07/07/2020.	
QUARTA ETAPA	15 minutos para leitura de texto A iconoclastia sagrada de Márcia X.: arte contemporânea, performance e religião da autora Paola Lins de Oliveira.
QUINTA ETAPA	20 minutos para leitura do texto Opressões de Gênero na Obra de Márcia X da autora Amanda Justo.
SEXTA ETAPA	10 minutos para os alunos apresentarem reflexões sobre a relação entre os vídeos assistidos e as leituras realizadas.

OITAVA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: Quem é a artista Santarosa Barreto? Sua obra fala do corpo feminino, de que forma? Sua obra tem relação com os temas: feminismo, gênero, machismo e sexualidade?
RECURSOS	Projektor Data Show – slide e texto.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre a vida e a obra da artista Santarosa Barreto.

SEGUNDA ETAPA	30 minutos para análise da obra produzida pela artista Santarosa Barreto, Brasil e suas reflexões cotidianas ou Brasil neon , relacionando-a com o livro A beleza impossível: mulher, mídia e consumo , da autora Rachel Moreno. Em seguida, a turma será dividida em seis grupos de cinco alunos. Cada grupo, em conjunto, fará a leitura de um capítulo (resumido) do livro.
IMAGEM PARA ANÁLISE	
	<div style="border: 1px solid black; padding: 10px; text-align: center;"> <p>Santarosa Barreto. <i>Brasil e suas reflexões cotidianas ou Brasil neon</i>. 2016. Neon, fios elétricos e transformador. Dimensão: 63 x 152 x 2 cm. Catálogo Virtual do Museu de Arte Brasileira.</p> </div>
TEXTOS	
<p>GRUPO 1: BREVE HISTÓRIA DA BELEZA; GRUPO 2: A MULHER BRASILEIRA HOJE; GRUPO 3: O QUE SE VÊ E SE PRODUZ NA MÍDIA; GRUPO 4: OS HOMENS GRUPO 5: O QUE SE FAZ E SE DEIXA FAZER GRUPO 6: A SAÍDA?</p>	
TERCEIRA ETAPA	45 minutos para os alunos apresentarem reflexões sobre a relação entre a imagem analisada e as leituras realizadas.

NONA AULA	
INTRODUÇÃO	Vamos debater sobre: Quem é a artista trans. Rosa Luz? Sua obra fala do corpo feminino, de que forma? Sua obra tem relação com os temas: feminismo, gênero, invisibilidade social e violência?
RECURSOS	Vídeos e textos.
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	

PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula e a abordagem sobre a vida e a obra da artista Rosa Luz.
SEGUNDA ETAPA	10 minutos para apresentação de um vídeo em que a artista Rosa Luz fala sobre a relação que existe entre a sua vida e a sua obra.
PRIMEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
E SE A ARTE FOSSE TRAVESTI? COM ROSA LUZ. Canal do YouTube: vivieuvi. São Paulo, 23 de abril de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fABr5hzEsrE . Acesso em: 07/07/2020.	
TERCEIRA ETAPA	5 minutos para apresentação de um vídeo em que a artista Rosa Luz entrevista a funkeira MC Carol e fala sobre pertencimento e padrão de beleza no funk.
SEGUNDO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
DICA PRA SER FUNKEIRA #1 - Com MC Carol de Niterói. Canal do YouTube: Rosa. São Paulo, 8 de agosto de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ol5T1XvYbq0 . Acesso em: 07/07/2020.	
QUARTA ETAPA	15 minutos para apresentação de um vídeo em que a artista Rosa Luz é entrevistada pela cientista social Nátaly Neri. Na entrevista a artista Rosa Luz fala sobre feminismo <i>trans.</i> , hipersexualização, racismo, transfobia, racismo e violência.
TERCEIRO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
TRANSFEMINISMO COM ROSA LUZ. Canal do YouTube: Nátaly Neri. São Paulo, 23 de junho de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gi6MTiwyCrU . Acesso em: 07/07/2020.	
QUINTA ETAPA	10 minutos para a apresentação de um vídeo em a artista Rosa Luz apresenta os bastidores de uma campanha publicitária feita para marca Avon. Uma campanha que fala de inclusão, racismo, pertencimento, identidade trans. e empoderamento.
QUARTO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	
COMO FOI PARTICIPAR DO COMERCIAL DE TV DA AVON? Canal do YouTube: Rosa. São Paulo, 16 de julho de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VJ-IyArV16I . Acesso em: 07/07/2020.	
SEXTA ETAPA	5 minutos para apresentação de um vídeo em que a artista Rosa Luz se apresenta recitando uma poesia crítica que fala sobre sua vida, sua família, suas mazelas, seu percurso, sua transição, sua dor e a dos seus pares, bem como da hipocrisia social e da violência.
QUINTO VÍDEO PARA ANÁLISE e DEBATE	

Terra dos sonhos: eu sou porque nós somos | Rosa Luz | TEDxBrasilia. Canal do YouTube: TEDx Talks. São Paulo, 31 de março de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FT-GrYlkCqs>. Acesso em: 07/07/2020.

SÉTIMA ETAPA	15 minutos para leitura de texto Adequação de sexo do transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos , da autora Tereza Rodrigues Vieira.
OITAVA ETAPA	15 minutos para os alunos apresentarem reflexões sobre a relação entre os vídeos assistidos e a leitura realizada.

DÉCIMA AULA

INTRODUÇÃO

Com aproximadamente dois meses de estudos sobre: *bullying*, mídias visuais, sociedade patriarcal, feminismo, Arte Contemporânea e biografia de artistas mulheres (cisgênero e transgênero) contemporâneas, com a orientação da (o) professora (or) as (os) alunas (os) serão convidadas (os) debater sobre a relação que existe entre todos os conteúdos estudados. Após o debate a turma será dividida em cinco grupos de seis alunas (os). Cada grupo será desafiado a construir uma obra artística com características contemporâneas que apresente a relação entre o *bullying* no ambiente escolar e a discriminação do corpo feminino.

INSTRUÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOS GRUPOS E PARA A REALIZAÇÃO DAS OBRAS ARTÍSTICAS:

- Solicitar a turma que formem cinco grupos de seis alunos.
- Informar que cada grupo deverá escolher um líder.
- Posteriormente, haverá um sorteio para que seja definida qual artista contemporânea será a inspiração de cada grupo.
- Em seguida, cada grupo ficará responsável por idealizar uma obra artística inspirada nas obras de uma das cinco artistas contemporâneas estudadas.
- Ficará pré-determinado que as obras artísticas idealizadas pelo **grupo idealizador** não serão realizadas pelos mesmos, mas sim, por outro grupo que aqui chamaremos de **grupo realizador** correspondente.
- Dessa forma:

Grupo idealizador	Grupo realizador
Grupo 1	Grupo 3
Grupo 2	Grupo 4
Grupo 3	Grupo 5
Grupo 4	Grupo 2
Grupo 5	Grupo 1

- Os **grupos idealizadores** e **realizadores** utilizarão o aplicativo WhatsApp. Assim, teremos cinco grupos no aplicativo, para que dessa forma, dentro e fora da escola, as (os) alunas (os) possam debater e criar, suas propostas artísticas.
- Os **grupos idealizadores** terão uma semana para a realização de pesquisas e criação.
- Após a idealização da obra criada, através do aplicativo, as (os) alunas (os) deverão criar um áudio, para descrever a obra com o máximo de detalhes.
- Após a criação do áudio, com a descrição da obra artística, os **grupos idealizadores** deverão compartilhá-la com os respectivos **grupos realizadores** que serão responsáveis pela materialização da obra idealizada.
- Os **grupos realizadores** terão liberdade para escolher quais meios de expressão artístico contemporâneo serão mais adequados, respeitando assim, a realidade das condições econômicas das (os) alunas (os).
- Os **grupos realizadores**, após receberem o áudio, terão uma semana para a execução da obra artística.
- Na aula em que serão expostas as obras artísticas, um membro de cada **grupo idealizador** deverá através de um relatório avaliar a obra criada pelo seu **grupo realizador** correspondente.

Obs.: Todas as informações serão entregues para cada grupo.

RECURSOS	Vídeos, textos, fichas norteadoras e roteiro para descrição das obras.		
FICHA NORTEADORA			
ARTISTA	MEIOS DE EXPRESSÃO		
NAZARETH PACHECO	INSTALAÇÃO e ESCULTURA		
ROSANA PAULINO	DESENHO, FOTOGRAFIA, ESCULTURA e INSTALAÇÃO		
MARCIA X	PERFORMANCE e INSTALAÇÃO		
SANTAROSA BARRETO	TEXTO VISUAL		
ROSA LUZ	FOTOGRAFIA e PERFORMANCE		
EXEMPLOS DE MEIOS DE EXPRESSÃO			
TRADICIONAIS		CONTEMPORÂNEOS	
DESENHO	COLAGEM	HAPPENING	INSTALAÇÃO
GRAVURA	FOTOGRAFIA	PERFORMANCE	VÍDEO ART
PINTURA	READY-MADE	ASSEMBLAGE	WEB ART
ESCULTURA		SITE ESPECIFIC	GAME ART
		LIVRO DE ARTISTA	BODY ART
ROTEIRO PARA DESCRIÇÃO DAS OBRAS			
QUAL MEIO DE EXPRESSÃO SERÁ UTILIZADO: TRADICIONAL ou CONTEMPORÂNEO?			
QUAL ou QUAIS MEIOS SERÁ (ÃO) UTILIZADOS?			
QUE MATERIAIS SERÃO UTILIZADOS?			

ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula.
SEGUNDA ETAPA	60 minutos para que a turma possa debater sobre a relação que existe entre todos os conteúdos estudados e as características das obras das artistas estudadas, sob orientação da (do) professora (or). Obs.: Serão disponibilizados os textos e os links dos vídeos assistidos nas aulas para que os alunos possam analisar e debater.
TERCEIRA ETAPA	15 minutos para a formação dos grupos, escolha do líder de grupo, sorteio das artistas que serão estudadas por cada grupo idealizador (uma artista para cada grupo) e por fim, a escolha do tema da exposição. Obs. 1: O tema da exposição deverá estar relacionado as seguintes palavras-chave: bullying, corpo feminino e ressignificação. Obs. 2: Para a próxima aula os grupos idealizadores já deverão apresentar o áudio para os grupos realizadores.

DÉCIMA PRIMEIRA AULA	
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada, e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula.
SEGUNDA ETAPA	45 minutos de aula dedicados para os encaminhamentos relacionados a idealização/realização das obras artísticas.
TERCEIRA ETAPA	30 minutos de aula dedicados para programar a organização da exposição das obras artísticas criadas (escolha do local em que serão realizadas as exposições: sala de aula, pátio da escola, ginásio esportivo etc.). Obs. 1: A Equipe Gestora, a Coordenação Pedagógica, os Professores, os alunos da escola, os pais/responsáveis e a comunidade escolar, serão previamente avisados sobre o dia da exposição através das redes sociais e de cartazes. Obs. 2: A exposição ocorrerá durante uma semana, nos três períodos.

DÉCIMA SEGUNDA AULA	
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula.
SEGUNDA ETAPA	45 minutos de aula dedicados para a preparação/montagem das obras artísticas.
TERCEIRA ETAPA	30 minutos de aula dedicados para que o líder de cada grupo idealizador, mais o professor, possam avaliar através de um relatório a obra criada pelo seu grupo realizador correspondente.

TABELA DE AVALIAÇÃO						
CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO				Nº DO GRUPO REALIZADOR	NOTAS	
NOME DO ALUNO AVALIADOR		Nº DO GRUPO IDEALIZADOR		ALUNA (o)	PROFESSORA (OR)	
NOME DA OBRA ARTÍSTICA AVALIADA						
1	O TÍTULO DA OBRA ARTÍSTICA É ORIGINAL E ESTÁ RELACIONADO AO TEMA DA EXPOSIÇÃO?					
	JUSTIFIQUE					
	SIM	NÃO	TALVEZ			
2	A OBRA ARTÍSTICA TEM RELAÇÃO COM O TEMA DA EXPOSIÇÃO?					
	JUSTIFIQUE					
	SIM	NÃO	TALVEZ			
3	O MEIO DE EXPRESSÃO ARTÍSTICO UTILIZADO TEM RELAÇÃO COM A ARTE CONTEMPORÂNEA?					
	JUSTIFIQUE					
	SIM	NÃO	TALVEZ			
4	A OBRA ARTÍSTICA APRESENTA ALGUMA DAS SEGUINTESS CARACTERÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS: EFÊMERA E OU INTERATIVA?					
	JUSTIFIQUE					
	SIM	NÃO	TALVEZ			
TOTAL DA AVALIAÇÃO FINAL ALUNO E PROFESSOR						
MÉDIA FINAL DA AVALIAÇÃO						

- Observação 1: As obras ficarão em exposição na escola por uma semana, nos três períodos.
- Observação 2: A (o) líder de cada grupo e a professora (or) avaliarão as obras artísticas criadas. A pontuação máxima de cada item valerá dois e meio (2,5), totalizando dez (10). A média final será o resultado da divisão da soma das notas do aluno e do professor.

DÉCIMA TERCEIRA AULA	
ETAPAS DA AULA	
Serão duas aulas seguidas por semana, com 45 minutos cada uma, totalizando 90 minutos de aula, divididas em:	
PRIMEIRA ETAPA	15 minutos para organizar o ambiente e a turma, fazer a chamada e repasse de informações sobre como ocorrerá a aula.
SEGUNDA ETAPA	30 minutos para que cada grupo avalie o resultado final da exposição das suas obras artísticas. O objetivo de falar sobre o bullying no ambiente escolar relacionado ao corpo feminino foi alcançado? A linguagem artística contemporânea provocou facilidades ou dificuldades na construção e na leitura da obra artística? A reação do público foi a esperada?
TERCEIRA ETAPA	45 minutos para que cada grupo avalie o resultado final da exposição das obras artísticas, através de um texto dissertativo, respondendo a seguinte pergunta: A biografia artística das artistas contemporâneas estudadas contribuiu no enfrentamento ao bullying?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém nasce professor, torna-se. O processo para tornar-se professor é um caminho cheio de obstáculos. E, engana-se aquele que pensa que para ser professor basta estudar muito. Não há dúvida que as leituras permitem a boa formação de um professor, porém, é necessário construir-se também um bom ser humano.

Nesse sentido, um professor, quando é um bom ser humano, aprende que além de compartilhar o conhecimento construído é importante cuidar daquele que está tão perto, mas que por vezes, parece estar tão longe, a (o) aluna (o). Compartilhar e cuidar, são atos de amor.

O *bullying* escolar, independente de que tipo seja, precisa ser combatido. O produto educacional por hora apresentado é uma ação proposta para as aulas de arte, mas que deve ser uma preocupação de todas (os) as (os) professoras (es), bem como, da equipe de gestão e coordenação.

Nesse momento, fica registrada a todas (os) as (os) professoras (es), que acessarem a este produto educacional, minhas palavras de encorajamento para que não desistam de construir, em suas respectivas escolas, um ambiente de paz, de fraternidade e de solidariedade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o programa de combate a intimidação sistêmica (*bullying*). Brasília Congresso Nacional, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANTON, Katia. **Da política às micropolíticas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- JUSTO, Amanda. **Opressões de gênero na obra de Marcia X**. 2013. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Artes Cênicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/125919>. Acesso em: 25/07/2020.
- LAPA, Andrea. Poder e empoderamento na cultura digital. *In*: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação**. Em Aberto: Brasília, v. 28, n. 94, p. 222 a 227, 2015.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** Série Antropológica, n. 284, Brasília, 2000.
- MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. São Paulo. Editora Ágora, 2016.
- OLIVEIRA, Paola Lins. A iconoclastia sagrada de Márcia X.: arte contemporânea, performance e religião. *In*: **Ponto Urbe** [Online], 15. São Paulo, v.15, p.1 a 32, 2014. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/2245> . Acesso em: 25/07/2020.
- PEREIRA, Hiáscara Alves. **O corpo na poética de Nazareth Pacheco na década de 1990**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/2089>. Acesso em: 25/07/2020.
- RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. *In*: **Movimento & Percepção**. Espírito Santo de Pinhal, v.5, n.6, p. 80 a 90, 2005.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- VIEIRA, Tereza Rodrigues. Adequação de sexo do transexual: aspectos psicológicos, médicos e jurídicos. **Revista Psicologia – Teoria e Prática**, São Paulo. v. 2, n. 2, p. 88 a 102, 2000.